

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Letícia de Andrade Vilela Fonseca Paião

Mulheres Imigrantes: articulação política e desejo

Um estudo psicanalítico em torno da imigração.

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**SÃO PAULO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Letícia de Andrade Vilela Fonseca Paião

Mulheres Imigrantes: articulação política e desejo

Um estudo psicanalítico em torno da imigração.

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social sob a orientação da Profa. Doutora Miriam Debieux Rosa

**SÃO PAULO
2009**

BANCA EXAMINADORA

Ao meu marido, João, por ter percorrido este caminho junto, suportando minha ausência no início de nosso casamento.

Aos meus pais: à minha mãe, por ter me despertado para o prazer da busca pelo saber e ao meu pai por seu apoio incondicional para que esse percurso tenha sido possível.

À Beatriz, por ser simplesmente minha irmã - com quem construí meu lugar no mundo.

À Fátima, por sua escuta imprescindível que me autorizou a realizar a escrita deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Miriam Debieux Rosa, por ter oferecido um espaço de pertença no Laboratório Psicanálise e Sociedade na USP e no Núcleo de Pesquisa Violência: Sujeito e Política, em conjunto com Maria Cristina Vicentin. E por ter-me feito acreditar que seria possível dar corpo às palavras que hoje sustentam esta pesquisa.

Ao Professor Dr. Pedro Luiz Ribeiro de Santi, pelos comentários e preciosas contribuições que me fizeram reconhecer minha “escuta” das imigrantes e pela presença e disponibilidade em participar do exame de qualificação e banca.

A professora Dra. Regina Fabbrini, pela leitura afinada do texto e contribuições fundamentais que me autorizaram escrever em nome próprio. Pela presença e disponibilidade em participar do exame de qualificação e banca.

Ao CNPq, pelo incentivo financeiro

Ao Centro de Apoio ao Imigrante, ao Paulo Illes e toda a equipe pela parceria no trabalho.

À minha saudosa amiga Heleninha, parceira marcante no trabalho com os bolivianos e interlocutora significativa na realização da escrita desta pesquisa.

À Sandra, Márcio, Mário e a todos amigos do grupo “Migração e Cultura” pelo espaço de construção e reflexão em nossas intervenções com os imigrantes e pelo apoio e amizade de todos. E aos colegas pesquisadores do Núcleo de Pesquisa

Violência: Sujeito e Política pelas contribuições fundamentais feitas em diversos momentos da construção deste trabalho.

À Taeco, pelo apoio inicial: sem seu empurrão nada deste trabalho teria sido possível. Pela sua amizade, interlocução e discussão das questões da imigração.

Ao Juracy, que acreditou desde o início que eu poderia percorrer este caminho de muito trabalho e dedicação.

À Vanessa, por sua amizade e companhia incansável de todo o percurso, pela presença na qualificação, pelas leituras, comentários e contribuições até o último dia.

À Mônica e Luciana, amigas e parceiras no trabalho com os bolivianos.

À Cattia, pela sua amizade e pelo seu inglês.

À Lucy, pela revisão do português, pela formatação e pela correria do final do trabalho.

Às amigas: Janaína Bertolini, Vivian e Maria Helena e todos os outros amigos, que de alguma maneira estiveram presentes antes e durante este trabalho.

RESUMO

PAIÃO, L.A.V.F. Mulheres imigrantes: articulação política e desejo

- Um estudo psicanalítico em torno da imigração -

Toma-se o referencial psicanalítico para pensar as questões trazidas pela imigrante em seu percurso de deslocamento da Bolívia até o Brasil. Investiga-se se nesse processo a boliviana consegue reeditar o lugar que lhe foi destinado em sua família e país de origem a fim de construir um novo lugar subjetivo, político e cultural que lhe permita situar-se frente ao seu desejo. Problematiza-se se o deslocamento territorial funciona ou não como articulador desse deslocamento de posição subjetiva. Indaga se as soluções encontradas por elas no campo político em terra estrangeira articularam seu lugar de sujeito de uma história ficcional. A hipótese central deste trabalho é mostrar que, além de ser um fenômeno social, político e econômico, a imigração é também uma escolha subjetiva de cada mulher, representando uma estratégia que visa a transformações de sua posição na família e na cultura, para que consiga assumir uma posição em sua ficção individual que autorize um lugar de sujeito desejante. O estudo se faz em torno de fragmentos das intervenções clínico-políticas com usuárias do Centro de Apoio ao Migrante. A análise de cada caso constata que, diante os impasses e do mal-estar decorrentes da imigração, cada mulher cria saídas subjetivas baseadas nos referenciais simbólicos do mito familiar e da história ficcional. Conclui que a imigração é não somente um projeto individual, mas também familiar, pois os deslocamentos subjetivos no processo migratório geram uma reconfiguração dos vínculos familiares. O deslocamento territorial, entretanto, não garante um deslocamento da posição subjetiva, a qual dependerá do tempo subjetivo necessário para cada imigrante estabelecer sua posição e reconhecimento diante dos novos referenciais simbólicos da sociedade estrangeira.

Palavras-chave: mulheres, família, imigrantes, imigração, psicanálise, intervenção clínico-política.

ABSTRACT

PAIÃO, L.A.V.F. Immigrant women: articulation of politics and desire

- A psychoanalytical study on immigration -

Based primarily on the psychoanalytical approach, this research focuses on issues brought by immigrants in their journey of displacement from Bolivia to Brazil. Its goal is to investigate whether Bolivian immigrants in Brazil are able to reissue their place in their family and country of origin to build a new subjective place, political and cultural enabling them to face the task of taking up his or her desire. It problematizes whether the territorial displacement implies a displacement of the subject's position. Asks whether the solutions found by them in the political arena in a foreign land is articulated to their place as a subject of a fictional story. The central hypothesis of this work is to show that, besides being a social phenomenon, political and economic, immigration is also a subjective choice of each woman, representing a strategy that aims to change the position in the family and culture, to achieve a position in her fiction to allow an individual place as a subject of desire. This study draws on excerpts of clinical and political interventions with users of the Center for Migrant Support. The analysis of each case notes that, up against the impasses and the uneasiness arising from immigration, each woman creates solutions based on subjective symbolic references to family myth and fictional history. It concludes that immigration is not only an individual project, but also familiar, because the subject's displacements in the migratory process generate a reconfiguration of family ties. The territorial displacement, however, does not warrant a shift of the subjective position, which depends on the subjective time needed for each immigrant establish his or her position and recognition before the new symbolic references of a foreign society.

Keywords: women, family, immigrants, immigration, psychoanalysis, clinical-political intervention.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 <u>HISTÓRIA DA BOLÍVIA E A IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL</u>	13
1.1 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE UM PAÍS CHAMADO BOLÍVIA	14
1.2 BOLÍVIA E SUA RELAÇÃO COM A AMÉRICA LATINA	16
1.3 MARCAS DA HISTÓRIA DA BOLÍVIA NA HISTÓRIA DOS BOLIVIANOS.....	17
1.4 BRASIL: LUGAR DE ACOLHIMENTO AOS ESTRANGEIROS (?).....	19
1.5 A PASSAGEM DE TREM DE CORUMBÁ... A ENTRADA DOS BOLIVIANOS NO BRASIL.....	25
2 <u>A PSICANÁLISE NO ENCONTRO COM A IMIGRAÇÃO</u>	28
2.1 PESQUISA E PSICANÁLISE: INTERVENÇÃO CLÍNICO-POLÍTICA E SEUS IMPASSES	29
2.1.1 RELAÇÃO INTRÍNSECA ENTRE PSICANÁLISE, CLÍNICA E PESQUISA	29
2.1.2 INTERVENÇÃO CLÍNICO-POLÍTICA: DEFINIÇÃO E IMPASSES	31
2.2 EM CENA: ESCUTA DA DEMANDA E INTERVENÇÕES PSICANALÍTICAS NO CAMI.....	34
2.2.1 OS PERSONAGENS DA TRAMA E SEUS NOMES.....	35
2.2.2 DEMANDAS.....	36
2.2.3 PROPOSTAS DE TRABALHOS.....	42
2.2.4 ALGUMAS INTERPRETAÇÕES.....	46
2.3 DESLOCAMENTO TERRITORIAL COMO OPERADOR DO DESLOCAMENTO PSÍQUICO E AS MULHERES BOLIVIANAS.	51
2.4 MITO INDIVIDUAL E MITO FAMILIAR NO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO	56
2.4.1 O MITO FAMILIAR.....	57
2.5 A MÃE, A METÁFORA PATERNA E A CRIAÇÃO DO MITO INDIVIDUAL DO NEURÓTICO ...	65
3 <u>SAÍDAS SUBJETIVAS NA IMIGRAÇÃO.....</u>	69
3.1 MULHER IMIGRANTE: IMPASSES E SAÍDAS SUBJETIVAS.....	71
3.1.1 ISADORA: ENTRE O ESTUDO, O PAI E O AMOR	72
3.1.2 LUANA: DO LUGAR DE MIMO DA MÃE À MÁQUINA DE COSTURA	79
3.1.3 MARIA: ENTRE MULHERES BONITAS E A MÃE-IGREJA.....	84
3.1.4 MAÍRA: ENTRE A MÃE E A FILHA.....	86
3.1.5 ANGÉLICA: TERRA ESTRANGEIRA E O FILHO QUE FALA PORTUGUÊS.	89
3.2 TRANSFORMAÇÕES E DESLOCAMENTOS NO MITO FAMILIAR DECORRENTES DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO.....	92
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	99
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	108

INTRODUÇÃO

O texto que será tecido nesta dissertação traz em sua costura uma leitura que toma a psicanálise como referencial teórico para pensar as questões trazidas pela mulher migrante, no percurso de deslocamento da Bolívia até o Brasil. O horizonte em que se situa o trabalho consiste na forma como as políticas públicas e governamentais brasileiras referentes à imigração atravessam as questões de ordem subjetiva trazidas pela mulher boliviana na condição de estrangeira no Brasil. Interrogo os sujeitos desta pesquisa não apenas em seus atos e fantasias, mas também em suas relações com o Estado, na forma em que se posicionam frente a lei social à qual todos estão submetidos.

Ao longo deste trabalho será discutida a questão da mulher migrante, que em condição de estrangeira, frente aos impactos psíquicos e sociais sofridos pelo desconhecido, busca articular na cultura um lugar de reconhecimento social e subjetivo.

A frase de Goethe, segundo a qual, aquilo que herdamos de nossos pais devemos conquistar para fazê-lo nosso, ilustra o objetivo desta dissertação: investigar se cada mulher boliviana, ao migrar para o Brasil, consegue reeditar o lugar que lhe foi destinado em sua família e no país de origem, para construir um novo lugar subjetivo, político e cultural que lhe permita se situar frente ao seu desejo. Problematisa, portanto, se o deslocamento territorial funcionou ou não como um articulador desse deslocamento de posição subjetiva. Indaga se as soluções encontradas por elas no campo político em terra estrangeira - por exemplo, ter um filho para se legalizar no país estrangeiro, trabalhar nas oficinas de costura, criar a própria oficina, participar de movimentos sociais relacionados à imigração, entre outras possibilidades - articularam seu lugar de sujeito de uma história ficcional.

A hipótese central desse trabalho é mostrar que a imigração além de ser um fenômeno social, político e econômico, é também uma escolha subjetiva de cada mulher, representando uma estratégia que visa a transformações de sua posição na família e na cultura, para que consiga assumir uma posição na sua ficção individual que autorize um lugar de sujeito desejante.

Apresentamos o tema do querer feminino na relação com o estrangeiro enquanto possibilidade de a mulher se posicionar nas relações sociais e se autorizar frente ao desejo. Tal é o caso de uma mulher boliviana que encontrou, ao vir para o Brasil, uma chance de se vestir como mulher e não mais como uma moça de igreja, posição imposta e permitida enquanto vivia na Bolívia. Convido a analisar se apenas o deslocamento de território é o suficiente para produzir transformações da posição subjetiva ocupada na família e assim levar a uma (re)construção de uma história ficcional, de um mito individual.

Esta pesquisa pensa a mulher boliviana que vem para o Brasil na busca do desejo que se traduz em conquistar um novo trabalho, em poder ter uma casa, ter a própria vida, construir uma nova família ou casar-se com um homem - ao seu modo -, entre outras saídas que serão discutidas no Capítulo 3 deste trabalho. Essa mulher imigra por diversas razões, como a falta de recursos em seu país ou escassas oportunidades de emprego ou de estudos. Há também aquelas que falam que vir para o Brasil trouxe a possibilidade de ter um novo lugar familiar, enquanto mulheres.

A vinda da boliviana para o Brasil é motivada por sonhos. Não é somente trabalho, mas também sonho de conhecer a praia, sonho de estudar. São diversos os desejos, cada uma em busca de uma versão possível para esse enigma que é o desejo. Como Freud nos ensinou, não há uma versão mais certa ou mais errada, mas o resultado de uma equação que se dá pela vida inteira de cada ser humano frente à falta de representação simbólica para dizer daquilo que falta. Diante do desejo, essa mulher procura um destino na cultura para a solução encontrada frente a ele.

Emblemático da articulação política e desejo na imigração é o fato de que, politicamente e perante a lei brasileira que rege a condição do imigrante no Brasil, a mulher imigrante pode alcançar a legalidade no país pela via da maternidade. Ou seja, ao ter um filho em território brasileiro, a imigrante alcança o visto de permanência legal para si e sua família. A mulher ocupa um lugar importante nas políticas de imigração, pois seus filhos nascidos no Brasil serão registrados como brasileiros. A legislação brasileira referente a estrangeiros define ainda que qualquer imigrante adulto que tenha um menor brasileiro nato sob sua dependência conseguirá para este, para si própria e

para o pai da criança o visto de permanência no Brasil. Além disso, caso tenha filhos nascidos na Bolívia, estes também conseguirão obter o visto de permanência.

Ao longo desta pesquisa discuto se há em algumas dessas mulheres o desejo de se “*embaraçarem*”¹ num novo país, ao mesmo tempo em que se desembaraçam do país de origem, deixando para trás a terra natal onde seus antepassados estão enterrados. Pela via do desejo, muitas deixam a casa dos pais em busca de um lugar onde possam se amarrar e construir simbolicamente uma “casa” que seja sua.

Esta dissertação interroga o querer feminino. Assim como a Freud, uma questão me inquieta: O que querem essas mulheres? Mulheres, no caso desta pesquisa, bolivianas, de origem indígena –*aimarás* e *quéchuas*, principalmente– e campesina, que trazem uma história de várias imigrações, e que buscaram o Brasil como país a migrar, pois tinham uma imagem que lhes transmitia a idéia que aqui seus desejos poderiam ser realizados. Essas mulheres moram no Brasil, na cidade de São Paulo e têm o objetivo manifesto de trabalhar nas oficinas de costura, situadas nos bairros do Brás, Bom Retiro e Pari, região central de São Paulo. Relatam que na Bolívia não encontram empregos que lhes dêem boas condições de trabalho e remuneração. São atraídas por propagandas que prometem emprego, moradia e alimentação. Estas destacam que poderão também conhecer a praia, pois os locais de trabalho se localizam em cidades praianas.

O interesse sobre mulheres imigrantes surgiu do trabalho desenvolvido em instituições de abrigo, assistência e acolhimento a imigrantes, no ano de 2006. O trabalho em questão pertence ao projeto Migração e Cultura: Experiência de Atendimento a Pessoas em Situação de Vulnerabilidade Psíquica e Social, iniciado em 2005, a partir dos trabalhos de pesquisa, de clínica e das reflexões realizadas no Laboratório de Psicanálise e Sociedade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, coordenado pela professora doutora Miriam Debieux Rosa. Esse

¹ **Embaraçar** – na língua espanhola significa **engravidar**. Engravidar do ponto de vista da psicanálise refere-se ao **desejo**, à relação da mulher com a falta, vem aí o filho como objeto do seu desejo. Freud inclusive fala da **equivalência entre falo – pênis – filho**. Falo significa aquilo que falta a todo ser humano, um fator estrutural e não conjuntural. Em toda relação humana há uma falta, há um deslocamento de objetos; o ser humano está sempre na busca de um novo objeto para suturar essa falta. No entanto, essa falta não se consuma, ela existe e insiste em toda ação do Homem. É por ela existir que dá a possibilidade de o sujeito humano se amarrar em e se desamarrar de seus objetos, marido, esposa, trabalho, casa, país, a casa dos pais e filhos, por exemplo.

Laboratório desenvolve o projeto Migração e Cultura, supervisionado pelas psicanalistas e pesquisadoras Sandra Letícia Berta e Taeco Toma Carignato, que visa estabelecer espaços de intervenções clínico-políticas junto a populações psíquica e socialmente vulneráveis, particularmente, imigrantes, migrantes, refugiados e “retornados” na cidade de São Paulo. O projeto objetiva pesquisar e favorecer as intervenções psicossociais e clínicas e, pela escuta psicanalítica, visa o manejo e elaboração de lutos, trabalha na direção de proporcionar elaborações singulares e grupais acerca dos fenômenos de exclusão e segregação, aponta as diferentes possibilidades de reconstituição de laços sociais, assim favorecendo os vínculos afetivos, profissionais e políticos. As intervenções ocorrem tanto através de escuta individual, quanto em grupo.

Entre outras práticas, desenvolveu-se atendimento em sala de espera aos bolivianos que se dirigiam a essa entidade para obter informações sobre o processo de regularização e permanência no Brasil. Num desses encontros de sala de espera, participei de um grupo em que a maioria dos participantes era mulheres. O grupo foi conduzido por Sandra Berta, psicanalista argentina, que falava em espanhol. Naquele encontro, escutar a fala das mulheres me remetia a um lugar de estrangeira no grupo. A dificuldade de compreensão da língua encobria outras dimensões, estranhas e muito familiares. Comecei a questionar o meu lugar no grupo, o modo como poderia fazer-me entender por aquelas pessoas. No entanto, percebo que naquela roda circulavam questões, que não diziam respeito especificamente à cultura delas ou à minha, mas a questões sobre a condição humana de viver e se posicionar no mundo. No conto *As mulheres de Omsk* do livro *A disciplina do amor*, Lygia Fagundes Telles trata sensivelmente sobre o desencontro do ser humano junto de outro humano, pois um espera do outro um saber que dê conta de como fazer para se comunicar um com o outro. Lygia nos ensina que não há um saber que possibilite um encontro pleno, mas formas de tornar esse encontro possível, conforme narra nesse conto sobre sua experiência na Sibéria.

Lygia Fagundes Telles (1980) diz:

*Visto todos os abrigos, descubro na mala e por cima de todos, o casacão que tem um nome intraduzível na perfeita definição da senhora C. As malhas são descombinadas, mas o casaco tem a missão de escondê-las, isso se não fossem assim grossas, ele reage e estouram dois botões. Peço à mulher do toailete (estou no toailete do aeroporto) que me arranje uma agulha com linha. A linguagem das mãos. Gesticulo e acho elegante o movimento que faço com a mão direita, costurando o espaço com uma agulha invisível na ponta dos dedos, chego ao requinte de imitar o movimento coleante da ponta varando o tecido. A mulher de olhos azuis e nariz vermelho fez um gesto, um momento. Saiu e voltou em seguida, triunfante, com a agulha e o carretel de linha preta. Ofereceu-me um banco, sentou-se na minha frente e ficou muito atenta enquanto eu pregava os botões. Chegou uma mulher mais jovem e mais baixa, as faces queimadas de frio, cabelos louros presos em uma grossa trança no alto da cabeça, como um diadema. Trouxe duas grandes canecas de chá fumegante. Ofereceu uma caneca à companheira e assim que terminei de pregar os botões me estendeu outra caneca e saiu rapidamente. A mulher sentada diante de mim soprou a fumaça do chá, sorriu e apontou a caneca, que eu bebesse, estava bom, não estava? Fiz que sim com a cabeça e ficamos as duas ali em silêncio, uma olhando para outra e bebendo o chá em pequeninos goles. Apertam-se seus olhinhos azuis numa expressão de afetuosa curiosidade e me fazem perguntas, **mas quem eu era? De onde vinha e para onde ia? (grifo nosso, p. 53 e 54)***

No seguimento do mesmo grupo referido acima, duas questões mobilizaram e deram origem, prematuramente naquele momento, a esta dissertação. Uma das mulheres presentes no grupo contava que sua filha falecera. Preocupada com sua condição legal no Brasil, ainda não resolvida até aquela data, perguntava se com o atestado de óbito poderia conseguir o visto de permanência. Outra mulher segue um gancho, apresentando-se e fazendo circular na mão de todos os presentes o RG de sua filha, dizendo que era um RG brasileiro.

Pergunto-me: qual o lugar dos filhos para essas mulheres? Que função cabem em seu desejo? O que essa mulher fez circular entre aquelas pessoas a fim de ser identificada? Conseguir visto de permanência no Brasil é esperança de conseguir uma legitimação social e subjetiva, não só diante da sociedade, mas também de seus maridos no casamento. Elas trazem para a cena sua condição desejante – para além do filho há uma busca incansável e insistente de permanecer no Brasil. Buscam a todo custo, por meio do filho, uma marca identitária que as localizem nesse novo espaço social.

No pequeno trecho trazido por Lygia, as perguntas finais ilustram bem que, se no processo de imigração das mulheres bolivianas fala-se muito das razões econômicas e sociais que motivam seu deslocamento e que atravessam sua experiência enquanto estrangeiras no novo país, isso não é tudo: “*Quem eu sou? De onde vim e para onde vou?*” são perguntas presentes, revelando a presença de questões de ordem subjetiva motivando uma imigração. A imigração insere-se no processo de construção do tornar-se mulher. No país escolhido para imigrar não há um lugar único que garanta uma identidade a elas, mas este é um deslocamento importante na subjetividade na direção do que fazer frente ao desejo.

As razões econômicas e sociais são de extrema importância para as políticas públicas e dos direitos humanos preocupados com as condições de vida dos bolivianos nas oficinas de costura, num sistema de trabalho de exploração onde muitos adoecem fisicamente e psiquicamente, contraem tuberculose, pneumonia, e vão aos poucos se deprimindo. Há também políticas públicas e ações sociais realizadas por instituições relacionadas à imigração, que cuidam da invisibilidade política e social em que vivem os bolivianos, propondo trabalhos que os retirem do lugar de exclusão social.

Entretanto, e sem querer banalizar a realidade social vivida por essas imigrantes, que marca a história dessas pessoas, não se pode deixar ocultas as razões psíquicas que fizeram cada qual imigrar e abandonar seu país de origem. A mulher boliviana que vem para São Paulo veicula em sua bagagem seu passado familiar e seus conflitos infantis inconscientes. Isso nos permite por em questão o posicionamento de cada uma frente a sua realidade. Nem todas tomam a realidade como único destino possível: algumas vão atrás de construir sua própria oficina de costura, outras resolvem vender roupas entre outros objetos na rua e há aquelas que encontraram meios para fazer uma faculdade, voltar a estudar.

O objetivo específico é pensar qual saída psíquica cada uma encontra para se articular nessa nova cultura. Poder, então, perguntar o que se quer, a partir do que a sociedade lhe demanda. Será possível subverter o lugar destinado pelo outro? Essa questão é importante, pois há o risco de, diante das reais dificuldades, os imigrantes colocarem-se no lugar de vítima em vez de se emancipar, sem implicar-se como sujeito

de uma história, a sua própria história, e pela História, pelo lugar político ao qual está inserida.

As mulheres que menciono neste trabalho deixam seu país por algo que as motiva se deslocar - em algum momento sentem um incômodo em relação ao lugar que ocupam na família de origem e na rede social. A partir daí demandam uma mudança na própria maneira de ser e resolvem emigrar para um país estrangeiro em busca de um novo lugar de pertencimento e de abertura para que possam fazer a vida ao próprio modo. Na imigração, deixam para trás as referências simbólicas da família e do país. Chegam ao Brasil e se deparam com novas referências simbólicas, outro tipo de organização familiar, aqui não mais pautada por relações de compadrio, próprias da Bolívia. Em terra estrangeira, ficam remetidas a um estranhamento sobre a forma de viver e de se relacionar, num lugar outro. Ao habitar numa terra estranha, mesmo que seja por um período temporário da vida, o sujeito depara-se com o estrangeiro em si mesmo, passando a se questionar sobre suas maneiras de viver, de se alimentar e de amar. Será que essas mulheres viram no país estrangeiro a chance de encontrar uma forma própria de pertencimento ao grupo social, de posicionamento nas relações afetivas e de busca pelos desejos?

Este trabalho aborda a questão fundamentalmente humana de como se dá o encontro do sujeito com a cultura. Aqueles que imigram buscam uma nova terra para conseguir aquilo que a terra natal não deu. Nesse processo buscam um lugar de reconhecimento no mundo, onde possam ser vistos como sujeito de desejos, motivações e projetos de vida.

A partir do trabalho realizado em 2006 em instituições de acolhimento ao imigrante surgiu, em 2007, uma extensão da intervenção: a possibilidade de trabalhar no Centro de Apoio ao Migrante² (CAMI), ao lado da psicanalista e doutoranda da PUC-

² Centro de Apoio ao Migrante (CAMI): instituição coordenada pelo Serviço Pastoral do Migrante, que desde seu surgimento há 20 anos, apóia e desenvolve atividades com migrantes e imigrantes na linha da formação, comunicação e informação, da assistência social, da promoção humana e no incentivo às ações sócio-transformadoras. É um espaço que articula entidades, instituições e pessoas que trabalham com migrantes e imigrantes, cujo objetivo é apoiá-los na busca de melhores condições de vida e na conquista de seus direitos, oferecendo serviços gratuitos, principalmente, aos mais necessitados nas áreas de acolhida, documentação, defesa dos direitos humanos, saúde, cultura e religiosidade popular. Busca sempre estabelecer alguns líderes da comunidade da região para que estes possam auxiliar em trabalhos que levem à inserção daqueles que ainda não conseguiram se inserir na cidade.

SP Helena Maria Cursino de Moura Hirye, num projeto desenvolvido até 2008. Trabalhamos com os usuários da instituição, imigrantes bolivianos e outros latino-americanos, atendendo-os em grupos de reflexão e, em alguns casos, em escutas individuais. A questão despertada anteriormente permaneceu no trabalho junto ao CAMI e propiciou o desenvolvimento desta pesquisa - no Capítulo 2 apresentamos e discutimos os impasses da prática, a formas como nos chegam as demandas e, no Capítulo 3, alguns casos representativos das questões que a pesquisa pretendeu analisar.

Trabalhamos no CAMI com grupos e atendimentos individuais, em alguns casos no sentido de possibilitar aos participantes que revisitem suas histórias de vida, visando à elaboração do luto das perdas acontecidas no processo migratório e que possam assim reconstruir sua história pessoal diante da sua história familiar. E que a partir dessa reconstrução façam uma questão sobre qual o lugar que ocupam nas relações da cidade e do mundo.

A atividade anterior serviu-me como um trabalho de passagem. Nela ocorreu meu primeiro contato com as questões trazidas pelos imigrantes. Aceitando um convite feito por uma profissional dessa instituição, desloquei-me para o Centro de Apoio ao Migrante, que na época tinha grande necessidade de um trabalho da psicologia. Ao fazer o convite, ela dizia perceber que, para além de um pedido para assistência jurídica, os usuários do CAMI solicitavam uma escuta para as questões afetivas e subjetivas, de que a equipe não conseguia dar conta.

Serão trazidos para este texto fragmentos da escuta que pude ter no atendimento a essas imigrantes, em uma versão singular de uma escuta constituída na relação estabelecida entre nós. Ao longo de todo o trabalho utilizei-me dos dispositivos da escuta psicanalítica como uma teoria que me permitiu uma leitura que considera o “sujeito do inconsciente”, pois, segundo Poli (2005), é no inconsciente que encontramos a memória de uma história onde nenhum registro se perde, nenhum traço se apaga. A memória inconsciente é a guardiã das experiências de uma pessoa, de um povo, de uma língua e de uma cultura.

Em sua tese de doutoramento, publicada em livro em 2000, Koltai aborda a figura do estrangeiro como algo que se situa na fronteira do singular subjetivo com o

social. O eixo que a conduz em seu texto entre a psicanálise e o político, e a relação do inconsciente e suas soluções de acordo com as transformações sociais e históricas do mundo contemporâneo, também é o eixo que conduz e contorna o presente trabalho.

Esta dissertação está estruturada em capítulos teóricos e clínicos. O Capítulo 1 apresenta o debate entre a história particular e a História através de uma breve apresentação histórica da Bolívia e do contexto imigratório dos imigrantes latino-americanos, em especial os bolivianos, no Brasil. Essa tensão do encontro entre sujeito e cultura percorre todo o trabalho e será retomada nas considerações finais, quando indago se o deslocamento territorial proporciona um deslocamento subjetivo.

O primeiro subitem descreve brevemente a construção histórica da Bolívia: a constituição do povo que deu origem ao país e o desenvolvimento territorial ao longo do desenvolvimento histórico. O segundo problematiza o lugar que a Bolívia ocupa na América Latina, em seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. O terceiro analisa e discute algumas marcas deixadas pela História do país na história particular dos bolivianos. O capítulo termina questionando como e o porquê o Brasil entrou na rota de acolhimento dos bolivianos no contexto da imigração latino-americano, percebendo semelhanças e dessemelhanças entre a cultura da Bolívia e a do Brasil. Além disso, discute o processo de imigração dos bolivianos para o Brasil, apontando para a imigração das mulheres.

Os Capítulos 2 e 3 escutam o que o contexto da imigração tem a dizer para a psicanálise e o que as mulheres disseram. O Capítulo 2 discute o trabalho realizado no Centro de Apoio ao Migrante como parte do Projeto “Migração e Cultura”. Parte de uma breve discussão sobre a articulação intrínseca entre clínica e pesquisa em psicanálise, para trazer em seguida a metodologia utilizada nesse trabalho. Aborda também questionamentos a respeito da posição do psicanalista em um trabalho clínico político, tomando como exemplo o próprio trabalho nesse projeto e seus desdobramentos. As intervenções clínico-políticas com usuários da instituição permitiram levantar a demanda e elaborar as propostas de intervenção junto aos imigrantes. Propostas que apresentaram duas intervenções grupais: “Costurando caminhos para a cidade” e “Tecendo e Fazendo”. Foi através da escuta dos usuários dessa instituição que articulo, também no capítulo 3, alguns casos com aspectos da teoria psicanalítica que

elucidam as formações psíquicas inconscientes que incitam as mulheres a se deslocarem da Bolívia para o Brasil e que estão presentes na forma como costumam caminhos na cidade de São Paulo.

No capítulo 2 são discutidos, ainda, alguns processos de deslocamentos subjetivos como solução para se situar diante da própria história, traçando um paralelo entre fenômeno de deslocamento humano e as leis que regem o inconsciente, deslocamento e condensação para Freud, metáfora e metonímia, para Lacan citado por Rosa, Carignato e Berta, 2007. A intenção dessa discussão é mostrar que a imigração pode apontar para o desejo se o sujeito imigrante consegue sair do lugar das certezas destinadas na sua história pessoal, na relação com a família e a cultura, e elaborar uma nova construção simbólica que o situe numa posição de sujeito de uma história ficcional. No entanto, nem todos os imigrantes conseguem esse deslocamento. A imigração para esses, reafirma no país estrangeiro o mesmo lugar simbólico constituído na relação com o mito familiar. A fim de elucidar essas questões, traz no item quatro a fundamentação teórica sobre o que é o mito familiar.

Do ponto de vista da psicanálise, trabalha-se sobre a importância dos tabus, das histórias familiares e a constituição dos romances familiares como elementos entrelaçados que constituem o lugar de cada pessoa dentro da família. O querer de cada mulher é um desejo singular que toma como referência a própria família e o grupo social e cultural ao qual está inserida. A família nesse sentido funciona como transmissora da cultura, da língua que se fala, dos costumes e de traços simbólicos que identificam o ser humano. Segundo Faria (2003) a família é responsável por uma transmissão que regula a relação do sujeito com o seu desejo, a lei, os valores morais e o narcisismo.

Ainda aborda o conceito de mito individual, como uma ficção que o sujeito inventa de si mesmo, uma mentira verdadeira para que o mesmo possa se situar quanto ao lugar que ocupa na sua família, na cultura e nas relações sociais de uma determinada época.

Tomo esses dois conceitos como fundamento teórico para pensar as marcas que a mulher imigrante recebeu em sua história e analisar qual o mito que cada qual inventou para dizer do seu lugar no mundo, observando que muitas imigram em nome

de um projeto familiar. E é de acordo com as marcas recebidas a partir do lugar que ocupa na família que ela direciona suas ações e suas escolhas em todo o percurso da imigração, considerando, como já dito, que muitas imigraram para outros países como Argentina, Chile e Peru, antes de chegar no Brasil.

O Capítulo 3 retoma casos escutados de mulheres bolivianas, usuárias do CAMI. Considerando que: para que haja um trabalho psíquico que leve a um deslocamento subjetivo, as condições sociais em que se processam a imigração serão fundamentais.

O capítulo discute nossa hipótese central – que a imigração trás uma justificativa social, política e econômica, mas é também uma escolha subjetiva de cada mulher e promove um deslocamento dos traços simbólicos que as identifica, remetendo à reelaboração de sua posição na família e na ficção individual.

A fim de ilustrar essa discussão, apresentamos casos de cinco mulheres bolivianas imigrantes, ressaltando a construção simbólica com que cada uma foi marcada pela família de origem e pela sociedade boliviana. Cada caso apresentou alguns indicativos sobre as possíveis alterações nas marcas da família de origem diante dos novos referenciais simbólicos ofertados pela sociedade e a cultura do país estrangeiro, assim como de possíveis modificações na ficção individual.

O capítulo 3 revelou a partir da discussão dos casos e das questões referidas acima, que perante os impasses e o mal estar que a imigração apresenta para cada mulher imigrante, a saída subjetiva é uma construção singular que articula referenciais simbólicos presentes na cultura do país estrangeiro com as referências simbólicas marcadas pelo mito familiar.

No campo político, esta dissertação problematizou algumas questões da imigração boliviana, uma imigração, que atualmente acontece em massa para o Brasil. Os bolivianos são agenciados por empresas de ônibus que os trazem para se inserirem no mercado têxtil. Uma enorme quantidade desses imigrantes chega ao país de forma ilegal para trabalhar em oficinas de costura. Uma parcela dessas pessoas ocupa um lugar de exclusão na nossa sociedade, ao passo que outra, a que conseguiu ascensão social e econômica, constrói sua própria oficina de costura e passa a explorar compatriotas. Um dos casos trabalhados mostrou-me que, quando uma família decide vir para o Brasil, a mulher é quem imigra primeiro e, quando esta se estabelece monta

sua oficina de costura manda chamar a família toda para ajudá-la no trabalho. Cada membro da família passa a desenvolver uma parte desse trabalho, desde a cozinha até a costura em si. Esse caso foi muito ilustrativo para mostrar que a imigração não é apenas um projeto individual, mas também familiar.

Ao pesquisar sobre essa população de imigrantes revelou-se que hoje em dia a imigração é um efeito da globalização, reforçando os lugares de exploração e segregação ocupados pelos imigrantes.

1 HISTÓRIA DA BOLÍVIA E A IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

O objetivo aqui é delinear o percurso dos bolivianos que deixam seu país para trabalhar e morar no Brasil, um caminho que não é direto. Muitos já migraram dentro do próprio país, saindo das zonas rurais e interioranas em direção aos centros urbanos, como Cochabamba, La Paz e Santa Cruz, e depois emigraram para outros países da América Latina, como Argentina, Paraguai e Uruguai. Em geral, portanto, passam por muitos lugares antes de chegarem à cidade de São Paulo no Brasil. Sendo assim este capítulo tem como função contextualizar os traços identificatórios que marcam a cultura e a sociedade onde os bolivianos se constituíram, assim como estabelecer um paralelo entre as semelhanças culturais e sociais com o Brasil.

Saber dos aspectos sociais, políticos e econômicos da Bolívia em relação à América Latina e entender o porquê de o Brasil acolher esses imigrantes é tomado neste capítulo como parte importante na compreensão do contexto que motiva os bolivianos a imigrarem para o nosso país.

Apenas a miséria que esse povo vive em seu lugar de origem não justifica o seu deslocamento, pois nem todos imigram diante dessa realidade. Há uma diversidade de motivos que levam à imigração. Estabelece-se uma relação dialética entre os motivos inconscientes e motivos advindos da realidade social para que aconteça a imigração de cada pessoa. Os bolivianos vivem em seu país uma dificuldade intensa em conseguir emprego, buscando constantemente melhores condições de vida para suas famílias. No entanto, a decisão de cada um por migrar é calcada em motivações inconscientes e atravessada pelas ofertas que a sociedade boliviana tem a oferecer. Uma delas é a possibilidade de imigrar para o Brasil, por meio de agências que ofertam empregos em oficinas de costura na cidade de São Paulo. Saem da Bolívia para trabalhar em São Paulo, na expectativa de construir suas vidas, ter uma casa e um trabalho. À medida que estabelecem laços com os brasileiros e estruturam uma vida no Brasil, legalizar a situação de permanência no país estrangeiro, torna-se uma questão a ser solucionada.

A lei brasileira oferece a possibilidade de se casarem com um brasileiro (a) ou terem filhos aqui, além dos acordos bilaterais entre Brasil e Bolívia, que promovem a anistia daqueles que estão ilegais neste país, possibilitando a estes a legalização da permanência em território brasileiro.

Parece importante destacar a influência marcante das igrejas e religiões na vida dos bolivianos, por meio das quais entram em contato não apenas com seus patrícios, mas com outros hispânicos também, como peruanos, chilenos, paraguaios e argentinos. Funcionam como um fator que promove o laço entre essas pessoas e auxilia no estabelecimento de uma rede social e de construção de um lugar social e familiar na nova sociedade, estrangeira.

Essas possibilidades oferecidas pelas sociedades boliviana e brasileira são tomadas aqui como fontes onde os sujeitos podem se apropriar subjetivamente para si na tentativa de construir um lugar simbólico na família, na sociedade e na cultura, independente de etnias.

1.1 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE UM PAÍS CHAMADO BOLÍVIA

A Bolívia é tida na América Latina como um dos países mais pobres em termos de desenvolvimento humano, índices econômicos e de educação, sendo, no entanto, um país onde se desenvolveram grandes civilizações como as dos aymarás e a dos quéchuas, que formaram parte do Império Inca no século XV, além de possuírem uma riqueza mineral significativa.

Dentro do país há uma diferença marcante entre aqueles que pertencem às regiões dos vales e altiplanos, e os habitantes dos grandes centros urbanos, representados pelas cidades de La Paz e Cochabamba. Silva (1997) aponta uma diferença marcante na maneira de ser entre aqueles que são da zona central e daqueles que ficam nos altiplanos.

Anteriormente à sua independência, a Bolívia passou por um grande período de domínio espanhol sobre o Império Inca, civilização que habitava a região no século XV. Durante séculos antes da conquista espanhola, no século VII, o altiplano era densamente povoado pelo aimarás e quéchuas, tornando-se o centro cultural de Tiwanacu, primeiro império andino que dominou os planaltos e a costa do Peru. Até o século XV toda a região da Bolívia foi se dividindo em regiões com diferenças em relação aos padrões dados pela civilização inca, tendo como resultado a divisão de 12 nações de índios aimarás que lutaram contra os quéchuas de Cuzco pelo controle da região. Dessa luta os quéchuas saíram vencedores, mas os aimarás transformaram-se no principal grupo não-quéchua do Império incaico, e assim os quéchuas se estabeleceram no território, como parte da política incaica de colonização. Desde então o quéchua e o aimará são as duas principais línguas ameríndias da Bolívia.

No século XVI a Espanha conquistou o território pertencente ao Império Inca. Quéchuas e os aimarás foram escravizados pelos espanhóis durante as primeiras décadas do século XVI para trabalhar nas minas de prata nas regiões andinas do Sul da Bolívia. A região sul da Bolívia juntamente com o planalto central deu origem às seguintes cidades: Chuquisaca (a atual Sucre), La Paz, Vila de Oropeza (hoje Cochabamba). Nesse século, essa região que era denominada como Charcas ou Alto Peru foi uma das mais ricas e mais densamente povoadas do império espanhol na América.

Já nas últimas décadas do século XVIII, a mineração de prata entrou em decadência devido ao esgotamento da extração e ao atraso em técnicas para tal extração. Por esse motivo o centro intelectual e político da região deslocou-se para a região do Sucre.

As guerras de independência se iniciaram com as revoltas entre Chuquisaca e La Paz. Foi Antônio José de Sucre que venceu as forças espanholas em 1824 e em 6 de agosto de 1825 em Chuquisaca declarou o país independente. O nome inicial dado ao país foi República Bolívar em homenagem a Simón Bolívar que liderou a revolução juntamente com Sucre.

1.2 BOLÍVIA E SUA RELAÇÃO COM A AMÉRICA LATINA

Foi a partir de sua independência que a Bolívia perdeu sua posição de potência econômica da América hispânica, cedendo seu lugar a países do rio da Prata (atual Argentina) e Chile. Até o século XX, em meio a significativas perdas econômicas e territoriais, sofreu sob insuficiente atividade comercial para financiar gastos públicos, o que levou a Bolívia a recolher impostos dos camponeses cada vez mais empobrecidos. Essa situação se refletiu no campo político, sob sucessivos governos militares que se estenderam para o século XX. O reduzido capital que restava no país era investido na mineração, setor que se destaca até os dias atuais no país, fato que, entretanto, o país necessitou contar com ajuda do capital estrangeiro para os demais setores.

No período pós-independência do século XIX, por cerca de sessenta anos, a política boliviana foi seguidamente submetida a golpes militares e constituições de curta duração.

De 1880 até 1920 o país foi governado por civis, iniciando-se o governo pelo Partidor Conservador e substituído mais tarde pelo Liberal. Os conservadores favoreceram a mineração por meio de uma rede ferroviária internacional. Já para o final do século XIX, por volta de 1899 e início de 1900, a mineração da prata entrou em declínio dando lugar para a exploração do estanho adquirindo importância nessa virada entre séculos. Em 1900 o estanho passou a representar mais da metade do valor da economia boliviana dando-lhe visibilidade internacional na América Latina. O apogeu do estanho coincidiu com o apogeu do partido Liberal, consistindo uma etapa política mais tranqüila da história da Bolívia. O importante Tratado de Petrópolis de 1903 entregava ao Brasil o território do Acre. Seguiu-se Tratado de Paz com o Chile de 1904, que entregava ao Chile territórios bolivianos da costa sul. A indenização resultante desses dois acordos deu início à fase de expansão da ferrovia, que uniu a maioria das principais cidades bolivianas em 1920.

Em 1920 o Partido Liberal foi surpreendido por um golpe de estado orquestrado pelos republicanos, que tomaram o poder. Após a Primeira Guerra Mundial e até 1930 o

estanho atingiu seu máximo volume de produção, quando então, a economia boliviana sofre grave crise, em especial nesse setor. Até a metade do século XX, a Bolívia, assim como quase toda a América Latina, passa por um período histórico de diversos golpes militares, não se podendo deixar de lembrar que foi o período que sucedeu à Segunda Grande Guerra Mundial.

A crise que não era apenas da Bolívia, mas também mundial, causou redução nas rendas nacionais e o fechamento de grande parte das minas, gerando forte mal-estar na estrutura social e política do país. A população boliviana passou a migrar em busca de melhores condições de vida, em busca de aumentar renda, em busca de empregos. O que não ficou apenas na migração interna, mas passou para emigração. Um dos países que acolheram esse povo foi o Brasil, em especial a cidade de São Paulo.

Nesse período a Bolívia buscava um lugar de reconhecimento no âmbito econômico e da organização social, política e cultural, assim como da definição de seus limites territoriais. Tal contexto histórico influenciou significativamente a vida dos cidadãos bolivianos, a forma em que estes puderam se organizar junto as suas famílias e imprimiu sua marca particular na cultura e na sociedade, as quais foram construindo uma identidade. A imigração dessas pessoas se intensificou a partir da década de 1950, levando consigo essa importante marca do contexto que a Bolívia estava vivendo em seu percurso histórico.

1.3 MARCAS DA HISTÓRIA DA BOLÍVIA NA HISTÓRIA DOS BOLIVIANOS

A trajetória histórica da Bolívia nos mostra o quanto o seu povo foi sendo marcado para sair em busca de um lugar no mundo, de um emprego, de constituir família no estrangeiro, enquanto estrangeiros exploram a riqueza mineral do país.

Segundo Vellaverde (2000), a história da cultura boliviana traz marcas de exploração pelo estrangeiro desde os tempos da conquista espanhola, da colonização do território da Bolívia. A coroa espanhola impôs a suas colônias o monopólio na exportação de bens e na exploração e importação de ouro e prata do país. O gás natural, por exemplo, só foi ser resgatado no processo de nacionalização do petróleo com o último e atual presidente da Bolívia, Evo Morales.

Devido à grande exploração dos recursos minerais do território da Bolívia, da riqueza do país, a sociedade foi sendo relegada a um lugar de extrema exploração e pobreza, o que fez com que aqueles que moravam na região campesina da Bolívia, os indígenas aimarás e quéchuas, migrassem para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida. A população boliviana é marcada pelo “não ter”. Migra para **o lugar** supostamente mais rico, onde buscam saídas para sua condição de falta de recursos. Cabe ressaltar ainda que, segundo Lazo (2001), a imigração é um costume que marca o povo andino, povo de origem inca, tanto boliviano quanto peruano. Os Incas tinham como costume deslocarem-se em comunidades inteiras para trabalharem na construção de novas localidades. Devido ao processo de urbanização e modernização gerado pela industrialização no século XX, a imigração se intensificou ainda mais.

É a partir da década de 1950 que a Bolívia entra na história com o Brasil no que diz respeito à imigração entre esses países. Até essa data a entrada de bolivianos era mínima.

Na década de 1950, segundo Silva (1997), grande parte de bolivianos emigrou para o Brasil com o objetivo de estudar e depois retornar ao país de origem. Ao término dos estudos, porém, foram estabelecendo suas vidas aqui no Brasil, com muitos se casando ou mesmo tendo filhos aqui. Além dessa leva, profissionais liberais também vieram em busca de especialização na profissão. Essa imigração se intensifica a partir da década de 1980 e permanece em seu pico da década de 1990 até hoje, fenômeno esse que se tornou um problema social para a Bolívia e para o Brasil, demandando a construção de políticas públicas que serão discutidas mais a frente.

1.4 BRASIL: LUGAR DE ACOLHIMENTO AOS ESTRANGEIROS (?)

O Brasil é composto por imigrantes, sua cultura é constituída por uma variedade de culturas e idiomas. Foi a partir do final do século XIX e meados do século XX que o Brasil recebeu destacadamente uma corrente de imigrantes vindos da Europa, entre outros portugueses, italianos, alemães, poloneses, judeus, árabes, sírios e espanhóis. É raro encontrar hoje em dia algum brasileiro que não tenha descendência de algum dos imigrantes dessa época. Sua vinda deve-se à abertura dos portos às nações amigas de 1808. Cabe ressaltar que esta foi voluntária, o que não significa que as particularidades dos motivos que trouxeram cada um desses imigrantes ao nosso país devam ser negligenciadas.

De acordo com Seyferth (1990), os primeiros a chegar foram os italianos e os alemães que colonizaram os estados do Sul do país, e receberam pequenas propriedades agrícolas num ato de estímulo vindo do governo brasileiro. Até 1930 cerca de 4,5 milhões de pessoas entraram no país para trabalhar nas fazendas cafeeiras. A partir desse ano a imigração em massa foi substituída pela imigração japonesa. Os japoneses vieram e se estabeleceram em pequenas propriedades agrícolas. Ao lado dessa imigração, o aceleração do processo de industrialização no país deu impulso à migração nordestina que vinha em busca do paraíso perdido chamado São Paulo. São Paulo e a Grande São Paulo têm sido desde então o grande polo de atração de migrantes e imigrantes.

Seyferth (1990) ainda diz que desse período em diante acontece o que ela chama de “a grande imigração”, marcada pela entrada de estrangeiros de países vizinhos como peruanos, argentinos, bolivianos, ao lado de asiáticos, no caso, coreanos e chineses, além de um grande contingente vindo da África.

Esses movimentos migratórios e imigratórios passam a ser norteados pela necessidade de mão-de-obra barata para dar conta da acelerada industrialização no mundo e no Brasil. A partir da década de 1960, essa demanda vem a funcionar como atrativo para os bolivianos que estavam em busca de trabalho. Segundo Lazo (2001),

juntamente com chineses e coreanos, foram os primeiros a chegar a São Paulo e a se estabelecer nos bairros da zona central de São Paulo, como Brás, Bom Retiro, Pari, Mooca e Liberdade, montando confecções de costura para atender ao dinâmico mercado brasileiro da época.

O último grupo é constituído por um grande contingente de jovens, inicialmente com predominância masculina, mas aos poucos a família passou acompanhá-los, e a partir do século XXI, muitas mulheres já vêm sós para trabalhar nas oficinas de costura e começam a constituir família. Casam-se, têm filhos. Aquelas que já têm filhos deixam-nos com a avó e conforme vão trabalhando enviam dinheiro para os que ficaram para trás. Após certo tempo não suportam ficar longe dos familiares que não vieram e enviam dinheiro e passagens para que possam se reunir a elas. Esse é o caso dos imigrantes que vêm como mão-de-obra barata e pouco qualificada que, se não estão nas oficinas de costura, trabalham para indústrias, na agricultura, em serviços domésticos, no cuidado com crianças e idosos, de forma análoga à condição de trabalho escravo. A Organização Internacional de trabalho (2005) estima que doze milhões de pessoas vivem nessas condições de trabalho não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

O trabalho que Sidney Silva (1997) com um grupo de bolivianos revelou que a via de entrada desses bolivianos é terrestre, cruzando-se a fronteira de Corumbá, com um visto de turista para apenas um mês. No seu vencimento, o visto pode ser prorrogado para mais um mês e assim sucessivamente, durante cento e oitenta dias. Após esse período, muitos saem e entram novamente no país, então permanecendo de forma ilegal. Essa é a situação vivida pela maioria, isto quando não entram de forma clandestina no país por vários pontos da fronteira brasileira. Muitas vezes, inclusive, mediados por agências que cobram uma taxa mais barata do que iriam gastar com a documentação para a entrada no país.

O setor de confecção é o que mais absorve a mão-de-obra dos bolivianos que recebem na Bolívia um convite com os seguintes dizeres: *“Precisa-se de costureiros para trabalhar no Brasil. Salário de 300 dólares ao mês, com direito a moradia e alimentação”*. É interessante pensar que estes saem da Bolívia por não possuírem

trabalho, por viverem em condições de vida muito miseráveis, por não serem resguardados por lei alguma. Querem no Brasil fazer uma vida diferente, mas, no entanto, encontram-se novamente sem qualquer respaldo legal, com sua condição de ilegalidade facilitando sua exploração em oficinas frequentemente clandestinas.

Lazo (2001) afirma que os coreanos que alcançaram a legalidade por meio da anistia de 1982 aproveitam-se dos bolivianos que trabalham a baixo custo em suas oficinas de costura, o que lhes permitiu crescer e se manter no competitivo mercado de São Paulo.

Em meados de 1980, os bolivianos, em seu país, ainda se instalaram nos arredores de La Paz e El Alto da Bolívia para estabelecer confecções de costura e costurar para o mercado da fronteira. As roupas produzidas pelos bolivianos eram contrabandeadas para o Peru, que ganhava com isso. Os bolivianos reagiram e passaram a confeccionar para o mercado boliviano em suas próprias oficinas de costura. No entanto, máquinas modernas substituíram os empregados, levando à falência muitas dessas oficinas. Ao entrar em falência, venderam seus pertences e foram para o mundo das confecções de São Paulo.

Logicamente, a esperança de retornar rapidamente dos bolivianos se intensificou com essa anistia de 1998. No entanto, os coreanos aos poucos cederam lugar para os bolivianos na direção dos ateliês de costura, pois estes funcionavam ilegalmente e os coreanos temiam denúncias e as conseqüentes multas altíssimas impostas pelo Ministério Público do Trabalho. Como resultado, os bolivianos adquiriram experiência nesse ramo e montaram suas próprias oficinas de costura. Acolheram outros bolivianos chegados aqui a partir da década de 90 em busca de trabalho nesse setor. Replicam com eles, a experiência de exploração sofrida sob os coreanos.

O número desses imigrantes estabelecidos em São Paulo nas oficinas de costura cresce constantemente. No entanto, eles não conseguem se inserir como sujeitos cidadãos na cidade, enfrentam muitas dificuldades para saírem das confecções e vislumbram outros caminhos, diferentes ocupações. Uma das razões que justifica essa dificuldade é sua condição de ilegalidade e clandestinidade, da qual poucos saem. Paulo Illes, coordenador do Centro de Apoio ao Migrante, (Rolli, 2007) menciona que,

segundo o Ministério da Justiça, cerca de quarenta e dois mil bolivianos conseguiram regularizar a situação no país por meio do acordo bilateral Brasil-Bolívia de 2005. Será falta de informação sobre esse acordo que faz tão poucos irem atrás da regularização? Muitos dos que estão sem visto precisam pagar cerca de oitocentos reais em multas e taxas. Nesse contexto estima-se que dos cento e sessenta mil bolivianos residentes hoje no Brasil, apenas cem mil encontram-se regularizados.

Essa condição dos imigrantes bolivianos no Brasil, de ausência de respaldo social e político, constitui uma questão vista como um problema social pelo governo brasileiro. Não apenas bolivianos entram no Brasil, mas também outros latino-americanos. Com base nessa problemática e no aumento dos movimentos imigratórios entre países da América Latina foi constituído a partir da década de 1990 o Mercosul e assinado o Tratado de Assunção em 26 de março de 1991, importantes fatores facilitadores de imigração laboral. Segundo Sant'ana (2001), o tratado contempla a livre circulação de trabalhadores entre os países que assinaram. O Mercosul, em conjunto com o Tratado, modificou intensamente o fluxo das pessoas entre os países pertencentes ao acordo, facilitou a livre circulação e deu a todos os estrangeiros direito a essa circulação. No entanto, isso não veio sem conseqüências. Conceder o direito de livre circulação e esperar que haja a partir disso uma harmonia na integração entre os estrangeiros nos países que decidem por imigrar é um engano. A proteção e respeito aos direitos do trabalho e da seguridade social desses trabalhadores não ocorreu. Além disso, há uma questão humana presente que ultrapassa o direito permitido de livre circular entre países, que é a relação de preconceitos, discriminações e xenofobias diante do diferente, questão fundamental da relação que os sujeitos estabelecem com os estrangeiros.

Seyferth (1990) nos chama a atenção para o fato de que a mudança de fluxo migratório não deixa de lado a questão da exclusão quando se trata de imigrantes. Ela estabelece um paralelo da passagem do trabalho escravo para o trabalho livre após a abolição da escravatura de 13 de maio de 1888. O que acontece é que se substitui o trabalho escravo pelo trabalho de imigrantes, dado o interesse do país pelo aspecto econômico dos imigrados. O imigrante causa nas pessoas do país estrangeiro discriminação e a responsabilização destes pelas carências sociais do país. O

estrangeiro é tomado como figura de um objeto não-identificado que nomeia temporariamente o mal-estar presente em toda sociedade humana independente do tempo, da cultura, da etnia.

Segundo Koltai (2000), o estrangeiro é a figura que fascina, atrai e repele; é o outro inimigo, seja ele, boliviano, peruano ou árabe, dependendo de cada época e cada cultura, mas é ao mesmo tempo o outro que fascina, pois sobreviveu a uma separação de sua terra-mãe, de sua pátria de origem. O imigrante pode ser tomado nesse sentido como uma figura imaginária que colocou no deslocamento territorial a tentativa de mudança de lugares simbólicos, de posicionamento frente à vida.

Esse contexto demandou a formulação de uma lei que pudesse garantir uma cidadania mínima a esses imigrantes e regularizar sua permanência deles no Brasil. A Lei número 6815 de 19 de agosto de 1980 regulou a permanência dos estrangeiros e a Constituição de 1988 garantiu cidadania mínima ao imigrante estrangeiro no Brasil.

Durante o seminário internacional *Migración, ciudadanía e integración regional* do *Observatorio Control Interamericano de los Derechos de los Migrantes* (OCIM), realizado na República Dominicana, Bassegio (2006) discutiu os direitos humanos no Brasil e sua relação com a situação dos imigrantes no país. Se, por um lado, a Declaração Universal dos Direitos Humanos da Constituição de 1988 declara que todos os imigrantes gozam do direito à cidadania mínima, a lei que rege a ação das autoridades no auxílio e o respaldo legal aos imigrantes é a Lei de 1980, elaborada ainda no tempo do governo militar e que prioriza a seguridade nacional e os interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil.

Essa lei preconiza qual penalidade deve incidir sobre o imigrante, quando este desobedece e sai das normas-padrão de convívio social do país, o que pode remeter à xenofobia e exclusão, e não possibilitar ao imigrante acesso a direitos básicos, como: alugar um imóvel, ser registrado no emprego, obter uma conta bancária, matricular os filhos na escola, recorrer a justiça ao sofrer violação de seus direitos, além de ficar impossibilitado de receber assistência médica gratuita.

A ação vem na direção de enquadrá-los como ilegais ou clandestinos quando não se encaixam dentro das exigências da lei. Esta dificulta a inserção na rede social e

impede o acesso aos direitos prometidos pelo país, enquanto que a constituição de 1988 é mais humanitária. O *Informe Interamericano* nos faz questionar se essa lei reforça o lugar de exclusão social vivido por eles na realidade da capital paulista. Em sua maioria, bolivianos vivem na condição de indocumentados no Brasil e se submetem ao extenuante regime de trabalho imposto nas oficinas de costura.

Outra face desses impasses também é trazida por Bassegio (2005), na forma da problemática enfrentada pelos bolivianos, ao acreditarem nos anúncios feitos na Bolívia prometendo trabalho no Brasil por salários de até quinhentos dólares, quando na verdade não passam de cem dólares. Não se deve esquecer que o trabalho é de difícil acesso aos bolivianos. Cabe então questionar que trabalhos buscam e não encontram no seu país? E o que encontram no trabalho aqui no Brasil, por mais precária que sejam as condições às quais se submetem?

Lazo (2001) aborda um aspecto importante desse anúncio: ao mesmo tempo em que é enganoso, é também muito atrativo, principalmente para os mais jovens, que se arriscam a vir para cá trabalhar em troca de um salário, três refeições ao dia, alojamento por conta do empregador, além de o salário ser bem maior do salário mínimo ganho na Bolívia. Essa oportunidade é vista como uma chance de conquistar um lugar de reconhecimento social e pessoal. No entanto, Bassegio (2005) denuncia que, ao chegarem para trabalhar, são confinados e submetidos a trabalhar por vários meses para pagar o preço da viagem, sem ganhar mais nada, além disso. Sofrem chantagem dos patrões que retêm seus documentos ameaçando denunciá-los à polícia se não se submeterem. Por fim, aturam condições insalubres de trabalho e moram e trabalham no mesmo local, onde ficam respirando a poeira das confecções.

A questão dos bolivianos em sua chegada ao Brasil é conquistar sua legalidade no país. Defrontam-se o tempo todo com essa transposição da ilegalidade, do isolamento, com um mandato do “eu não posso fazer parte deste país”, em contraposição com a busca incessante de fazer parte de um lugar, de um país. A questão é: *Em que lugar se pode estabelecer raízes, lugar que dê possibilidades de sair da condição de miserável, de assujeitamento, lugar que tenha uma lei que ofereça lugar à palavra?*

A lei tem uma razão de existir, todo país tem suas leis para estrangeiros e elas são necessárias. Cabe pensar quais são as repercussões subjetivas quando estes se confrontam com a lei da legalidade.

1.5 A PASSAGEM DE TREM DE CORUMBÁ..... A ENTRADA DOS BOLIVIANOS NO BRASIL.

A estação de trem é uma metáfora significativa para se pensar que é um lugar de encontros e despedidas, como nos fala Milton Nascimento em sua música "*Encontros e despedidas*"; na estação, o lugar de encontros é o mesmo que o das despedidas, há pessoas que vem para ficar e há pessoas que vem para nunca mais voltar, há aqueles que riem e os que choram.

É pela viagem de trem, cruzando a fronteira Bolívia-Brasil via Corumbá no Mato Grosso que os bolivianos realizam a passagem, o deslocamento para um lugar no qual esperam encontrar algo diferente, onde possam tornar a vida diferente, vislumbrando a possibilidade de construir no novo país um lugar de inserção cultural para si.

É nessa viagem, nessa passagem para o território estrangeiro, que cada imigrante terá como vivência afetiva o que lhe há de mais estranho e de mais familiar. Em sua bagagem a sedução do sonho de trabalhar em cidades praianas, com casa, comida e moradia. Há na tentativa de uma vida nova, algo que se repete, e é na estação mesmo que a vida se repete como nos fala o cantor e compositor.

Entre outros, na estação está a boliviana com seu filho, que já a mobilizara a buscar uma escola de melhor qualidade para ele na Argentina, o que adiara seu grande sonho de vir para o Brasil. Mas finalmente irá passar por muitas dificuldades no Brasil, sem lar por diversas vezes, mas com o filho que sabia falar o português muito melhor que ela que a ajudou a se comunicar em lugares públicos a conseguir emprego. Encontrará muitos patrões que a enganarão até que um dia alguém se proporá a bancar sua volta para a Bolívia. Na última hora apeará do ônibus, decidida que o Brasil

é onde deseja ficar. Enquanto sujeito, tomará como escolha o ficar no Brasil apesar das dificuldades; quererá seu lugar aqui, no estrangeiro.

O antropólogo Sidney Silva trabalha brilhantemente aspectos do percurso no trem de Corumbá no livro “Costurando sonhos”, em que narra sua viagem a fim de observar o contexto sociocultural de onde saem os imigrantes bolivianos. Os pontos da extremidade dessa viagem são Corumbá, no Brasil, e Porto Quijaro, na Bolívia. Silva (1997) traz muitos elementos dessa viagem, mas é relevante aqui que nessa transposição da fronteira dos territórios aparece também a fronteira da diferença étnica entre os bolivianos.

Nesse trem viajam principalmente crianças e mulheres, sendo que as últimas aproveitam as vinte horas de viagem para vender alguma coisa típica de sua região para os brasileiros e até mesmo para outros bolivianos. É significativo o que Silva observa sobre as diferenças na forma de se relacionar dos cidadãos oriundos da região de Santa Cruz e os que vêm da região dos vales e dos altiplanos, os *collas*, de origem indígena, mais reservados e de poucas palavras.

Esta pesquisa também observa essa marcante diferença entre os bolivianos, que se acentua ao chegarem ao Brasil. Antes de emigrarem, os bolivianos da região dos vales e dos altiplanos já haviam se deslocado para Santa Cruz e Cochabamba, tendo vivido um bom tempo como estrangeiros na própria terra. A questão que aparece nessa transposição de fronteiras é que muitos bolivianos escondem sua procedência dizendo que são naturais de alguma cidade grande, pois ao identificarem-se com os metropolitanos escondem sua identidade indígena, a qual é fortemente carregada de preconceitos, tanto na Bolívia quanto no Brasil.

Deixam a Bolívia para realizar um projeto individual ou familiar. Alguns vêm apenas para sair de um lugar cristalizado, outros para constituir a própria família. Estabelecidos, chamarão as mães, principalmente para ajudarem no lugar em que trabalham ou cuidar dos netos, quando não enviam auxílios mensais aos familiares. Muitos homens se colocarão no lugar de heróis, bem-sucedidos e para sempre capazes de agora dar aos seus familiares, o que não tiveram.

O diferencial da renda não é a única razão da emigração. Há, sim, uma busca mítica por um lugar possível que não foi possível encontrar no país dos antecessores. No estrangeiro encontram-se novas referências simbólicas as quais podem ou não fazer parte da inscrição que cada sujeito faz de si do mundo.

Mulheres e suas famílias passam por mudanças importantes na vinda para cá. No entanto, Silva (1997) aponta que as relações de compadrio tendem a ser conservadas, e não sem as tensões e transformações que tais relações possam sofrer. Na grande metrópole, São Paulo, essas imigrantes contam com algumas instituições de apoio jurídico e de assistência social que as auxiliam no processo de inserção na nova cultura.

Ademais, contam com as instituições religiosas, que cumprem a função de acolher imigrantes e oferecer-lhes um espaço de confiança, onde possam formar uma comunidade e estabelecer laços sociais, retirando-os do desamparo. A igreja é um lugar onde se relacionam com seus compatriotas e também com outros imigrantes que enfrentam dificuldades similares entre si, “rezam a Deus” e compartilham o sofrimento gerado pelas perdas tidas no processo de imigração, conversam sobre os impasses vividos na condição de estrangeiro e se apoiam na tentativa de encontrar soluções para tais impasses.

Ao longo dessa pesquisa, propus-me a trabalhar no Centro de Apoio ao Migrante, onde pude escutar essas pessoas e dialogar com elas. Os próximos capítulos trazem fragmentos dessa escuta para pensar as questões propostas neste estudo.

Deixo aqui uma questão sobre que passagem ocorre na subjetividade do imigrante ao se deslocar para um país estrangeiro. Pensemos como essas questões se fazem presentes no caso das mulheres bolivianas e suas famílias que imigram para o Brasil.

2 A PSICANÁLISE NO ENCONTRO COM A IMIGRAÇÃO

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, uns com os outros acho que nem não se misturam...

(Guimarães Rosa – O Grande Sertão: Veredas, p.142)

O espaço CAMI possibilitou desenvolver um trabalho clínico-político e articular meu acesso a uma parte da realidade em que os bolivianos vivem na cidade de São Paulo. A partir da escuta psicanalítica a alguns bolivianos e bolivianas surgiram questões importantes sobre o processo de imigração e os deslocamentos subjetivos daí decorrentes. Os impasses e questões que emergiram no decorrer da prática desse trabalho levaram ao encontro de uma construção do que seja uma intervenção clínico-política numa instituição de atendimento a imigrantes, do ponto de vista psicanalítico.

Esse capítulo, portanto, vem cumprir a função de relatar a ESCUTA e a construção da demanda no CAMI, assim como discutir os impasses desse trabalho. A metodologia escolhida foi a de intervenção clínico-política, cuja fundamentação ocorreu simultaneamente ao trabalho realizado nessa instituição. Primeiramente apresentaremos a discussão desse processo, cujo desenvolvimento implica discutir a relação entre psicanálise e pesquisa.

A figura do estrangeiro, o processo de imigração e os processos identificatórios que envolvem cada pessoa no processo de inserção na nova cultura são pontos centrais a serem discutidos a partir das intervenções realizadas no CAMI. Intervenções, ora em grupos de reflexão ora em atendimentos individuais, que trazem a singularidade do processo vivido por cada um. O conceito de intervenção clínico-política foi sendo construído a partir da conjugação do trabalho institucional no CAMI e da discussão teórica conceitual do processo de deslocamento territorial e psíquico decorrentes do processo de imigração.

Nesse sentido, analisaremos a questão do deslocamento territorial como operador do deslocamento psíquico nas mulheres, considerando que o conceito psicanalítico que nos ajuda a discutir essa questão é o mito individual do neurótico e o mito familiar, cuja personagem fundante é a mãe.

2.1 PESQUISA E PSICANÁLISE: INTERVENÇÃO CLÍNICO-POLÍTICA E SEUS IMPASSES

O termo intervenção clínico-política refere-se à metodologia psicanalítica utilizada no projeto de pesquisa *Migração e cultura: intervenções psicanalíticas às pessoas em situação de vulnerabilidade psíquica e social* do CAMI. Clínica e pesquisa se articulam. Discutir esse tipo de intervenção implica necessariamente a discussão da relação existente entre psicanálise, clínica e pesquisa.

2.1.1 Relação intrínseca entre psicanálise, clínica e pesquisa

A pesquisa em Psicanálise implica a um só tempo clínica e teoria. Freud (1913) fala que a psicanálise reivindica para sua execução a coincidência entre tratamento e investigação, o que torna a pesquisa uma dimensão essencial à práxis psicanalítica.

Em seu texto *Psicanálise: clínica e pesquisa* Elia (2000) cita Lacan para dizer que a psicanálise é um saber inteiramente derivado da ciência, sem, no entanto, se reduzir ou integrar a ela, pois subverte esse campo pelo viés do sujeito. Esse conceito de sujeito é fundamental para o saber psicanalítico: enquanto a ciência o retira da cena discursiva, a psicanálise o reintroduz. E é com o sujeito em cena que a psicanálise vai trabalhar.

O que importa é o saber inconsciente que aparece no ato da fala de cada sujeito. Freud nos ensinou a importância de tomar cada caso como se fosse o primeiro em qualquer intervenção (investigação) psicanalítica, ele é sempre inédito. O saber do inconsciente surge na relação estabelecida entre o analista e o sujeito escutado. É recolocado a cada vez, único e singular, a ser lido como uma estrutura que não coincide com o saber universal, mas inclui aquilo que não pode ser apreendido pelo universal (Elia, 2000).

Portanto, pode-se considerar que toda pesquisa em psicanálise é uma pesquisa (investigação) clínica, cujo “campo” de pesquisa não é definido por um local aonde vai se dar essa investigação, como um consultório, instituição hospitalar ou ambulatório. O campo de pesquisa em psicanálise é, segundo Elia (2000), o sujeito do inconsciente, a clínica como acesso ao saber inconsciente.

Elia (2000) é certo de sua afirmação:

Toda pesquisa em psicanálise é clínica porque, radical e estruturalmente, implica que o pesquisador – analista empreenda sua pesquisa a partir do lugar definido no dispositivo analítico como sendo o lugar do analista, lugar de escuta e sobretudo de causa para o sujeito..” (p. 23)

É interessante pensar que pesquisar em psicanálise é, acima de tudo, uma posição de trabalho, um lugar no discurso. Ao se posicionar como pesquisador, o analista envolve a lógica de seu próprio inconsciente, ocupa um lugar na transferência de um sujeito também dividido pelo saber constituído no campo do inconsciente.

A intenção da psicanálise é sempre clínica. Visa o saber, um saber que não é previamente sabido como nas outras ciências, que não se deixa apreender por qualquer método tradicional da ciência clássica. É um saber que não remete mais às doenças médicas, dizendo respeito às respostas que cada sujeito falante dá frente aos impasses de sua sexualidade, de sua posição como sujeito do desejo (ELIA, 2000).

O sujeito do inconsciente não é por si só pobre ou rico, branco ou negro, nem possui etnia x ou y ou gênero: antes, constitui-se no que é para ele a linguagem, família, sociedade, todos esses elementos ao que Lacan nomeou como Outro.

Uma intervenção psicanalítica vai se ocupar de reconstruir os modos pelos quais esse inconsciente se constituiu na relação com o Outro, ou seja, como construiu seus valores, identificações, traços de pertinência social, política ou ideológica. Sem esquecer que é na relação com o que consiste o Outro para cada sujeito que ele vai se sexuar, definir-se como homem ou mulher. É nessa medida que também podemos considerar uma pesquisa psicanalítica como uma intervenção clínico-política.

2.1.2 Intervenção clínico-política: definição e impasses

O conceito de intervenção clínico-política retoma um caminho aberto pelo próprio Freud sobre a relação da psicanálise e a política, já que este sempre recusou a clássica distinção entre o que é da ordem do individual e o que é da ordem do coletivo e do social.

Trata-se de pensar que o uso da psicanálise extrapola sua clássica delimitação ao *setting analítico* do consultório -como se apenas pudesse acontecer a partir do uso do divã, em salas fechadas-, quando, na verdade, deve ser tomada como uma operadora de escuta que se dá no processo de transferência do sujeito com o analista.

E é exatamente pela transferência que a psicanálise se define na sua prática. É na relação singular estabelecida em cada atendimento que o inconsciente se manifesta. Como já dito neste trabalho, é na memória do inconsciente que se encontra o registro das experiências de uma pessoa, de um povo, de uma língua e de uma cultura.

O trauma indica uma impossibilidade de significação do vivido. Maurano (2006) aponta que uma interpretação psicanalítica convoca o ato da fala no sujeito para que assim passe a significar o que ficou como trauma e tem por objetivo abrir a possibilidade para o novo, romper com a mesmice, com aquilo que repete na vida da

pessoa. Coloca o analisando para trabalhar na direção de questionar as respostas já dadas em sua vida. Essas respostas muitas vezes formam uma única versão, uma única lente na forma de ver a realidade. A interpretação psicanalítica quebra com essas certezas, fazendo o sujeito construir diferentes versões, dar novas soluções diante os impasses da vida.

A escuta psicanalítica deve abster-se de apelar para os modelos de identidade. Por mais que a relação de transferência constitua exatamente a relação de saber do analisando com seu analista, onde ele supõe no analista certo saber sobre sua verdade, o analista não deve se apoiar num saber a priori sobre esse sujeito. Deve oferecer uma escuta, segundo Maurano (2006), em que possa suportar escutar o sujeito na sua diferença, tomar cada caso como se fosse o primeiro, abstendo-se, como bem nos ensinou Freud, de seu *furor curandis*; cada caso deve ser tomado em sua singularidade.

E na relação com o outro, com o social que cada sujeito se constitui como humano. Portanto, ao colocar a pessoa para se questionar sobre seus próprios atos, pensar na relação com o outro ou na forma como estabelece seus laços sociais, a interpretação psicanalítica pode ser considerada uma intervenção clínico-política, esteja o trabalho do analista no consultório ou em uma instituição como a do CAMI, por exemplo.

De acordo com Koltai (2004), foi o próprio Freud que rompeu com a separação sempre feita entre coletivo e individual. A experiência da subjetividade é considerada pela psicanálise como discurso do inconsciente e ao mesmo tempo discurso do político, um se relaciona com o outro o tempo todo.

Em seu livro *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921) afirma:

O contraste entre psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pela quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. (p. 81).

Essa afirmativa pode levar a se pensar que a constituição do sujeito humano ocorre no estrangeiro, o que faz desaparecer a separação entre psicologia individual e social; a psicologia individual é social.

O lugar do estrangeiro é, desde o começo da vida primordial, para cada pessoa se tornar sujeito humano, como nos diz Freud (1921), na relação com os pais, com os irmãos e irmãs, com médicos e professores, ou seja, é com todo objeto de amor, que o sujeito estará desde sempre ligado aos fenômenos sociais. As representações psíquicas marcadas pela vivência do sujeito com cada uma dessas pessoas comporão um conjunto que Lacan denominou como o Outro.

Há uma tensão entre psicanálise e política que, segundo Goldenberg (2006), não se deve simplesmente à oposição muitas vezes feita entre indivíduo e sociedade. Quando considera o inconsciente intersubjetivo, a psicanálise, diferentemente da política que mira o bem-estar a cada um, aponta para a questão do mal-estar presente nas relações que as pessoas estabelecem umas com as outras. Uma intervenção clínico-política convoca o sujeito a pensar que nenhuma solução inconsciente é solitária: de alguma forma ela envolve o seu semelhante.

A psicanálise, entretanto, não se propõe a indicar onde está o Bem, e enquanto o político entra de chofre no jogo do publicitário – o moderno engenheiro das identificações que orienta o fluxo dos desejos na direção dos interesses que serve -, a prática do psicanalista se exerce na direção contrária, de por em questão as soluções neuróticas para lidar com os impasses do desejo no intercâmbio social. Ora, o que cada um fará depois de lhe ter sido revelada a fantasia que comanda a sua conduta ao determinar seus desejos já não é da alçada do psicanalista, que em nenhum caso se arvora como diretor de consciência do seu paciente. (p. 38-39)

A psicanálise cuida da relação complexa e dialética entre o individual e o coletivo e da tensão existente entre ambos. Sendo assim, é importante ainda escutarmos o que Freud aponta em *Psicologia de grupo e análise do ego* sobre a importância da psicologia social:

A psicologia de grupo interessa-se assim pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que organizaram em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido (1920, p. 82)

Portanto, uma intervenção psicanalítica cria um deslocamento do ser no mundo para o ser do desejo, colocando a questão da implicação do sujeito no político. Ela não pode se resumir ao *setting*, mas também não pode ser sintetizada numa mera assistência psíquica, numa simples reparação do trauma.

2.2 EM CENA: ESCUTA DA DEMANDA E INTERVENÇÕES PSICANALÍTICAS NO CAMI

O trabalho inicial de escuta da equipe do CAMI envolveu reuniões com o coordenador da instituição, com a responsável pelo atendimento ao público e artista plástica, e com a professora do grupo de inclusão digital. O objetivo dessas escutas foi identificar o contexto e a demanda da referida instituição.

Desde o início, nossa proposta foi trabalhar em parceria com o coordenador e os outros profissionais da equipe, pois nossa intenção era implicar cada profissional na prática do seu trabalho, tentar perceber quais questões do trabalho suscitavam neles pontos de articulação com a história de vida de cada um. Propondo um trabalho de construção de acordo com a dinâmica institucional e não um trabalho pronto e acabado desde o início.

Houve um primeiro momento de construção da demanda junto à equipe e aos usuários da instituição, os imigrantes. Em seguida, foram feitas as propostas de intervenção diante da demanda caracterizada. Segue abaixo o relato do trabalho percorrido nessa instituição de apoio aos imigrantes. As demandas levantadas nos revelaram a forma pelo qual os imigrantes enunciam o seu mal-estar na imigração. Considerando a importância dessa questão farei uma exposição e discussão das

demandas escutadas e em seguida explanarei sobre as intervenções de trabalho propostas.

2.2.1 Os personagens da trama e seus nomes³

Três personagens foram fundamentais ao longo do nosso trabalho: o coordenador do CAMI, Paulo Illes, denominado pelo discurso social como “Brasiguaião”, por ter nascido no Brasil, interior do Paraná e ter ido morar no Paraguai aos dois anos de idade, onde ficou até seus dezesseis anos, quando retornou ao Brasil. Fala de uma angústia que o atravessa a vida toda: no Paraguai é reconhecido como brasileiro e no Brasil é visto como paraguaio. Essa denominação, para Paulo, não ajuda no processo de integração dos imigrantes brasileiros no Paraguai por se sentirem muito divididos e inclusive ausentes da participação política.

Outra personagem importante foi Monalisa ⁴, mulher peruana, artista plástica, que no início do trabalho era responsável pelo atendimento ao público. Quando os usuários chegavam para solicitar apoio jurídico ou social à instituição, era ela quem fazia uma primeira recepção dessas pessoas.

A terceira personagem importante foi Amanda ⁵, professora de informática e coordenadora do grupo de inclusão digital. Além de ser professora do grupo de informática, é responsável pela organização de alguns eventos e movimentos ligados à imigração, realizando trabalhos com alguns líderes da comunidade.

³ Na primeira fase da escrita desta dissertação a nomeação aos personagens ocorreu de uma forma que nos traz uma questão a pensar: o único que recebeu um nome foi o coordenador do CAMI: as mulheres da equipe e as bolivianas escutadas apenas receberam uma única letra. Isso trouxe à tona uma questão presente no deslocamento das mulheres da Bolívia para o Brasil, em que saem da Bolívia fugindo do poder absoluto dos pais e dos maridos. Viver no Brasil, para algumas, representa a possibilidade de ganhar voz, um lugar de escapar do que é absoluto (como uma única letra) e poder constituir um lugar onde pode falar, não se submeter aos mandatos do que se deve ou não fazer e poder se perguntar sobre esse fazer “O que eu quero disso que me pedem?” para assim poder ganhar um nome.

⁴ Nome fictício.

⁵ Nome fictício.

Monalisa, de início, queixa-se de que está sem espaço para suas coisas e seu trabalho de artes plásticas. Apenas conseguia atender à demanda da instituição que era dar conta do atendimento aos imigrantes que chegam ao CAMI a pedido de uma assistência nem sempre a jurídica, mas também de ordem emocional e social.

Amanda acha muito interessante poder participar das intervenções grupais realizadas pelas psicólogas, escolhe participar de todos. É importante mencionarmos que essa boliviana diz que, apesar de perceber que está no Brasil em uma condição diferenciada, por ter uma faculdade e ter um trabalho já estabelecido, não tem como negar sua condição de estrangeira: “É só eu abrir a boca e dizer alguma palavra que todos ficam sabendo que sou boliviana”. Há, portanto, questões que lhe atravessam enquanto mulher na relação com a terra e a língua estrangeira. Discutirei sobre isso no próximo capítulo.

2.2.2 Demandas

A escuta das demandas foi uma etapa importante. Na própria escuta da equipe, apareceram algumas demandas que revelavam o mal-estar que cada um viveu na própria imigração, e também da vivência enquanto estrangeiros, já que todos são imigrantes. A escuta dos imigrantes revelou-se outro momento importante. A combinação das duas escutas deu origem às intervenções que realizamos.

As demandas giraram em torno das seguintes questões:

i) dificuldades encontradas no processo de inserção na terra estrangeira, acompanhada da incerteza de aderir à nova cultura, identificando-se totalmente com ela e abrindo mão da história que precede a imigração, ou conquistando um lugar em que possa articular essa história, como podemos observar na demanda trazida por Monalisa.

A primeira demanda surgiu dela. Elabora um pedido de *espaço para fazer o que gosta*. O momento da nossa entrada na instituição coincidiu com um período em que toda equipe estava empenhada em dar conta do processo do acordo Brasil-Bolívia, em agosto e setembro de 2006. Monalisa era a principal responsável por esses atendimentos, apesar de todos estarem envolvidos.

É um momento em que não há espaço para mais nada; estou sem espaço para minhas coisas e meu trabalho, o que gosto mesmo é trabalhar com artes plásticas

A ajuda principal que pediu da psicologia foi na direção de poder encaminhar algumas mulheres que, ao pedirem ajuda para documentação, demandam apoio para aspectos de ordem emocional, como nos casos das mulheres que são agredidas em casa pelo marido, que vão ao CAMI para tentar sair dessa situação. Monalisa fala de sua angústia por não saber o que fazer, pois essa demanda é sempre dirigida a ela. Outro pedido comum diz respeito a relacionamentos amorosos e sexuais e dificuldades na educação dos filhos, principalmente quando estes entram na escola e começam a serem alfabetizados pela língua que é estrangeira a elas.

ii) *Separação do que é angústia própria e o que é do outro. Há um pedido de uma escuta para si e para o outro.*

O pedido é de *“ter que responder”* à demanda dessas pessoas, saber o que fazer com questões que são dos imigrantes e ao mesmo tempo se cruzam com as próprias.

Monalisa faz pedidos importantes a serem escutados para a constituição do nosso trabalho na instituição. Elabora uma questão sobre o seu lugar perante o que essa instituição lhe pede. Faz-me pensar em como trabalhar com essa questão do lugar da mulher na cultura e nas relações sociais. Enquanto mulher, precisa responder a tudo que é demanda da outra pessoa. Há uma angústia em jogo quando se trata de se deslocar do lugar que o Outro deseja. Caso consiga se separar do querer desse outro, em qual lugar se situa Monalisa. Qual o querer de Monalisa?

iii) *Desenvolvimento de um serviço de psicologia dentro da instituição*, demanda especificamente trazida por Paulo Illes, coordenador do CAMI, o desejo fala de um sentimento dos imigrantes não terem um espaço de voz para dizer da condição a que são submetidos enquanto estrangeiros nessa nova terra.

Sua principal preocupação foi com relação a nossa presença ter uma referência da universidade, pois temia que acabássemos desenvolvendo um trabalho de pesquisa, retirando dados da instituição e não contribuindo com nada. Sua dúvida era se seríamos mais um grupo a explorar a condição de fragilidade desses imigrantes, ou se poderíamos oferecer ferramentas que contribuíssem para sua inserção na rede social.

iv) *Palestra sobre motivação*, novamente trazida pelo coordenador, e decorrente de sua preocupação de inseri-los no laço social.

O CAMI já tinha em andamento o grupo *Inclusão Digital*, cuja proposta era habilitar os imigrantes no recurso da informática, oferecer-lhes essa nova linguagem para que conquistassem, do ponto de vista do coordenador, ocupações mais satisfatórias, fora das confecções de costura.

Mas o que Paulo Illes quis dizer com a falta de motivação nos bolivianos? Por que considera de antemão a necessidade de os bolivianos buscarem um trabalho mais satisfatório que as oficinas de costura?

Paulo percebe que há sentimentos de inferioridade e passividade nos imigrantes bolivianos face às dificuldades encontradas no processo de integração na cidade de São Paulo, momentos em que precisam ir aos serviços de saúde, buscar informações, documentos, fazer compras, etc. Nesses lugares são discriminados por sua aparência e por não saberem falar em português. Após expor essas questões, formaliza um pedido de uma palestra sobre o tema *Motivação*, com a intenção de desenvolver nesses imigrantes atitudes mais confiantes.

O mal-estar de Paulo aponta para o aprisionamento desses imigrantes num lugar de submissão à exploração. Nossa interrogação foi na direção do que causa desejo

nesses imigrantes. Neste caso referenciamos-nos na motivação inconsciente para trabalharmos.

Uma travessia importante na vida desses bolivianos no Brasil que não podemos deixar de examinar refere-se ao período clandestino em que vivem até conseguirem regularizar a situação de documentação no país. Concordo com Escobari (2008) que o lugar de ilegalidade dos imigrantes é terra de ninguém. Isso ao nível do inconsciente remete a tudo ou nada posso fazer nessa nova terra. Retira do sujeito a possibilidade de escolha, pois qualquer escolha será remetida ao tudo ou nada. Ou se aceita tudo dessa nova sociedade ou se a rejeita totalmente. O que impera nessa posição é a lei do querer do outro. O próprio desejo se apaga. Para além da condição de exploração a que se submetem no trabalho das oficinas de costura, há uma escravidão do ponto de vista subjetivo a que essas pessoas estão remetidas. É a essa motivação que estamos nos referindo.

Após escutarmos a demanda da equipe do CAMI e antes de elaborarmos uma proposta de trabalho, concordamos que seria importante escutar a demanda dos próprios bolivianos. Por essa razão realizamos um primeiro encontro com os bolivianos, líderes do grupo de inclusão digital. Objetivava escutar as questões vividas por eles diante da realidade de cada um e a forma singular que cada um desse interpretou o que foi acontecendo desde a chegada no Brasil.

v) Aprender a falar português igual aos brasileiros.

Explicando “quão horrível” era não entender o idioma elaboram pedido de aprendê-lo. Querem fazer parte da nova terra escolhida para construir uma vida melhor. As dificuldades encontradas na compreensão da língua implicam que na hora de falar o outro me reconheça do lugar de onde vim e onde me reconheço na minha origem. A fala humana traz a língua pela qual cada um estabelece seu discurso, traz as marcas de uma filiação, coloca em cena o lugar de origem da pessoa. Fala alguma é apenas fala do sujeito, uma vez que é sempre se fundamentando na mediação com um outro sujeito que ela opera, e que por aí ela se abre para a cadeia sem fim, mas não

indefinida, sem dúvida, porque ela se fecha nas palavras em que se realiza concretamente, na comunidade humana, a dialética do reconhecimento (LACAN, 1958).

vi) *Estudar na universidade*

Uma jovem boliviana que se mostrou muito curiosa em saber a respeito de cursos universitários, questionando-se sobre que faculdade poderia fazer, mas observando que isso seria muito difícil, pois trabalha na oficina dos pais. A questão presente é se há ou não possibilidade de subverter o lugar destinado pelos pais.

Essa questão é muito importante em relação ao objetivo que essa dissertação está trabalhando, que é exatamente essa possibilidade de um deslocamento que saia de um assujeitamento que permita a cada sujeito se lançar na direção do seu desejo. A ser retomado mais abaixo, trata-se de um caso em que a imigração para o Brasil não foi uma escolha pessoal, mas dos pais, pois chegou ao Brasil aos 11 anos de idade juntamente de sua família. Em um encontro mais adiante, essa jovem esteve presente e retoma essa questão sobre sua vontade de fazer uma faculdade e que isso só seria possível na Bolívia, pois quer fazer faculdade de Direito e de Letras. Para essa moça, emigrar para a Bolívia seria uma escolha. Deixo aqui uma questão: qual deslocamento subjetivo está em questão no caso dessa jovem?

vi) “*Queremos fazer UM*”. Nessa demanda, estão pedindo uma unidade que os identifique nessa terra estrangeira. Fazer parte do novo país, Brasil. Na transição de um país para o outro, há uma maior ou menor perda dos referenciais simbólicos que as identificavam na sociedade de origem. Isso nos mostra que a primeira sensação vivida é a de fragmentação das referências identificatórias.

O eixo central é como se dá o processo de inserção desses imigrantes na vida da cidade de São Paulo. O *lugar da ilegalidade* e a *perda da língua materna* constituem os pilares da ponte a ser percorrida pelos bolivianos que chegam de forma clandestina no país. Chegados à capital, no primeiro lugar em que são acolhidos precisam fazer parte são as confecções de costura.

Há um processo de isolamento num primeiro momento, em que ficam apenas entre os próprios bolivianos. Uma jovem boliviana fala que por muito tempo sua vida no Brasil se resumia ao seu fazer diante a máquina de costura. Questionava-se a respeito de como fazer amizades com o povo brasileiro. Falar como o povo da nova terra parece ser um movimento subjetivo importante para se identificarem como membro da nova sociedade. Uma menina boliviana de onze anos de idade comenta que temia ficar sozinha quando chegou ao Brasil e ao começar ir para a escola percebeu que só faria amizade com as outras crianças se conseguisse falar português.

vii) *Vida fora das confecções*. A busca desses imigrantes por um trabalho que não seja apenas o das confecções é um deslocamento de uma questão que suscitou um processo que começa com eles desde a Bolívia: a busca de uma solução que possibilite subverter com o lugar ocupado no mito familiar e na cultura do país, para encontrar espaços que permitam a construção de um lugar subjetivo que aponte e os situem frente ao próprio desejo. Trata-se de encontrar maneiras de ser diferente dos pais e do país de origem. Para a jovem boliviana cuja solução parecia ser a sua entrada na faculdade, se isso não seria possível naquele momento na sua vida, será que não poderiam ser encontradas alternativas para esse deslocamento que desejava?

viii). Há vida para além do que o Outro quer de mim? Estar na presença do Outro que não me reconhece remete ao desamparo, suscita-me sentimentos de estranheza e horror, o que causa um sofrimento intenso para alguns. A possibilidade ou não de se sustentar como estrangeiro nas relações sociais do país estrangeiro ao sujeito da ação, depende da posição subjetiva de cada pessoa frente ao próprio desejo.

2.2.3 Propostas de Trabalhos

A proposta de trabalho que apresentamos vinculou-se aos objetivos e às questões da presente pesquisa, envolvendo as mulheres e as famílias usuárias do CAMI. Mas, para além desses objetivos o projeto de intervenção foi elaborado a partir da escuta dos pedidos da equipe e dos imigrantes usuários do CAMI conforme mencionado acima.

Dentro do projeto inicial intitulado *Intervenções psicanalíticas com as pessoas em situação de vulnerabilidade psíquica e social decorrente do processo de imigração*, foram propostas três intervenções em grupo: *Costurando Caminhos para a Cidade*, *Tecendo e Fazendo* e *Escutando Famílias*.

O grupo **Costurando Caminhos para a Cidade** foi criado a partir do pedido de Paulo Illes de uma palestra sobre motivação. Foi realizado com os alunos do grupo *Inclusão Digital* já que a proposta desse projeto já em andamento estabelecia uma relação com esse novo grupo que seria desenvolvido pela psicologia. Objetivava trabalhar com os bolivianos a possibilidade de articular um lugar político e social para o desejo. Para tal fim, nossas intervenções foram na direção de auxiliar os imigrantes a resgatar a própria história e a situá-los nessa história, colocando questões que os implicassem em suas relações familiares e sociais. Perguntas como: *Quais mudanças ocorreram na forma como se relacionam com a família, com os amigos, na vida amorosa? O que viver em São Paulo convoca para cada um?* funcionaram como estopins para cada um começar a se implicar nas escolhas feitas na sua história e que a imigração faz parte dessas escolhas e de um deslocamento importante na subjetividade deles.

Também norteando nossa proposta de trabalho estava a demanda de Monalisa, por um trabalho que fosse feito com as mulheres, que deu origem ao grupo **Tecendo e Fazendo**. Ela avalia que algo deveria ser feito que possibilitasse tirá-las da condição de submissão e passividade em que se encontram, “amarradas à máquina de costura”, de tal modo que não conseguem proteger nem os próprios filhos, sujeitos a acidentes,

doenças, abuso sexual, etc. Questiona-se sobre o que leva essas mulheres a ficarem amarradas aos pés da máquina de costura e se submeterem ao ritmo de trabalho de 14 a 16 horas por dia. Fala também sobre o lugar das mulheres frente aos maridos, que são violentos e machistas, da “idade da pedra”, que resolvem as questões pela força física e não pela palavra. As mulheres na relação com esses homens são puxadas pelos cabelos, o querer do homem é um imperativo, torna-se um mando intransponível na vida delas.

Monalisa pediu o desenvolvimento de ações que possibilitassem às bolivianas produzir algo a ser vendido e que assim ganhassem um dinheiro fora das confecções de costura. Com isso se esperou que elas pudessem ganhar autonomia em relação ao marido e não mais se submeter a eles. É interessante pensar na possibilidade de essas mulheres poderem elaborar um produto onde possam imprimir sua própria marca, sobre o qual possam se reconhecer. Esse produto, se pensarmos do ponto de vista psicanalítico, pode funcionar como um objeto transicional⁶ que faça operar essa separação tão demandada por elas. Um efeito esperado desse grupo era a abertura de um espaço onde as mulheres pudessem se deslocar da posição de submissão, que entendo como uma submissão que vai além do marido, uma posição submetida a responder a todo custo aos mandatos dos pais, maridos, patrões, entre outros.

Oferecer às mulheres bolivianas um espaço de *charlas* (falas) possibilitaria pela fala e pelo fazer (artesanato, pintura, bordado, etc.) um resgate da história familiar, o lugar nessa família, o lugar em que foram tomadas pelo discurso da cultura, como se posicionam frente a esses discursos. Uma procura por expressões presentes na cultura e no saber que a mãe delas transmitiu a respeito do feminino. O reencontro com esses elementos significantes abre uma possibilidade para que possam se apropriar deles e realizar uma criação que não é só de um produto para vender. Trata-se de um produto que seria uma criação poética como a que Freud (1907) se refere quando fala do jogo como uma ocupação preferida das crianças, pois ao jogar, ela se comporta como um poeta que cria para si um mundo próprio, ou melhor, insere as coisas de seu mundo em

⁶ Conceito psicanalítico elaborado por Winnicott para falar do processo de separação do bebê com sua mãe. Um exemplo disso é o paninho com cheiro da mãe ou as chupetas, entre outros objetos eleitos por cada criança.

uma nova ordem que lhe agrada. Ao brincar, a criança constrói um saber, da mesma forma que as mulheres, ao pintar e bordar, resgatam um saber que lhes permite se autorizar frente ao próprio desejo e se fazerem reconhecidas como sujeitos de uma história, de vontades que lhe são próprias.

Não há como dizer sobre *a mulher*, mas podemos olhar para as marcas que o querer feminino deixa na cultura. Para se tornar mulher, a menina percorre um longo processo e este ocorre na relação com a cultura.

Em outro trecho de Lygia Fagundes Telles (1980) da crônica *A mulher de Omsk*, relata sobre o gesto universal do feminino que é pregar uma agulha na gola do casaco quando recebe uma e não sabe onde guardar, um gesto eterno que marca mulheres do mundo todo, independente da sua cultura e língua falada. E o escritor húngaro Sándor Márai (2008), em seu livro *De verdade* afirma:

Um dia despertei, sentei na cama e sorri. Nada mais doía. E de súbito compreendi que não existe mulher de verdade. Nem na terra e nem no céu. Não existe em lugar algum, aquela. Existem apenas pessoas, e em todas há um grão da verdadeira, e nenhuma delas tem o que do outro nós esperamos e desejamos” (Márai, S. 2008)

Fabbrini (2002) nos fala brilhantemente da palavra tecida pela escrita como uma metáfora preciosa que aparece ligada ao feminino. A invenção do tecer e do tecido vem recobrir, num jogo de esconder e mostrar, a falta percebida nas mulheres. É interessante pensar nesse jogo que algo só pode ser mostrado se foi escondido. O feminino vem nessa tessitura de vestir uma fantasia para tirar a roupa, como nos fala Rita Lee, cantora e compositora brasileira, em sua música “Mania de você”. A costura, o tecer um tecido, formando por vezes uma colcha de retalhos, ou mesmo a escrita de um texto criativo, são gestos universalmente femininos que dizem desse fazer-se mulher. É uma possibilidade de recobrir o corpo, bordeando a falta. Esse véu doa uma forma que é notada através das marcas indicadas pelo seu contorno. Tecer um tecido, portanto, visa não só recobrir a falta, mas também recordá-la, fazê-la aparecer.

Não há uma única solução para tornar-se mulher, mas existem palavras, ou como nos diz o escritor, grãos de verdade, que são dados pelo encontro da singularidade com o universal. O trabalho de costura pode funcionar como uma boa metáfora para pensar a mulher na relação com o desejo e nas soluções encontradas para sua condição feminina. É uma costura do que se pode apreender dos gestos, dos véus, das vestimentas, das maneiras de andar, falar, por exemplo, como marcas do feminino presentes na cultura, que primeiramente é apresentada pela mãe. Uma costura em que cada mulher tece um saber para dizer de sua feminilidade.

Esse é o produto que, do ponto de vista da psicanálise, escutamos como fruto dos encontros do grupo só para mulheres, que realizaríamos ao longo do ano de 2007 no CAMI. Como nos ensinou Lacan, diante do inominável, nos resta falar. Foi justamente pelo movimento de tecer um saber que o grupo foi denominado *Tecendo e fazendo*.

Assim, como nos lembra Fabbrini (2002), o feminino em cada humano traz a possibilidade de navegar sobre o nada, através da tessitura de fios que se entrelaçam para oferecer um contorno e um conforto diante o pavor que o vazio causa de quem está diante dele. Mas para que esse corpo possa viver, é importante que o tecido seja vazado, possua frestas e pequenos furos, para que o que está escondido ora se revele ora se esconda. O fiar e o tecer vão possibilitar uma escrita que inscreva a existência de cada sujeito na história. Não é a toa que as bolivianas nos atendimentos do grupo *Tecendo e Fazendo* do CAMI demonstraram sentir falta de um espaço onde pudessem cozinhar juntas. Revelaram que, em relação ao que ficou para trás em seu país, aquilo do que mais sentiam saudades eram os momentos de estar junto com as mulheres da família, ou mesmo da mãe (na Bolívia as mães e tias da família costumemente ensinam as jovens a colher as plantas da horta que têm em cada casa para fazerem chás). Podemos pensar que o cozer é outra metáfora preciosa desse fazer feminino, que faz circular um saber que não é único, mas constituído pelos pequenos grãos de verdade.

Por fim, o grupo ***Escutando famílias*** atendeu a proposta de realizar alguns atendimentos individuais às famílias imigrantes que traziam situações como:

- i) mulheres em depressão porque vivem situações familiares de violência;
- ii) de traição do marido;
- iii) de chantagem dos patrões que ameaçam tirar o filho delas caso denunciem as condições de trabalho a que são submetidas; ou
- iv) mulheres que chegam ao CAMI pedindo ajuda em como cuidar do filho.

Além desse ponto de vista das mulheres, Monalisa nos fala que chegam até o CAMI homens pedindo ajuda porque ao chegar ao Brasil não sabem mais como lidar com suas mulheres, pois na Bolívia eles falam que elas aceitam quando batem nelas, e quando chegam aqui não aceitam mais e os denunciam na delegacia de mulheres.⁷

2.2.4 Algumas interpretações

Eu sou uma pessoa que não sou, sou visto sempre como outra

Quando o CAMI nos solicitou uma ação que motivasse os bolivianos a buscarem empregos melhores do que os das oficinas de costura, uma primeira pergunta se fez necessária: “O que é trabalhar nas oficinas de costura para aqueles bolivianos que escutávamos?”. Alguns viam o trabalho nas oficinas como um primeiro lugar em que muitos podem não considerar como sendo o melhor, mas uma porta de entrada para começar a costurar não só roupas, mas projetos de vida, os próprios sonhos e desejos. A oficina de costura é a chance de ter um lugar para trabalhar com um salário, morar, comer. Antes de virem para o Brasil, a chance de conseguir um trabalho era muito

⁷ Chamo a atenção nesse trecho para o cuidado em relação a essas afirmações sobre o papel do homem na vida dessas bolivianas. Escutamos a versão de serem vistos como homens violentos apenas do ponto de vista das mulheres. Não foi possível ouvir o que os homens dizem a respeito de sua relação com as mulheres.

difícil, principalmente para as mulheres. Há muitas barreiras para se inserirem no mercado de trabalho em seu país, os homens ganham mais em certos empregos e muitos locais nem aceitam a presença feminina no trabalho.

A motivação visionada pelo CAMI enquanto uma instituição política dizia respeito de despertar interesse para alcançar um emprego melhor, sair do lugar de serem explorados pelos donos das oficinas de costura e buscar empregos em que recebam um salário legítimo dentro das leis trabalhistas brasileiras. Uma escuta psicanalítica a esse pedido não desconsidera o fato de existir a exploração à qual estão submetidos em seus trabalhos, mas traz isso como uma questão para o sujeito, que o faça se perguntar sobre esse lugar, sobre a razão de se deixar explorar.

Em nossas intervenções, há uma impossibilidade de conduzir o homem a uma felicidade coletiva, mesmo que cada um sonhe com um mundo de paz e harmonia entre todos. Freud nos legou a idéia do mal-estar na civilização, estrutural e não-conjuntural, e Koltai (2004) nos fala da pluralidade gerada pela multiplicidade do social em tensão com o particular da subjetividade de cada um. A civilização impõe para o sujeito humano uma parcela de renúncia de sua satisfação pulsional, gerando para o eu do sujeito o medo de ser punido por uma autoridade externa que venha lhe dizer aquilo que está proibido de fazer. De certa forma, essa exigência de renúncia causa para cada pessoa um sentimento de culpa feroz quando se depara com o desejo de se satisfazer com algo. Pode-se dizer então que a culpa é o resultado do conflito entre dois senhores.

Freud (1930, 174) afirma que o sentimento de culpa “*é expressão imediata do medo da autoridade externa, um reconhecimento da tensão existente entre o ego e essa autoridade*”. É o problema mais importante que aparece no desenvolvimento da civilização junto com a dor e sofrimento que o homem vive no relacionamento com seus semelhantes, vivido como uma dificuldade de ser. É difícil de lidar com a dor de recebermos uma quantidade de amor muito menor do que a que gostaríamos de receber dos outros com quem nos relacionamos. Não recebemos todo o amor e atenção de uma só pessoa; ao longo da vida cada um recebe apenas pequenas parcelas de amor e olhares de atenção advindos dos encontros com o outro humano. O

homem estará para sempre insatisfeito, devido a sua busca constante pela plenitude. A esse respeito o psicanalista explica:

A questão fatídica para a espécie humana parece-me sem saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. (Freud, 1930, p. 147).

Trabalhamos com a idéia de que não há como encontrar soluções solitárias, nem esperar que o outro ofereça a solução, há sim a possibilidade de articular soluções a partir da relação estabelecida com algumas pessoas. É um trabalho de corte e costura.

A proposta de oferecer no CAMI grupos de reflexão visava abrir espaços de discussão em que cada imigrante pudesse trazer suas experiências e suas questões, estabelecendo um espaço de troca: a partir da fala de cada um construir soluções em conjunto para o problema trazido em comum a todos.

Ilustra essa proposta um dos encontros grupo *Tecendo e Fazendo*, quando uma das mulheres presentes perguntava sobre como deveria educar seu filho em fase de alfabetização. Tratava-se Raquel⁸, boliviana cujo filho lhe trazia dúvidas da escola. Como ela não conseguia ler direito o português, perguntava-se se deveria abandonar toda a sua história para educá-lo de acordo com a cultura, a língua e os costumes deste país. Monalisa, presente no grupo, contou que, com seu filho de três anos de idade, decidiu junto ao marido que iriam falar em sua própria língua, Monalisa em espanhol, já que é peruana, e o marido, brasileiro, falaria em português: nem um nem outro abdicaria de sua história e de sua língua para poder educá-lo. A escolha seria do menino por qual língua falaria. Em referência à fala de Monalisa, Raquel se pergunta sobre outra forma de educar seu filho sem precisar abandonar sua história. Ao escutar

⁸ Nome fictício

outra forma de ver uma situação, Raquel conseguiu pensar em se posicionar diferentemente diante o impasse de como educar seu filho.

Dessa forma, pode-se pensar que a intervenção grupal faz a palavra circular, os integrantes do grupo se identificam nas questões trazidas e podem em conjunto construir diferentes soluções, como no exemplo citado acima, como enfrentar o preconceito sofrido por serem imigrantes bolivianos, como ir até um posto de saúde, entre outras questões. É a possibilidade de sair da repetição e se implicar no próprio ato, tomando uma postura onde possam se enxergar numa posição de agente e assim capazes de mudar o percurso dos fatos, transformarem o que antes era tomado como destino e verem que é uma das possíveis saídas para o problema.

Um discurso que nos fez questão em nossas intervenções no CAMI foi o da vitimização. O lugar do qual falávamos não era o de olhar os imigrantes como vítimas, mas o discurso se fazia presente tanto na fala dos próprios bolivianos sobre si, quanto na da instituição sobre os mesmos.

Na fala dos bolivianos nas discussões dos grupos apareciam algumas colocações como: *“Eu sou uma pessoa que não sou, sou visto sempre como outra”*, ou *“Aqui no Brasil, quando saímos nas ruas somos vistos como peruanos criminosos”*, ou ainda *“Por que os estrangeiros europeus são vistos no Brasil com mais privilégios do que nós que somos bolivianos? Os europeus são mais reconhecidos e têm mais importância para os brasileiros do que a gente”*; ou ainda *“Como é difícil se relacionar com os brasileiros que nada querem saber de nós, somos vistos como aqueles que nunca têm o que oferecer”*.

De fato, o acesso dos bolivianos aos postos de saúde é muito dificultoso. Os atendentes pouco estão disponíveis para um atendimento humanizado, para poder olhar e escutar aquele que chega e lhe pede ajuda. Isso acontece de forma geral, mas, no entanto, no caso desses imigrantes a situação é ainda pior, pois há a barreira imposta pela dificuldade de compreensão do idioma, e muitos estão ilegais, encontram-se indocumentados. A grande questão é saber como se posiciona cada imigrante frente a essas dificuldades.

Num atendimento a uma família, o rapaz contava que antes de conseguir se legalizar no Brasil precisou por vezes recorrer a um posto de saúde para levar sua filha. Sabia que era direito seu o acesso aos serviços de saúde, mas não tinha documentação e tinha medo de a polícia lhe pegar. Para driblar essa situação saía bem de noite com sua filha no colo, quando o policiamento é menor.

Se nesse caso o rapaz dá um jeito de lidar com um medo concreto —ser pego pela polícia—, há muitos outros em que a pessoa se intimida e se identifica como “o indocumentado”, assume esse lugar e paralisa a vida nessa cena. Fica à espera de alguém que possa olhá-la e reconhecê-la acima de tudo como uma pessoa com direitos e humana. De fato, faz diferença existir alguém que reconheça, mas o problema está na pessoa se identificar no lugar de vítima.

Para aquele que se cristaliza na cena da vítima a expressão subjetiva é a do ressentimento. Essa posição leva o sujeito a uma demanda de queixa do outro como causa das suas dificuldades e do seu mal-estar. Segundo Koltai (2004), ressentimento é o sentimento típico do sujeito que vive apenas no registro dos direitos e esquece que há o registro dos deveres. Este se assegura numa posição subjetiva que espera o ressarcimento pelas suas dificuldades. Nesse caso não se pergunta sobre o que fazer com os impasses e o mal-estar advindo da imigração.

Concordo com Koltai (2004) que tratar da questão da vitimização é uma questão delicada, já que é uma ideologia de nossos tempos que atinge analistas e analisandos. Vivemos num mundo onde o lugar de vítima é glorificado e estimulado.

Uma escuta psicanalítica pode oferecer mais do que isso.

Ela tem o dever de fazer surgir pensamento lá onde ele não existe, restaurando essa aptidão própria ao sujeito que é sua capacidade de julgamento. Julgar é da responsabilidade de cada um e remete à escolha desejante do sujeito. Espera-se que no decurso de uma análise o sujeito possa se dar conta de que aquilo que mais odeia foi introjetado e incorporado, de que o inimigo é interno, reside no mais íntimo de seu ser, de nada adiantando colocar-se no lugar de vítima que responsabiliza eternamente o outro por seu trauma.” (p. 12)

Provocar um deslocamento da posição de ressentido é lembrar que o sujeito não está só no mundo, que o mundo não é habitado só por *um* homem, mas são os homens quem habitam a terra. É reconhecer a variedade do gênero humano, que há uma infinita diversidade humana de criar soluções de enfrentamento diante do mal-estar presente nas relações humanas; não esquecer que esse trabalho de enfrentamento é feito pela psique, pelo social e pelo político.

O CAMI nos mostrou também como as instituições ligadas à imigração são importantes na vida desses bolivianos, que acolhem esses imigrantes oferecendo assistência jurídica e social. Politicamente, buscam retirá-los de uma invisibilidade política, através de uma participação ativa nas lutas pela criação de leis e políticas migratórias que promovam a inserção social dos imigrantes, além de oferecer cursos de cidadania, informática e português. Oferecem aos imigrantes recursos para enfrentarem algumas das dificuldades encontradas na sociedade estrangeira, como por exemplo, a dificuldade com o idioma, que pode levar a um isolamento social.

2.3 DESLOCAMENTO TERRITORIAL COMO OPERADOR DO DESLOCAMENTO PSÍQUICO E AS MULHERES BOLIVIANAS.

As bolivianas escutadas ao longo do trabalho no CAMI referem-se à imigração para o Brasil como uma forma de produzir algum deslocamento subjetivo que permita se autorizarem frente ao próprio desejo. Escolheram a terra estrangeira para deixar para trás a terra natal, a terra-mãe.

Ao chegar ao Brasil, são reconhecidas como estrangeiras. É um lugar em que a partir da relação com o diferente, tanto do reconhecimento dos brasileiros em relação a elas quanto delas em relação aos brasileiros, haverá uma mudança de leis, de língua, de costumes, de cultura, de lugares simbólicos para as relações entre homens e mulheres.

Por definição, o imigrante é considerado um estrangeiro na nova terra. O significante estrangeiro produz um deslocamento no sujeito. Koltai (2002) aponta que diante do estrangeiro o sujeito nunca permanece indiferente. Acontece uma interrogação da cena inconsciente fundante do sujeito, do como se posiciona no mundo e como responde ao que as pessoas esperam dele.

De acordo com Koltai (2000),

O imigrante é por definição um estrangeiro, alguém que vem de outro lugar, que não está em seu país e que, ainda que em certas ocasiões possa ser bem vindo, na maioria das vezes, é passível de ser mandado de volta para seu país de origem. (...) Talvez não seja exagerado dizer que no plano político o estrangeiro é o analista da cidade, do laço social. (p. 75)

Aquilo que é estranho, afirma Freud (1919) em *O estranho*, na verdade é uma parte da vida psíquica do sujeito que há muito tempo foi familiar e que se tornou estrangeiro pelo processo de recalçamento, constituindo todo o material do inconsciente. Freud faz uma longa explanação e explicação da palavra que deu origem ao estranho. Refere-se ao *Heimlich*, cujo significado traz um sentido de ambivalência que até que coincide com o seu significado oposto. Ao mesmo tempo, fala de um lugar livre de fantasmas, um lugar familiar, amistoso e íntimo. Esse lugar familiar e íntimo remete a algo que fica afastado dos olhos dos estranhos, algo que é secreto, e que se é familiar refere-se à casa. É nesse último significado que se chega ao significado oposto, *Unheimlich*, não-familiar, aquilo que diz dos terrores, dos fantasmas.

Freud (1919) afirma:

[...] esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão. Essa referência ao fator da repressão permite-nos, ademais, compreender a definição de Schelling do estranho, *Unheimlich*, como algo que deveria ter permanecido secreto, mas veio a luz. (p. 258)

Uma vez interrogados em sua estranheira, homens e mulheres passam por transformações subjetivas nas relações com familiares, marido ou esposa, dentre outros laços. Um exemplo disso foi quando pude escutar Paulo Illes, coordenador do Centro de Apoio ao Migrante, contando que em um de seus atendimentos um homem

veio pedir ajuda porque não entendia como que ao chegar ao Brasil sua mulher o havia denunciado na delegacia das mulheres, por tê-la agredido. A questão desse rapaz era que quando moravam na Bolívia agredia sua esposa e nada acontecia, sua mulher aceitava isso e pronto. Algo aconteceu, sua mulher não aceita mais ser agredida e busca um lugar de denúncia.

O lugar estrangeiro questiona, coloca o sujeito em dúvida, em questão, sobre o seu lugar na família e na sociedade. Koltai (2000) vê o imigrante como alguém que vem de outro lugar, que está num país estrangeiro e ao mesmo tempo pode ser mandado de volta para sua terra Natal; está numa terra que sabe não ser sua, ao mesmo tempo em que não conseguiu algo na terra-mãe, como um emprego ou a possibilidade de não aceitar tudo o que um marido determina. É alguém que se incomodou com as certezas que vinha vivendo e passou a questionar o que esse Outro da cultura, das relações vividas até então queria de si.

Como nos apontam Rosa, Carignato e Berta (2008), se pudermos relacionar o fenômeno de deslocamento humano com as leis que regem o inconsciente, a migração pode remeter ao desejo humano. Para a definição freudiana, as leis do inconsciente dizem do que ele trabalhou pela primeira vez em seu *Interpretação dos sonhos*, de 1900, onde as leis do inconsciente são as mesmas que regem o mecanismo dos sonhos ou seja, o processo de deslocamento e condensação. Já em referência à definição de Jacques Lacan, podemos dizer que essas leis se equiparam ao que ele denomina de metonímia e metáfora. As autoras afirmam que:

[...] Nesta bipolarização discursiva, a metonímia mantém o deslizamento significante do discurso e marca a condição errante e nômade do desejo. A metáfora, nível sincrônico do discurso, alude ao ponto de basta que circunscreve, revela e veda a verdade do sujeito. Ambos são concomitantes e compõem a historicização do sujeito. Dissociados, os processos podem gerar, de um lado, um movimento contínuo sem ponto de balança que pode resultar no desenraizamento do sujeito; ou, de outro lado, a identidade cristalizada alienante que retira o sujeito de sua condição desejante (p. 8).

A imigração aponta para o desejo, pois é por meio da cadeia metonímica de associações, de significações e de substituições metonímicas que a pessoa pode sair do lugar das certezas destinado pelo Outro e ir atrás de construir um lugar que lhe seja

próprio. Para tal, o país para o qual migrou precisa que porte alguns traços identificatórios que possibilitem o deslocamento subjetivo buscado. No exemplo citado acima, a abertura que existe no Brasil para as mulheres se posicionarem diante do marido, a existência de delegacias onde podem pedir socorro caso sejam violentadas por eles inauguram um espaço para que possam questionar o lugar de submissão.

Quando chega ao país estrangeiro, o imigrante traz um olhar interrogador, ocupa no novo país um olhar novo sobre a cidade, questiona as certezas da cidade, das relações sociais, familiares, dos costumes, ao mesmo tempo em que é interrogado em sua forma de viver, de se relacionar, de amar, além de ser convocado a falar outra língua. Abre mão da língua materna para poder falar o novo idioma, a nova língua. Esse processo envolve num deslocamento que não é mais territorial, mas um deslocamento do lugar que sempre ocupou para poder passar a se representar diante novos significantes (KOLTAI, 2002).

É importante dizer que, segundo Carignato, Berta e Rosa (2007), o processo de imigração articula motivações individuais calcadas no desejo e em motivações sociais, política e econômicas. Isso significa dizer que a relação que se estabelecerá com a nova terra carregará as marcas desse processo. A condição desejante do sujeito humano dá-lhe um movimento em que a apreensão de si e do mundo é marcada por um processo de desconhecimento e reconhecimento dos seus traços nas coisas e pessoas que o circundam. *“As dimensões diacrônicas e sincrônicas do discurso, expressas pela metáfora e pela metonímia, demonstram a condição itinerante do desejo em tensão quanto à ficção do sujeito construída, mas desconstruída e reinventada pelo desejo.”* (ROSA, CARIGNATO, BERTA E ALENCAR, 2008).

Porque o boliviano que vem para trabalhar nas oficinas de costura entra no país clandestinamente —alguns agenciados por empresas que realizam contrabando de pessoas—, este carrega a marca *eu sou uma pessoa que não sou, sou visto sempre como outro*, conforme se expressa um boliviano atendido no CAMI. Alega não poder entrar em loja ou lugar fechado, pois acham que vai roubar. Queixa-se de ser visto como qualquer outra coisa, menos boliviano, tampouco é reconhecido pelo próprio nome. Segundo Carignato, Berta e Rosa (2007), o homem dispõe do ponto de vista

subjetivo imagens acerca de si e do que isso representa para o outro humano, mas só isso não basta para dar conta da representação de si nas relações. Isso porque não se trata de qualquer existência, como já dissemos acima, e sim aquela que julga como própria, e que tem a ver com a versão ficcional que inventou de si próprio e que para legitimá-la, pede o reconhecimento do Outro. E ao pedir esse reconhecimento e receber um olhar que destitui a sua marca identitária, há uma dor que se cria para o sujeito. Esse boliviano fala de não ser reconhecido por aquilo que ele pode dar, sendo colocado num lugar desvalorizado, no qual o que importa é a forma pelo qual seu país é representado pela sociedade brasileira, é o preconceito construído a respeito do imigrante latino-americano no Brasil.

Os bolivianos trazem questões de ordem identitária, como o exemplo do que esse rapaz nos relata, como trazem também a questão da falta de documentação. Diante dessa parcela de bolivianos que vivem de forma ilegal no Brasil, questiono o estatuto da ilegalidade em que vivem. *Este se refere apenas à falta de documentos de identificação, ou seja, do documento de identidade, ou estamos falando da legalidade que remete à lei da castração, sob a qual alguns vivem na lógica do tudo ou nada na nova terra? Vivem enclausurados nas oficinas de costura, onde não só trabalham, mas também moram, com muitos passando nesse local 24 horas por dia –e, curiosamente, não só os empregados se submetem a essas condições, mas também os patrões, donos da oficina de costura. Isso ocorre por medo da polícia, ou porque se negam a estabelecer laços com o estrangeiro devido ao medo de não serem reconhecidos como pertencentes à nova terra?* Essas razões coexistem. De fato, segundo Sayad (1998), o emprego é fundamental na vida dos imigrantes para garantir o sustento próprio e o da família; entretanto, na busca de pertencer a algum lugar o imigrante está falando de algo além de ter uma moradia e ter um trabalho, de ter um lugar em que porte traços simbólicos que o identifiquem e o façam sujeito de uma ficção individual.

O filme *Um Skinhead no divã* ilustra a importância do deslocamento territorial para que algumas pessoas consigam inscrever algum deslocamento subjetivo em suas vidas. Narra a experiência de um analista judeu que se mudou para Suécia e faz seu trabalho de analista nesse país. Passado algum tempo ele começa a analisar o jovem neonazista Soren.

Em seu trabalho analítico, Soren traz o ódio que sente em relação ao estrangeiro, em especial aos judeus, dizendo que a Suécia estava tomada por judeus (estrangeiro), que deveriam ser eliminados. Procura um lugar onde não fosse perseguido. Sente ódio o tempo todo. Na análise, percebe que essa questão do estrangeiro o atravessa desde a relação com os pais, que a vida inteira o tomaram como estranho e esquisito. Soren comunica ao analista sua vontade de morrer, mas lhe falta coragem para isso. Sente-se um covarde e tem muita vergonha de si.

Soren busca em sua análise um deslocamento subjetivo, quer um lugar onde não se sinta perseguido. A respeito dessa questão de Soren, o analista lhe diz: *“Assim como vim para Suécia há anos, após a morte do meu pai em Auzshiwitz, e encontrei um lugar para viver, você vem a mim (análise) e está buscando construir um lugar que cedo ou tarde poderá encontrar e ficar sem sofrer ameaças.”*

O filme aponta para a relação a que me refiro sobre o deslocamento subjetivo buscado pela mulher boliviana ao se deslocar da Bolívia para o Brasil, um deslocamento que desde muito cedo cada pessoa trilha na tentativa de apropriação do mundo, num jogo de ora estar numa posição passiva, ora ativa.

2.4 MITO INDIVIDUAL E MITO FAMILIAR NO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO

O discurso de algumas mulheres bolivianas permitiu observar que a imigração funciona como um projeto familiar ou pode representar a tentativa de transformar as marcas deixadas pela família na direção da constituição de uma posição de sujeito de uma ficção individual. Portanto, esse capítulo visa elucidar o que é o mito familiar.

2.4.1 O mito familiar

O mito tem na psicanálise uma importância fundamental que Freud resgata sobre o lugar fundante que ele tem para cada ser humano, mas que desde os tempos da mitologia grega já dizia de uma narrativa, de um relato sobre a origem da humanidade, cuja função é instauradora. O mito de Édipo, por exemplo, que nada mais é do que uma lenda, um mito, que explica a origem da diferenciação sexual homem e mulher, além de dizer muito sobre o sofrimento do neurótico, conforme afirma Nasio (2007 a).

O conceito do *mito* adquiriu um lugar central na psicanálise. Vem dar conta de explicar que antes do nascimento de cada ser humano há uma história que pré-existe: ao nascer, este é tomado nessa rede simbólica segundo expectativas existentes antes mesmo do berço, e que, a partir de então cada um passará a vida construindo histórias e narrativas para explicar por que veio ao mundo e de onde veio, desde os anos mais precoces da vida. Além disso, é a partir dessa história que lhe acolhe e lhe dá um lugar no mundo que o ser se constitui enquanto ser humano habitado por uma linguagem que fala dele e que pode ser falada por ele. Lacan (1957) fala que o indivíduo quando nasce, nasce como um pedacinho de carne, e que desde os primeiros cuidados maternos vai se constituindo enquanto ser humano porque existe um Outro que lhe insere na cultura de sua época e lhe transmite uma história que lhe pré-existe e que vai além dele. Ou seja, o ser humano é um ser de linguagem e constituído por ela.

Sendo o mito uma narrativa inconsciente, é uma construção feita pelo sujeito para responder às perguntas fundamentais que lhe advêm em seu processo de se constituir humano, perguntas que dizem respeito à própria origem, à origem da humanidade, à por que foi desejado, e também à morte, à que, enfim, numa determinada fase da vida o ser humano se dá conta que é finito, quando vai se haver com seu complexo de castração. Só nos tornamos o homem que somos porque aprendemos que um dia vamos morrer. Além dessas questões, o homem se pergunta também a despeito de sua sexualidade, do porquê da diferença sexual.

Segundo Rosa (2000), a família e a sociedade são os dois pilares importantes para a construção dos mitos. O mito é ligado à história para dizer de uma realidade.

Envolve crenças integradas e compartilhadas pela família. Há uma família, como lugar do Outro da cultura, ou seja, como transmissora da língua, dos significantes da cultura, e responsável também pela transmissão das histórias familiares ao longo das gerações. Essa versão de família ocupa o lugar de referência simbólica que oferece o berço humano para cada sujeito que vem ao mundo. Outra versão de família é a criada pelo mito, uma história fictícia inventada pela interpretação do sujeito das marcas que perpassa as relações dessa família, seus traços identificatórios, e que assim constrói um lugar simbólico para cada membro. Trata-se da versão que cada um da família tem do que é a essa família, a qual faz parte.

Rosa (2000) ainda afirma que os mitos têm como função proteger o grupo familiar. O lugar do sujeito na família é dado pela filosofia de vida contida no mito. Essa construção lhe serve como referência simbólica de pertencimento a um grupo social, primeiramente a família.

Não há uma resposta unívoca para todas essas questões. Cada indivíduo a constrói na relação com o mundo, nos encontros e desencontros humanos, na busca incessante ao longo de sua existência por significantes, palavras e expressões que lhe são significativas e que o possam ajudar a se localizar frente a essas questões, no tempo e no espaço, dentro de um período histórico que consiste ser a sua vida.

E a família, como instituição que primordialmente cumpre a função de transmissão da cultura e das histórias familiares, é um lugar simbólico que auxilia o sujeito humano na construção do seu lugar na cultura e no mundo.

Dois textos de Freud trabalham sobre a função da família para a constituição do sujeito na relação com o mundo e sua forma de se posicionar frente ao desejo. O primeiro é *Moisés e o monoteísmo*, de 1939, em que o psicanalista cita o exemplo do lugar que a família ocupa no percurso histórico de Moisés para conceituar, do ponto de vista da psicanálise, que as duas famílias do mito de Moisés na verdade correspondem a uma só para o inconsciente do sujeito.

Já no mito do *Totem e tabu*, este (1913) nos faz ver como ocorre o fundamento de uma nova família. Explica que há uma lei, a lei de proibição do incesto, que instaura uma falta e cria barreiras àquilo que proibido numa família, numa sociedade e numa

cultura. É em nome de um pai morto que as relações entre homens e mulheres se organizam. Em nome desse pai que morreu cria-se um tabu que determina que os membros da mesma tribo não poderiam se casar entre si. É a partir de uma lei que as relações familiares se configuram e que ocorre a fundação de uma família, que marca a organização simbólica de toda uma cultura.

A barreira do incesto, como bem nos ensinou Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), foi uma das aquisições históricas da humanidade. Cria tabus e organiza as relações de troca entre as mulheres. A lei da proibição do incesto está presente nas relações humanas para dizer o quanto não se pode tudo com o outro. Há, sim, uma falta que movimenta o ser humano a se deslocar de uma experiência a outra, de um objeto a outro. A presença dessa lei organiza e permite as produções culturais.

Julien (2000) nos ensina sobre as três leis que auxiliam no processo de transmissão intergeracional que permite a fundação de uma nova família: a lei do bem-estar, a lei do dever e a lei do desejo. É pela lei do desejo que se refere ao lugar que cada um é tomado no âmbito família, à forma como as relações familiares se configuram, a que histórias são amarradas a esse contexto e ao que é transmitido de uma geração a outra dentro de uma linhagem familiar. Criam-se mitos familiares com uma versão singular para cada membro da família.

A lei do bem-estar está ligada à noção do que se entende por saúde dos membros da família no sentido de prezar pelo bem-estar total: físico, mental e social desses. Por si só essa lei não basta para fundar uma sociedade, pois requer outra lei, a lei do dever, que é incondicional e categórica: é uma lei comum a qual cada um está sujeito, ao mesmo tempo em que cada um é legislador, tornando os indivíduos livres e iguais. Se somente a família costumava prezar pelo bem-estar dos filhos, com o advento da modernidade cada vez mais as instituições sociais atravessam a transmissão dessa lei impondo de forma universal o que é bom e o que não é para cada membro dessa família, aproximando-se mais à lei do dever, onde a presença do terceiro na realidade é imprescindível. Essas leis são fundantes, porém dizem de uma universalidade; dessa forma, a lei do desejo diz de algo que é particular a cada família e

a cada sujeito, ou seja, do lugar que cada um é tomado na rede desejante da família e do casal parental.

Na visão de Rodolfo (1986), o mito traz a dimensão das construções familiares relativas ao lugar e ao fundamento que envolve o contexto de onde o homem advém como sujeito humano. Com isso a psicanalista demonstra a importância da família na construção do mito individual ou na ficção de si mesmo, como um aporte de referência simbólica para que o sujeito possa construir seu lugar no mundo. Há, portanto, uma estruturação histórica e familiar, que nada mais é do que uma representação lingüística de uma cultura que vai alhures do seio familiar, mas que estrutura uma determinada família na forma como os membros se relacionam, por meio então dos referidos mitos. Esses mitos construídos são transmitidos ao longo das gerações, e pré-destinam um lugar na família para cada novo membro que lá nasce já com um lugar falado e desejado pelos seus antepassados.

O processo de transmissão desses mitos e das histórias ao longo das gerações imprime uma memória que estará presente na origem da constituição de cada homem enquanto sujeito humano. Há um canal de transmissão que acontece pela via da cultura. Em *Totem e tabu* (1913), Freud fala que o assassinato do pai da horda, um pai amado e odiado que é assassinado pelos próprios filhos, faz com que esses irmãos se liguem entre si. Isso imprime uma passagem na história, do isolamento dos indivíduos ao seu agrupamento. Esse processo cria história e dá a dimensão do simbólico e do intersubjetivo. E é exatamente esse processo psíquico que se transmite ao longo das gerações, sendo atualizado e transformado por cada um dessa rede.

No seminário *Relações de objeto*, Lacan (1957) fala que, a partir dessa história que pré-existe até mesmo em cada nova família, que é constituída a partir das experiências vividas com mãe, pai e com a cultura, o sujeito tecerá sua própria história e construirá seu próprio mito. E é nos pontos de parada e de articulação da história, sobre lembranças encobridoras, que se criam esses mitos, ficções organizadoras que velam os não-ditos presentes como parte da construção dessas histórias.

Cito Lacan (1957):

A lembrança encobridora, não é um simplesmente instantâneo, **é uma interrupção da história, um momento em que ela se detém e se congela e onde, ao mesmo tempo, indica a continuação de seu movimento** para além do véu. A lembrança encobridora está ligada a história por toda uma cadeia, ela é uma parada nessa cadeia e é nisso que é metonímico, pois a história, por sua natureza continua. Detendo-se ali, a cadeia indica sua seqüência a partir daí velada, sua seqüência ausente, a saber, o recalque em questão, como Freud diz claramente. (p.160) [grifo nosso]

Lacan (1957) nos fala de uma articulação simbólica ao nível das imagens no que ele nomeia como *véu*, um ponto-limite na história indicando que, à medida que a história continua, esta acontece também a partir do mesmo ponto em que se interrompe. Tal interrupção produz no homem uma marca que vai mediar sua relação com outro humano. O véu poderia ser comparado a uma tela em que se projeta a falta. Representa a falta e cativa o desejo. É uma presença simbólica, e por isso mesmo, que representa o nada.

Lacan (1957) fala:

O véu, a cortina [...] Pode-se mesmo dizer que com a presença da cortina, aquilo que está mais além, como falta, tende a se realizar como imagem. Sobre o véu pinta-se a ausência. Isso não é mais que a função de uma cortina qualquer. A cortina assume seu valor, seu ser e sua consistência justamente por ser aquilo sobre o que se projeta e se imagina a ausência. [...] Se o véu de Maia é a metáfora de uso mais corrente para exprimir a relação do homem com tudo o que o cativa, isso não ocorre, sem dúvida, sem alguma razão, mas está certamente ligado ao sentimento que ele tem de uma certa ilusão fundamental em todas as relações tecida por seu desejo [...] (p.157 e 158).

Um exemplo pode nos ajudar a compreender melhor a conotação dos “véus” para o psiquismo do sujeito. Refere-se ao período que as crianças vivem, por volta dos seus seis anos de idade, em que, por meio de suas pesquisas sexuais com outras crianças, com perguntas incessantes aos pais sobre os porquês e a origem das coisas relacionadas ao seu meio, descobrem que as respostas desses outros não são suficientes para a compreensão de suas questões. Percebem a castração dos pais, o que as faz cair do lugar de plenitude e as remete a uma grande angústia. Por mais que se responda a esse questionamento este não cessa, porque a função desses “porquês” é exatamente a de ser um “véu” para nada querer saber sobre a castração do Outro.

O sujeito é constituído numa trama histórica, vindo a ocupar um lugar muito específico nessa história ao nascer. Esse lugar é uma construção simbólica elaborada pela pessoa, que independe dos fatos em si para depender da interpretação singular elaborada desses fatos. Desde muito cedo na história individual de cada ser humano cria-se a necessidade da construção de uma ficção que dê conta de seu nascimento. O ser humano apanhará elementos significativos presentes na cultura do contexto vivente e também nas histórias familiares da própria família que, ao longo das gerações, criou também um mito que traz em sua essência aquilo que foi de ordem traumática, e que passa para a geração seguinte como uma ordem para que esta dê conta desse traumático não solucionado pela geração anterior.

Essa herança funda gerações, funda uma nova cultura. No entanto, é importante que não se repita o mito familiar sem se questionar sobre o lugar ocupado nele. Goethe fala que aquilo que herdamos de nossos pais precisamos conquistar de forma a nos apropriarmos dessa história e fazê-la nossa. Somente assim se criam produções culturais, como música, livros, novas teorias a respeito do mundo e das relações humanas, e novos lugares, colocando a cultura em movimento. Costa (1998) fala que a ficção criada de si mesmo, o mito individual do neurótico, é o que dá vestimenta ao Outro, para que o sujeito não fique apenas com a face presente na linguagem, mas adquira para si uma presença, uma consistência de um corpo desse Outro. Um corpo que não se resume a imagens, mas que é real, imaginário e simbólico ao mesmo tempo, o que permite a criação de uma ficção em que o sujeito reconta a “casa paterna”.

As teorias sexuais infantis, assim como contos infantis, poesias e filmes, são bons elementos da cultura que nos ajudam a fazer o deslocamento do lugar que se ocupa nessa casa paterna original. Constituem elementos simbólicos para fazer o recorte ficcional do real. Por exemplo, o conto *João e Maria* apresenta a possibilidade de se encontrar elementos intercambiáveis, como nos fala Costa (1998); a casa de doces intercambia com a casa do pai, a bruxa é substituída da madrasta, com a diferença de que na casa da bruxa conseguem enganá-la e não serem engolidos, medo que sofriam na casa paterna em relação à madrasta.

A família ocupa um lugar de referência simbólica para o sujeito na constituição do seu mito individual. Em *Duas notas sobre a criança*, Lacan (1969) nos fala que a família na evolução da sociedade, e também para o indivíduo no seu processo de constituição de sujeito humano, cumpre a função de transmissão da história familiar, mas também de significantes da cultura de pertença, transmitindo ao sujeito uma possibilidade de constituição subjetiva, que implique uma relação com um desejo que não seja anônimo. O conceito de fantasma permite situar o sujeito frente ao próprio desejo, enquanto que o mito é uma versão de fantasma, que localiza qual o lugar destinado na sua família de origem e responde ao desejo do Outro materno e paterno. É através da construção fantasmática que cada sujeito pode construir um lugar subjetivo que leve em conta a sua relação com o próprio desejo.

O filme *Colcha de retalhos*, dirigido por Jocelyn Moorhouse, de 1995, retrata a história de mulheres reunidas para costurar uma colcha de retalhos que iriam ofertar à neta de uma delas que se casaria em breve. Cada retalho dessa colcha é formado por uma imagem que trazia uma mensagem sobre onde residiu o amor em suas vidas. O interessante é que nessa colcha há lugar para o retalho da moça que vai casar, de como foi o seu encontro amoroso significativo em sua história.

O filme se desenrola nas várias histórias contadas pelas mulheres numa cidadezinha da Califórnia, que se entrelaçam e que já existem antes do nascimento da personagem Finn Dodd, a neta. No entanto, sua história de amor pode se inscrever dentro de uma colcha pré-existente. No momento em que está sendo feita essa colcha, Finn Dodd está escrevendo sua dissertação de mestrado e traz suas dúvidas de como seria casar-se, qual lugar seria o seu na casa e no casamento. Sua parte nessa colcha realiza o encontro do entrelaçamento dessas questões com a história de amor da mãe, da tia, da avó, histórias essas ouvidas e vividas ao longo de sua história.

O filme nos fornece uma metáfora importante para falarmos a respeito do mito individual. Podemos dizer que o mito que cada sujeito inventa é uma construção semelhante à de uma colcha de retalhos. Cada mulher, ao elaborar a sua colcha de retalhos (mito), lançará mão de retalhos doados com as marcas dos membros de sua família. Sua missão é costurar esses retalhos junto ao retalho que é seu: a costura que

irá fazer desses retalhos diz respeito ao lugar em que conseguiu se localizar frente à herança recebida.

O querer de cada mulher que escolhe imigrar para o Brasil deixa para trás seu lugar de origem, traz consigo a forma em que articulou e elaborou as marcas que recebeu da família. É balizado pelo desejo singular que toma como referência a própria família e o grupo social e cultural no qual está inserida. No entanto, ao chegar numa terra estrangeira, passará por um processo em que terá que refazer algumas costuras de sua colcha. Perante novas amarras, novas referências de pertença social e cultural e de reconhecimento do outro, oferece uma oportunidade e também uma expectativa de que a imigração possibilite uma reedição da história.

A família como transmissora da cultura, da língua que se fala, dos costumes e de traços que identificam o ser humano, é, segundo Faria (2003) responsável por uma transmissão que regula a relação do sujeito com o seu desejo, com a lei, com os valores morais e com o narcisismo. Trata-se aqui de analisar como algumas mulheres bolivianas constroem seu percurso dentro de uma história que lhe é maior, que já existe antes mesmo do momento do seu nascimento. O mito individual da mulher que teve como escolha imigrar é marcado pelo encontro da história individual com as construções coletivas da história e de toda humanidade.

Podemos pensar que, como todo ser humano, as bolivianas se defrontam com faltas desde o momento do nascimento na Bolívia, já que, segundo Lacan (1957), não há maternagem possível que suture o vazio da existência humana, do desamparo humano de não conseguir lançar mão da linguagem para dizer tudo sobre os grandes enigmas da vida, morte, sexualidade e por que vim ao mundo. E, na impossibilidade de dizer sobre tudo, é importante, como já dissemos, inventar uma pequena história que localize o sujeito no mundo. No momento em que nos encontramos com a diferença entre os sexos, há uma pergunta que se faz para cada indivíduo do que marca essa diferença. Daí para frente, a mulher, enquanto sujeito, vai cobrir de “véus”, essas faltas. Questões do desejo perpassam o processo de imigração da boliviana, levando-a a buscar dar conta minimamente de onde e de como ela se localiza frente às relações com a família, com o parceiro amoroso, e nas relações com a cidade. Os “véus”, que

podem ser o deslocamento de um território para outro, auxiliam algumas das mulheres a se localizarem frente ao seu próprio desejo.

Nesse ponto, Costa (1998) diz que o que é da ordem do infantil e da fantasia revela as marcas, pela vida afora nas relações estabelecidas em cada encontro do sujeito com o Outro. Essas marcas nunca são totalmente acabadas, estão sempre sendo inscritas e reinscritas e, no entanto, são impossíveis de serem desfeitas.

2.5 A MÃE, A METÁFORA PATERNA E A CRIAÇÃO DO MITO INDIVIDUAL DO NEURÓTICO

Cada sujeito humano em idade adulta é hipotecado às marcas de uma relação vivida com a mãe, pessoa que deixa marcas profundamente significativas no psiquismo desse sujeito. Há uma memória constituída a partir dessa relação que determina a forma como a pessoa se relaciona afetivamente com as outras pessoas, nas relações de amizade e de amor, na maneira que se posiciona no mundo e pelo jeito que apreende a realidade vivida. Do grito que o recém nascido apresenta no mundo, a mãe lhe apresenta um sentido, interpreta que mensagem esse grito traz em um momento que ainda falta palavras para a criatura. A cada interpretação que a mãe faz dos atos da criança, a qual fará então uma interpretação da resposta recebida pelos pais desde os primeiros anos de sua vida. Pode-se dizer que a realidade de cada ser humano é uma construção singular constituída de imagens articuladas simbolicamente que inicia a partir das marcas da primeira relação estabelecida com a mãe e das marcas da cultura.

A mãe ou qualquer outra pessoa que exerça essa função é essencialmente importante quando estamos pensando na criação do mito individual do sujeito neurótico. Ela é o primeiro outro com quem o ser se relaciona, que é ao mesmo tempo o estranho que lhe responde quando está com fome, quando chora, que a limpa, lhe troca, lhe diz o quanto importante é para ela. Desde as primeiras mamadas, não se mama só leite, objeto de satisfação da fome. Junto ao leite vem o cheiro da mãe, o tom de voz que a mãe fala com o bebê, a forma em que ela o toma em seu colo. Há um conjunto de sensações e de palavras doadas pela mãe, que vai fazendo com o que o

ser humano saia da condição de desamparo fundamental pelo qual vem ao mundo, e ganhe um lugar no mundo. Daquela pessoa primeiramente estranha, a mãe passa a ser familiar a partir dessas marcas que vai imprimindo a nível psíquico e corporal em seu filho.

Segundo Lacan (1952,1954,1956), em sua conferência intitulada *O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose*, a relação narcísica com o semelhante é o que funda o ser humano. É uma experiência fundamental, do desenvolvimento imaginário, vivida por ele. O psicanalista diz que é uma experiência vivida pelo eu decisiva na constituição do sujeito. Esse “eu” é uma coisa que o sujeito experimenta como estranha no interior de si mesmo, pois ele se vê primeiramente no outro, um outro que é mais avançado e mais perfeito que ele. Esse outro funciona como um espelho que lhe nomeia uma imagem de seu todo. Lacan fala que nessa fase ele é capaz de perceber essa imagem como um todo, apesar de não experimentar como tal. O sujeito vive nesse momento uma perturbação de todas suas funções motoras e afetivas, que normalmente acontece nos primeiros seis meses de existência.

Lacan (op.cit. p.41) diz: “*O sujeito tem sempre uma relação antecipada com sua própria realização, que o lança de volta ao plano de uma profunda insuficiência e revela nele uma rachadura, um dilaceramento original, uma derrelição, para retomar o termo heideggeriano*”.

Em seu Seminário 4 Lacan (1957) diz que o sujeito humano vai se haver desde muito cedo com sua castração, assim como a castração do Outro. Na relação originária com a mãe, o primeiro representante do Outro, o sujeito enquanto criança vai dar a si mesma na relação como objeto do amor dela, é aquele que traz prazer à mãe. É desde esse momento, que o ser humano começa a se questionar de sua importância para o outro, qual o seu lugar frente a esse Outro. Segundo Lacan, é desde criança que o ser quer saber se sua presença requer por menor que seja uma presença necessária para o Outro, a mãe ou qualquer outro que possa exercer essa função. A questão aí é se essa presença satisfaz de amor a mãe. Ou seja, podemos perceber que o Outro é fundamental para a vivência do humano, é a referência para a constituição do mito familiar e do lugar do sujeito no seu fantasma. Sendo o fantasma, nomeado por Nasio

(2007 b), como um pequeno romance de bolso que cada pessoa carrega para qualquer lugar sem que possa ser visto por outra pessoa. É uma fábula interior, uma construção inconsciente, que funciona como véu que deforma a realidade de cada sujeito na relação com o mundo. Cumpre uma função de satisfação real impossível do desejo por uma satisfação dele, mediada por essa cena. O mito é uma construção de fantasma que se solidifica como uma verdade que orienta e também limita o sujeito.

De acordo com Lacan, é nessa relação imaginária primitiva por onde a criança é doravante introduzida mais-além de sua mãe. E nessa hora o ser humano vê, toca, experimenta o fato de que é um ser privado e um ser abandonado.

É pela linguagem que o sujeito se relaciona com os objetos de sua realidade. A partir do momento em que o ser humano está inscrito na rede de linguagem, supõe que deveria vir uma resposta do Outro de qual o seu lugar no mundo, do porquê de ter sido desejado pelos pais. O indivíduo, quando já não está mais no registro do que ele é para o outro, mas sim no porque não é o único, lança mão da rede simbólica para doar sentido do porquê de ter sido desejado para vir ao mundo. Nessa pergunta, espera-se que haja um mito, uma narrativa, que dê conta dessa questão; como não vem uma única palavra ou expressão para dar conta desse desamparo, cada um lança mão dos significantes para recobrir e perfurar esse real.

Diante da pergunta sobre o que o Outro deseja de mim, o sujeito inventa uma resposta, um mito, como primeira versão do fantasma, que estrutura a forma como se vai lidar com a sua história, apacando o desejo ou autorizando.

Neste subitem fundamentarei teoricamente nossa investigação da pesquisa e no seguinte articularemos a teoria com alguns fragmentos clínicos.

Na medida em que pudemos escutar a demanda dos imigrantes (equipe e usuários da instituição), percebemos que a imigração vem associada como uma tentativa de transformar sua posição na família, na expectativa de que o deslocamento territorial automaticamente gere um deslocamento subjetivo. Isso pode ou não ocorrer. Cito o caso de uma mulher religiosa, que relata que a sua vinda para cá foi impulsionada por sua vontade de deixar de usar roupas de freira, como ela nomeia. Desejava muito usar roupas que mostrasse mais o corpo, roupas de mulher. Enquanto

a escutava percebo que ela continuava com a sua roupa de freira. Há um desejo por mudar a forma como se vestia, dizia ela que queria se vestir como mulher. Ela toma o território estrangeiro na tentativa de alcançar uma subversão do mito familiar. Perto dos pais, inserida nas tradições culturais da sua terra de origem, torna-se uma tarefa quase que impossível. Questiona como faz para não responder ao narcisismo dos pais. Ou seja, não permanecer no que os pais desejam dela para que permaneça no lugar idealizado por eles.

Para que aconteça um trabalho psíquico, as condições sociais em que se processam a imigração serão fundamentais. Seguimos para o próximo capítulo buscando elucidar, por meio da escuta das mulheres bolivianas imigrantes, quais foram as saídas para os impasses subjetivos promovidos pela imigração.

3 SAÍDAS SUBJETIVAS NA IMIGRAÇÃO

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? pergunta Kublai Khan

– A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra, responde Marco, mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo.

Depois acrescenta:

– Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo me responde:

– Sem pedras o arco não existe.

(Ítalo Calvino, p.79)

As mulheres bolivianas escolhem imigrar para o Brasil em busca de uma vida melhor. São atraídas pela possibilidade de conseguirem trabalho e moradia por uma remuneração melhor que o país de origem pode oferecer. Relatam que, na Bolívia, a inserção das mulheres no mercado de trabalho ainda é um ganho a ser conquistado. Além dessa justificativa social e econômica, a imigração é também –esta é nossa hipótese central– uma escolha de cada mulher e promove um deslocamento dos traços simbólicos que as identifica, remetendo à reelaboração de sua posição na família e na ficção individual.

O subitem a seguir apresenta alguns casos de mulheres bolivianas imigrantes. A intenção foi escutá-las sobre sua construção simbólica levando em conta o seu lugar na família de origem e o campo simbólico do país estrangeiro. Cada caso mostra os impasses e diferentes saídas subjetivas que as mulheres criam para se articular na sociedade estrangeira frente às novas referências simbólicas e culturais. A intenção original foi realizar várias entrevistas de um mesmo caso. No entanto, as bolivianas só aceitaram passar por um único atendimento dentro da instituição. Desta forma teremos

alguns indicativos sobre as possíveis alterações nas marcas da família de origem diante dos novos referenciais simbólicos ofertados pela sociedade e a cultura do país estrangeiro, assim como de possíveis modificações na ficção individual. A inscrição das novas marcas culturais e simbólicas na subjetividade da imigrante pediria um trabalho de reconfiguração da sua história pessoal e familiar.

Vamos considerar a imigração segundo o tempo subjetivo necessário para cada uma estabelecer sua posição e reconhecimento diante dos novos referenciais simbólicos da sociedade estrangeira. Relacionamos o tempo de deslocamento, chegada e inserção na nova cultura ao que Lacan (1945) nos ensinou sobre os três tempos lógicos. O primeiro tempo seria o instante de *ver*, um tempo em que o sujeito se surpreende com algo com que não esperava se deparar, tempo da suspensão ou perda dos referenciais simbólicos com os quais sempre se organizou no mundo. Há um incômodo e um desconforto, um estranhamento e familiaridade, que clama por alguma solução. O segundo tempo, o tempo de *compreender*, é o tempo no qual o sujeito elabora uma nova resposta, busca novos significantes, como, por exemplo, fazer amigos na nova terra, ter um filho no país estrangeiro, que os permitam ir para o tempo de *concluir*. Neste, o sujeito se dá conta da nova posição, de que houve um deslocamento subjetivo do lugar simbólico em que se posicionava para um novo lugar e (re)construção de uma história ficcional, de um mito individual.

O tempo em que aqui nos referimos não é o tempo da previsão, mas o tempo da posterioridade, para Costa (1998) assim como para Lacan (1945), a temporalidade que diz respeito ao campo da psicanálise é a temporalidade que se efetiva como sujeito do inconsciente. Ou seja, um tempo que traz uma descontinuidade entre o passado, presente e futuro. Esses três tempos não podem ser definidos como existentes na medida em que o passado já foi, o futuro não é e o presente, que talvez fosse o único com possibilidade de existência, no momento em que se atualiza, não é mais. A expressão do tempo que trabalhamos lida com o ritmo, com o intervalo, com aquilo que produz início e fim.

Para Costa (1998) lidamos com um tempo que é referência para a construção da história ficcional construída pelo sujeito na relação com o Outro. Essa construção da

história emerge a partir de uma referência temporal, no sentido do Outro ser antecipado à condição de apropriação do sujeito. A psicanalista nos aponta para a relação entre tempo e a construção da história realizada por cada ser humano. O tempo funciona como marca de uma descontinuidade, que produz a referência a uma dissimetria de lugares. E a história, que lembra a problemática de uma versão, de uma interpretação.

Lacan (1945) afirma que há uma tensão que se estabelece entre os três tempos lógicos. Essa tensão assume uma função determinante nas saídas subjetivas que cada sujeito cria frente aos impasses que a vida lhe oferece.

Sem dúvida, essa forma está relacionada com a originalidade lógica do sujeito da asserção: em razão do que nós a caracterizamos como *asserção subjetiva*, ou seja, nela, o sujeito lógico não é outro senão a forma pessoal do sujeito do conhecimento, aquele que só pode ser exprimido por [eu]. Em outras palavras, o juízo que conclui o sofisma só pode ser portado pelo sujeito que formou a asserção sobre si[...] (Lacan, 1945, p. 207)

3.1 MULHER IMIGRANTE: IMPASSES E SAÍDAS SUBJETIVAS

A metáfora de uma “estação de trem” representa o jogo de perdas e ganhos que o processo migratório apresenta para as bolivianas. Discutiremos que há diferentes saídas subjetivas diante dos impasses advindos da imigração, à luz dos casos de cinco bolivianas que apresentarei abaixo.

Essas imigrantes deixaram sua Pátria com a esperança de construírem aqui seu sonho: um novo projeto de vida no Brasil. Entretanto, nessa saga, enfrentam vitórias, mas também fracassos que, se para algumas são incentivos para novas batalhas, para outras são fonte de desânimo, frustrações e muitas vezes de traumas. A superação dos obstáculos –estigmas, situações de trabalho, as diferenças marcantes entre a cultura boliviana e a brasileira, o isolamento, a ausência de referências culturais, valores, costumes, etc.– poderá levá-las a recriar na terra adotiva um lugar de inserção que

inclua o que há de mais significativo na sua cultura de origem junto às novas aquisições culturais.

Escutemos Isadora, Luana, Maria, Angélica e Maíra. Cinco mulheres ⁹ que buscaram um espaço para falar no serviço de “plantão psicológico ¹⁰”, trabalho que realizamos nos últimos seis meses de atuação no CAMI.

3. 1. 1 Isadora: entre o estudo, o pai e o amor

Conversando com meu primeiro amigo no Brasil, eu escutava a minha voz, percebi que eu conseguia de alguma maneira falar em português, e aí não precisava mais das palavras do meu pai.

É uma moça boliviana, com 28 anos de idade que decide imigrar para o Brasil, pois gostaria de fazer um curso de pós-graduação em medicina e conseguir um trabalho em hospital ou em posto de saúde, o que na Bolívia não foi possível. Pensava que, tendo curso superior, principalmente em medicina, conseguiria trabalho mais fácil. Conta que foi muito difícil conseguir emprego, procurou bastante, mas as poucas oportunidades que se abriram para ela foram barradas pelo pai, que não a deixou trabalhar.

Isadora alega que na Bolívia é muito difícil a mulher conseguir realizar o que é da própria da vontade. Ela fala: *“A sociedade não nos olha e os pais só querem saber do que eles acham o que é melhor! E aí a nossa vontade, ou esquece ou a gente sofre muito!”*.

Faz referência a uma família que é comandada pelo pai. Relata que em sua família e na maioria das famílias bolivianas, os pais têm muita força sobre suas mulheres e suas filhas. As esposas, em sua maioria, não trabalham e ficam em casa sob seu comando. A sua família é composta apenas por mulheres, só tem o pai de

⁹ Todos os nomes citados são fictícios

¹⁰ Plantão psicológico: escuta clínica individual para situações de emergência psíquica e social disponibilizada para os usuários do Centro de Apoio ao Imigrante. Intervenção proposta a partir do desdobramento do projeto “Escutando famílias”, exposto no segundo capítulo.

homem. Além dela, há a mãe, e mais três irmãs. É a segunda filha, tem uma irmã mais velha de 32 anos, e duas irmãs mais novas, uma de 18 anos e outra de 16 anos. *“Somos todas mulheres, o que fica mais fácil para o meu pai ter controle de tudo. As coisas seriam mais fáceis para o meu pai se não existissem as minhas irmãs mais novas, pois elas já são de outros tempos e não aceitam ser tão comandadas como eu e minha irmã fomos pelo meu pai”*. Isadora conta que a diferença de dez anos que existe entre ela e as irmãs produz uma diferença significativa na forma como o seu pai se posiciona como pai. Percebe que ele é muito apegado a ela, não entende o motivo, mas comenta que isso a fez ficar desde menininha muito perto do seu pai, assim como da sua mãe, pois quando este saía para trabalhar, a mãe tinha que garantir ao marido que sua filha estaria dentro de casa,

“Minha mãe passou a vida inteira garantindo ao meu pai que nós, filhas, fazíamos o que ele mandava. Era ela quem arrumava a casa, cozinhava, cuidava das filhas, mas tudo tinha que ser do gosto do meu pai. A vida inteira, eu cresci escutando que tínhamos que fazer tudo ao gosto do meu pai. Quando queríamos fazer alguma coisa, minha mãe nos mandava pedir para meu pai, era ele quem autorizava ou não”. É interessante que Isadora, ao terminar de falar sobre o domínio de seu pai sobre si, expressa: *“com os filhos homens é diferente, não precisam do pai para sair de casa, simplesmente já são autorizados desde sempre a sair, isso me incomoda muito”*.

Durante o atendimento Isadora diz: *“A vida na Bolívia é assim, mãe em casa e pai no trabalho controlando a mulher e as filhas”*. Está nos falando que sua referência familiar funciona dessa forma. É assim que sempre viveu, cresceu e a marcou um lugar no mundo. Alega que até entrar na faculdade não questionava muito esse sistema; no entanto, o processo de entrada na faculdade foi conflituoso, porque precisou convencer o pai da importância que fazer uma faculdade tinha para ela. Na mesma época, sua irmã mais velha decidiu que seria irmã religiosa, o que seu pai não permitiu, e então sua irmã fugiu de casa e foi para Itália¹¹. Apesar de ter sido difícil a aprovação do pai, ainda assim foi possível fazer até o curso que desejava. Sua irmã, para conseguir fazer diferente, precisou ir muito longe, e para Isadora ela fala: *“Agora comigo me esbarrei na*

¹¹ Isadora não explica como foi que se deu esse processo da irmã.

mesma dificuldade para conseguir construir minha carreira". Não entendeu na época o porquê do comportamento da irmã, mas comenta que a fuga da sua irmã para Itália lhe dava esperança de romper com o lugar de submissão eterna aos mandatos do pai.

Em sua casa, desde pequena, quem sustentou e comandou a família foi o pai. Sua mãe apenas cuidava da casa e das filhas de acordo com que seu pai estipulava. Lembra-se da vida inteira ver a mãe dentro de casa, sem escutá-la abrir a boca para dizer alguma coisa que fosse contrária às determinações do pai. Isadora pergunta-se até hoje como foi possível conseguir fazer faculdade. Lutou muito e conseguiu porque ficava perto da sua casa e não precisava morar em outro lugar. Durante esse período ainda permaneceu sob o olhar do seu pai.

O fato de sua irmã ter saído de casa inscreveu para Isadora uma possibilidade que até então não tinha, era uma nova referência: havia uma porta de saída dessa casa tão fechada, como nos fala Isadora.

Com o fim da faculdade, desejava muito um trabalho. Procurava brechas, nos momentos de saída do pai, para procurar lugares para trabalhar. Nesse tempo, conta, sua mãe não conseguia mais controlá-la. No entanto, as ofertas de emprego eram para trabalhar em locais distantes da sua casa, o que a impossibilitou de aceitar. Seu pai permitiu que trabalhasse desde que fosse numa distância que não precisasse morar em outra cidade, a idéia era que permanecesse morando em casa.

Isadora fala: *"A faculdade era tudo o que eu tinha, era a única coisa que era minha, não podia jogar fora tudo o que eu tinha feito durante os anos da faculdade, queria muito trabalhar e continuar os estudos, fazer uma pós-graduação em uma área que fosse do meu gosto!"*. Mas com o pai não autorizando, esse trabalho não seria possível. Por outro lado, é interessante pensar que pela via dos estudos Isadora sentise autorizada a buscar algo que fosse dela. O incômodo cresce em continuar na casa dos pais. Esse processo lhe deu a dimensão de que havia um mundo para além do pai.

Foi dentro desse contexto, que Isadora decide imigrar para o Brasil. Justifica para o pai que precisava muito fazer uma pós-graduação e seria muito importante trabalhar, já que tinha estudado tanto na faculdade e não poderia agora desperdiçar tudo que havia conquistado. Fala ainda que no lugar onde morava na Bolívia não

encontrava o que estava procurando e que independentemente de ele deixar ou não iria para o Brasil, pois sabia que em São Paulo encontraria o que estava procurando. O pai ofereceu muita resistência à idéia de Isadora, mas ela o enfrenta. Ela nos diz que: *“Viria para o Brasil querendo meu pai ou não, nem que fosse para vir brigada com ele; com medo de que eu fugisse como minha irmã mais velha, e aí ele ficasse sem mais uma filha, resolveu deixar, com a condição de que viria junto num primeiro momento para saber onde é que eu iria morar”*. Além dessa justificativa, Isadora fala que a escolha de imigrar para bem longe do pai deu-se porque ela se lembrou da saída que sua irmã encontrara para sair de casa. Não queria fugir, mas entendeu que era preciso ir longe para conseguir encontrar uma parte sua no mundo. A opção pelo Brasil trouxe o seu gosto pela língua portuguesa. Fala que: *“O português sempre foi outra língua que eu queria aprender; assim, antes de vir para o Brasil estudei muito português, fiz muitas aulas para aprender essa língua, buscava saber a entonação em que se fala essa língua, para que eu viesse afinada e conseguisse me comunicar num lugar tão distante da minha casa”*.

Isadora conta que imigrou para o Brasil há aproximadamente um ano. Durante o primeiro mês ela e o pai ficaram estabelecidos num hotel, período em que o pai procurou um lugar onde ela pudesse morar. Depois de um mês conseguiu vaga num abrigo para imigrantes, na cidade de São Paulo. Mudou-se para esse abrigo, onde está morando até hoje. Nessa mudança, o pai de Isadora foi embora para a Bolívia.

Pudemos perceber dois momentos da imigração de Isadora. Um primeiro tempo se inicia com o choque que levou, logo que chegou no Brasil. Ela fala: *“Levei um choque quando cheguei ao Brasil pela forma que as pessoas falavam o português, o jeito de falar era outro, o tom de voz e entonação era muito diferente do que era acostumada, ouvia um português totalmente diferente do que havia estudado na Bolívia. Isso foi muito ruim, porque havia me preparado muito para isso, estudei e treinei a fala em português por muito tempo, e mesmo assim não consegui dar conta, perdi a voz e só quem falava por mim nas primeiras semanas era meu pai.”*

Isadora relata que perdeu a voz, não conseguia se comunicar, explica que falava o mínimo necessário até mesmo com o pai. Sentia-se muito angustiada e nessa

condição não conseguia transformar em palavras aquilo que sentia e pensava, num lugar tão estranho. Perguntava-se muito o porquê de ser sempre seu pai quem conseguia falar muito bem: *“Como ele, que nunca havia estudado a língua, conseguia falar por mim?”*. Tratava-se de uma cena familiar para Isadora. Como ela mesma já havia dito quando se referia a sua família: era o pai quem tinha voz em casa. A língua estrangeira evidenciou essa cena para ela.

Conta que os primeiros passos na cidade de São Paulo consistiram em andar pelas ruas do centro da cidade. Aos poucos olhava ao seu redor, entrava numa loja ou em um supermercado. Sentia muita vergonha do seu jeito de falar e se portar. Isadora conta que para ela foi muito estranho observar como as pessoas andavam na rua, cada detalhe era observado por ela. Diz que procurava prestar atenção na maneira como as pessoas se portavam umas diante das outras, como falavam, como se olhavam. Procurou nesse primeiro momento ser exatamente como os brasileiros, segundo o que ela nos traz: *“Enquanto queria ser igual a todos não conseguia ser ninguém, só sentia cada vez mais vergonha e vontade de me esconder”*.

Após alguns dias no Brasil, Isadora fala que sem saber por que, sentiu confiança em começar a conversar com o rapaz da recepção do hotel onde estava: *“Com ele não sentia vergonha de falar o português do meu jeito”*. A partir daí, as informações que precisava saber vinham desse moço, a quem ela perguntava tudo. Começou então sua busca pelos lugares onde poderia trabalhar e estudar. Ficou sabendo do Hospital das Clínicas, Hospital do Servidor, Hospital do Coração, entre outros, mas não sabia como chegar. Pediu ajuda ao seu novo amigo, o rapaz da recepção. Fala que esse momento foi importante: *“Conversando com meu primeiro amigo no Brasil, eu escutava a minha voz, percebi que eu conseguia de alguma maneira falar em português, e aí não precisava mais das palavras do meu pai”*. Isadora pode nesse momento reconhecer o seu tom de voz.

A imigração trazia para Isadora diferentes vozes. É interessante que ela se sensibiliza pelas diferenças do falar, do andar pelas ruas, da postura das pessoas, dos olhares, e nesse processo encontra um rapaz com quem consegue estabelecer seu primeiro vínculo de amizade no país estrangeiro. Esse processo culmina com a sua

mudança do hotel e a volta do pai para a Bolívia. Ela fala: *“Fiquei angustiada e com medo no dia em que meu pai foi embora; fiquei pensando como seria sem ele, ao mesmo tempo em que daí para frente, desejava muito saber como era estar sem meu pai por perto”*.

Na ida para o abrigo de imigrantes, Isadora já estava sozinha. Seu pai fora embora alguns dias antes. Conta que estranhou a possibilidade de sair e circular pela cidade sem precisar pedir para o seu pai. Instalada na sua nova moradia e no novo país se dá conta da sua condição de estrangeira ao perceber algumas diferenças dela, enquanto uma moça boliviana, em relação aos brasileiros e outros imigrantes.

Algumas dessas diferenças, ela nos conta, que foram percebidas em alguns momentos importantes, referem-se a dois pontos: o tempo de fazer amigos no seu novo lugar de convivência com as pessoas e o tempo em que estava namorando um brasileiro.

Seguimos suas palavras:

“Assim que eu cheguei neste abrigo encontrei pessoas muito diferentes, cada uma de um lugar do mundo. Cada uma falando uma língua, cuidando das roupas de uma forma diferente da que eu sempre cresci fazendo, entre várias diferenças que não consigo nem enumerar. O meu estranhamento maior foi perceber que até os bolivianos, que também moravam lá eram diferentes de mim. Com o tempo, fui descobrindo que meus interesses nas amizades tinham a ver com quem gosta de estudar, quem faz parte de uma universidade. Para mim não tinha nada a ver cuidar de filhos, construir família. Mas foi nessa procura, que comecei a ser amiga do porteiro de onde estava morando e depois viemos a namorar.”

Isadora escolheu investir seu tempo na busca por um lugar onde poderia fazer sua pós-graduação. Até então, sabia que seria muito importante para ela continuar estudando, mas não tinha parado para pensar qual especificidade da medicina queria seguir. Pensou em geriatria ou cuidados paliativos, mas ainda não tinha certeza. Buscava algo que a empolgasse, de possibilidades daquilo que teria a ver com ela.

Outra procura foi pelo lugar em que poderia trabalhar, considerando que é uma estrangeira, e por isso não é aceita em todo lugar. Conta que sua documentação estava

regularizada, mas sem visto de permanência. Alega que em todos os lugares onde procurou por um trabalho ocorreu o impedimento em torno da sua condição de estrangeira, tanto no aspecto dos documentos legais, quanto no aspecto da língua. Isadora comenta que sua documentação era um ponto que estava sem possibilidade de resolver, que esperava encontrar um lugar que não colocasse impedimento nesse quesito. Com relação à língua, poderia aprender a falar melhor agora que estava conseguindo falar mais com os brasileiros.

Durante a nossa conversa, Isadora conta que vem pensando que uma das formas de conseguir um emprego, mesmo sendo estrangeira, seria conseguir um espaço em alguma universidade para iniciar sua pós-graduação, para que, a partir daí, as pessoas possam lhe conhecer e lhe confiar algum trabalho.

Outro momento que gerou muitos questionamentos em Isadora das suas marcas simbólicas em relação a casamento, relacionamento amoroso e relações familiares entre pais e filhos, foi o do início do seu namoro.

Desde o começo do namoro com esse rapaz, pediu a ele que sempre estivesse perto dela. Inicialmente, esse rapaz atendeu a esse pedido, levou-a para conhecer sua família. Isadora se sentiu muito a vontade na família dele, conforme expressa: *“Quem mais me acolheu naquela família foi a mãe do meu namorado, que me considerou como uma filha para ela, o que me deixou muito tranqüila, pois percebi que estava sendo aceita. Parecia que estava ganhando uma família, aliviando um pouco da minha dor de ficar longe do meu pai, da minha mãe e das minhas irmãs”*.

Os questionamentos passaram a vir a partir do momento em que o namorado de Isadora dizia para ela que a amava, mas não tinha vontade de estar a todo tempo com ela, tinha outros interesses que não apenas estar junto dela. Reclamava para ela que não dava para ela ficar ligando o dia todo, senão iria chegar um dia que não teria mais vontade de estar com ela, já que ela não dava espaço para isso. *“Fiquei muito angustiada com a postura dele, me perguntando a toda hora como era possível alguém amar outra pessoa se não quer ficar com ela o tempo todo. Isso é um jeito muito estranho de um homem tratar uma mulher, já que até hoje, por mais longe que eu esteja do meu pai, ligo para ele todos os dias e se não ligo ele liga para mim. É muito*

difícil não ter um homem que diga o que eu tenho que fazer.” Isadora nos fala que sempre foi amada do lugar de ser tudo para o outro. Seu pai, enquanto homem, sempre investiu todo o tempo para a família. Isadora fala: “Meu pai, tudo dele era para a família, mas principalmente eu, parecia que se dedicava mais a mim do que aos outros, até mesmo que à minha mãe. É estranho lidar com outra forma de ser amada. Essa sempre foi a referência que eu tive na minha vida”.

Na convivência com a família do namorado, percebia que a mãe comandava mais a casa, os filhos saíam para onde queriam sem precisar da autorização da mãe ou do pai. Todas essas eram formas de relacionamento muito diferentes daquela pela qual foi marcada na sua história familiar. Algumas questões atravessaram Isadora: Será que poderia se relacionar com alguém dessa forma que o namorado oferecia, ou para ter certeza que o seu casamento fosse dar certo, teria que namorar um boliviano? Como é ter a liberdade, como a do namorado, de agir e pensar? Será que amava de verdade esse homem, sendo que na verdade, estava se preocupando também com seus estudos?

Até o momento desse atendimento, Isadora nos mostrou que estava num processo de um questionamento intenso. Deparou-se com marcas e referências culturais e simbólicas no Brasil, que a remeteram a olhar para as marcas de sua história e de se haver com sua posição na família de origem. As saídas encontradas por Isadora diante os impasses da imigração mostra-nos que está sendo convocada a fazer um trabalho de reconstrução da sua história ficcional.

3. 1. 2 Luana: do lugar de mimo da mãe à máquina de costura

Com essas amigas podia ser parecida com elas, podia falar das minhas coisas, dos meus sonhos, e até mesmo sobre homens.

Luana é uma moça boliviana de 26 anos. Encontra-se no Brasil há seis anos. Ao iniciar a entrevista, apresenta rapidamente sua maior dificuldade: ser uma estrangeira no Brasil, falar a língua portuguesa.

Relata que viveu na Bolívia na casa de seus pais até seus dezenove anos de idade. Fala: *“Na minha família sempre fui uma boliviana muito mimada pela minha mãe, pelo meu pai e pela minha irmã mais velha, todos queriam cuidar e me vigiar em tudo que eu fazia”*. Na casa dos seus pais, a mãe lavava sua roupa, cozinhava as comidas de que gostava, tentava dar tudo que ela precisava. Como se não bastasse a mãe para cuidar, o pai e a irmã mais velha faziam o mesmo papel de materná-la. Luana fala que teve “muitas mães”: a mãe cuidando das suas roupas e da comida, a irmã mais velha deixando ela brincar, dizendo o tempo todo que ela deveria ser uma menina comportada, e o pai não a deixando sair para nada, nem com amigas, nem para se divertir. *“Sempre fui obrigada a permanecer dentro de casa, perto de quem podia cuidar de mim”*

Por outro lado, diz: “Quando completei os estudos na escola, logo fiz dezoito anos, e aí resolvi que pela minha idade deveria trabalhar. Consegui um lugar para trabalhar em casa de família, onde faria o trabalho de cuidado da casa e dos filhos da mulher, porém era numa cidade vizinha, o que me fez ter que morar na casa dessa família. Isso me permitia voltar para a casa dos meus pais duas vezes por mês. Aceitei ir, fui com o coração apertado, mas não agüentei uma semana, voltei no final da primeira semana dizendo para minha mãe que não iria trabalhar mais na casa dessa pessoa, que então ficaria em casa, junto dela”.

Há uma dor em Luana quando pensa em sair de perto da sua mãe, ao mesmo tempo em que conta que não agüentava mais ser controlada pela irmã mais velha, que lhe proibia tudo, como se fosse uma mãe brava. Lembra que uma das proibições que mais marcaram sua adolescência foi em relação às roupas que queria vestir, roupas que não fossem de menininha, e sim mais femininas. Tinha vontade de ter amigas, o que tampouco era autorizado, pelo pai ou pela irmã. Essas proibições foram gerando um mal-estar em Luana, que sentia não ter um espaço de intimidade.

Quando completou seus dezenove anos de idade, decidiu imigrar para o Brasil. Justifica para a família que sua vinda para cá se relacionava a não ter emprego para ela na Bolívia que fosse perto de casa. No Brasil, poderia trabalhar para seus dois outros irmãos, que já moravam no país e eram donos de uma oficina de costura. Luana diz: *“Pensava que vir trabalhar na oficina de costura dos meus irmãos, seria um jeito de eu não sair de casa”*.

Quando Luana chegou ao Brasil foi morar na casa da irmã mais nova e trabalhar na oficina do irmão mais velho. Conta que, num primeiro momento de sua imigração, sua maior dificuldade era de esquecer sua mãe, sentia muita falta dela. Enquanto costurava, pensava o tempo todo na falta da presença de sua mãe. Por conta disso, não conversava com as pessoas que trabalhavam ao seu redor, falava minimamente, apenas com seus irmãos. Além disso, negou-se a falar o português com medo de perder a sua língua materna. Diz: *“Só ficava eu, a máquina de costura e os pensamentos na minha família que ficou para trás”*.

Outra dificuldade dizia respeito à relação com a irmã. Conta que a vida da irmã é muito cheia de problemas no casamento e que enquanto esteve com ela foi depositária dos seus problemas. Chegava à casa da irmã e queria conversar com ela sobre as suas coisas, ou, às vezes queria brincar com sua sobrinha, mas logo vinha ela, como conta: *“Minha irmã tinha muito ciúmes de tudo, não podia conversar nem com o marido dela, nem dar atenção para minha sobrinha, que ela brigava comigo me cobrando mais atenção. A única coisa que importava eram os problemas dela, a vida dela. E as minhas coisas, onde estavam?”*. Luana resolve romper com a irmã e vai morar sozinha, mantendo contato apenas com seu irmão mais novo.

Para Luana, a figura dessa irmã ficou muito associada à figura de uma mãe brava e controladora, marcas profundamente inscritas na relação com a irmã mais velha, na Bolívia.

Esse rompimento foi vivido por Luana com muita dor, ela conta que teve depressão nessa época, chorava todos os dias e a angústia de estar longe da mãe só aumentava. Durante os primeiros quatro anos de sua imigração, suas dificuldades

voltaram-se para essa angústia, o que a levou para um adoecimento. Como solução, resolveu juntar dinheiro e voltou para a Bolívia ao final de quatro anos.

Era o segundo retorno de Luana para a casa dos pais. Cabe-nos pensar o que esse retorno significou para ela. Expressa com muita aflição a falta que a mãe lhe fez em seu tempo no Brasil, mas quando se aproxima conta que não é bem isso que deseja. Sente-se estranha e percebe, ao longo dos dois anos em que permaneceu novamente na Bolívia, que precisava construir sua vida em outro lugar longe da família. Nesse retorno a sua terra natal, decide fazer um curso de Serviço Social na faculdade, que tanto desejava. Estudar numa faculdade era um fator muito valorizado na sua família, sair para estudar era autorizado pelo pai. Na tentativa de fazer a faculdade, não consegue ir adiante. Associa seu fracasso ao fato de continuar com a cabeça presa naquele trabalho das oficinas, ela e a máquina de costura, a máquina e ela. Fazer faculdade era um desejo também de Luana, que, no entanto, ainda reconhece esse desejo como pertencendo apenas aos pais. Podemos pensar o quanto essa relação dela com a máquina associada-se ao aprisionamento em que se encontra ao desejo dos pais. Nesse retorno há um conflito e um incômodo com sua posição dela na família. O retorno à casa dos pais traz um movimento de báscula importante, de vaivém, movimento dela na tentativa de se apropriar do desejo.

Ao término dos dois anos na Bolívia relata que: *“Só poderia construir uma história minha, uma casa minha, se saísse de perto dos meus pais. Foi aí que resolvi imigrar para o Brasil novamente, mas agora sairia de casa definitivamente”*.

Na segunda imigração ao Brasil, foi trabalhar em outra oficina de costura, que não a do irmão. Nesse tempo, interessou-se em conhecer as pessoas que trabalhavam com ela. Fez amizade com algumas moças. Por meio dessas amizades fez outras, reconhecendo o quanto isso a estava levando a descobrir novas formas de viver, não mais fechada dentro de casa. Descobriu que gostava de dançar e sair para comprar roupas junto das amigas, usando o seu dinheiro naquilo que era da sua vontade. *“Com essas amigas podia ser parecida com elas, podia falar das minhas coisas, dos meus sonhos, e até mesmo sobre homens”*.

Em pouco tempo acertou o seu visto e conseguiu um emprego registrado em carteira de trabalho numa empresa têxtil, onde trabalhava como líder de um setor de plotagem de camisetas.

Percebeu aqui no Brasil que existiam moças da mesma idade que ela que viviam com a mãe, mas podiam ao mesmo tempo sair para uma balada, namorar, usar seu dinheiro com elas próprias. Luana diz ter achado isso muito esquisito inicialmente. Suas referências eram outras, ela fala: *“Na minha família, se a filha mora com a mãe, tudo tem que ser para ela, tanto que minha mãe e meu pai deixaram vir para o Brasil porque assim poderia ganhar dinheiro e guardá-lo para fazer duas coisas que eles achavam importantes: estudar numa faculdade e ajudar na renda familiar”*. Conta que fez isso no primeiro tempo de sua imigração. Na segunda, decidiu não mais corresponder a essas expectativas dos pais. No início, recorria nos seus pensamentos a sua irmã mais velha, *“Não posso sair”*, pensava Luana, *“Mas aos poucos comecei a sair e fui me dando conta do quanto gostava de sair para dançar, do quanto gostava de comprar roupas muito bonitas e me vestir igual as outras mulheres que conheci no Brasil”*.

Depois que começou a trabalhar na empresa têxtil decidiu chamar o irmão mais novo para morar com ela. Este lhe mostrou que seria importante guardar algum dinheiro, para que no futuro pudesse ter uma casa própria para ela morar. *“Fiquei pensando por vários dias como seria ter uma casa própria”*. Expressa com muita satisfação quando está falando da vontade de ter algo próprio, que o seu novo trabalho é algo que lhe é próprio. *“Lá no meu trabalho, as pessoas esperam que eu diga o que precisa ser feito, e quando eu falo, as pessoas me escutam. Está aí onde percebi que preciso muito falar português. É um local onde não tem apenas bolivianos, tem brasileiros trabalhando. Preciso conseguir me comunicar com os brasileiros”*. Refere-se que para ser uma cidadã no Brasil precisa falar a língua desse país.

Luana acredita que a partir do momento que aprender a falar a língua falada pelos brasileiros poderá ser vista e escutada pelas outras pessoas. Diz que gostaria de não se sentir mais apagada na relação com as pessoas.

Ao imigrar para o Brasil pela primeira vez, Luana alega que se sentiu “sem lugar”. Para ela, o único lugar que tinha como referência de existência era o de mimo da

mãe. Precisou voltar para a casa dos pais e fazer uma segunda imigração para reconhecer que poderia se apropriar de referenciais simbólicos da sociedade estrangeira e assim construir uma saída subjetiva que apontasse para outras possibilidades de existência.

Os referenciais simbólicos que Luana identificou para encontrar uma saída subjetiva diante dos impasses vividos na imigração foram encontrados, fundamentalmente, na relação com o irmão mais novo e no ambiente de trabalho, bem como na relação de amizade com outras moças. Algumas dessas novas referências foram: mulheres podem trabalhar e fazer faculdade, dançar, namorar e comprar roupas com outras mulheres.

A saída que Luana encontrou foi no trabalho, quando conseguiu perceber que ali estava um espaço dela e que, para se apropriar dele, precisaria falar uma língua estrangeira e não mais ficar só com a língua materna. Significativo foi o fato de Luana ter reconhecido que se desenvolver na língua do país estrangeiro ajudar-lhe-ia também a ganhar uma posição de sujeito no laço social dessa sociedade que adotou como sua nova terra. A partir disso, pôde reconhecer que era da sua vontade fazer uma faculdade e resolveu fazer um curso técnico em administração para lhe ajudar na função que exerce no seu trabalho.

3. 1. 3 Maria: entre mulheres bonitas e a mãe-igreja

Aqui as mulheres podem ficar bonitas

O atendimento de Maria foi breve, devido à interrupção de um de seus familiares para que ela fosse embora.

Mora no Brasil há dois anos, é uma jovem boliviana muito sorridente e diz gostar do Brasil desde pequena, porque tudo aqui é muito diferente, “*Aqui as mulheres podem ficar bonitas*”, ela fala.

Na Bolívia, o sentimento era de eterna prisão, conforme se expressa: *“País pequeno, povo pequeno! Eu gostava de me arrumar bem bonita, enfeitada mesmo e todos já falavam: Olha o jeito dela! Minha mãe me chamava atenção porque eu era assim meio exibida, gostava de bijuterias, brincos, pulseira, gostava de dançar, de festas, de namorar”*. Isso foi no tempo em que estava crescendo, deixando de ser menininha. Lembra-se de ter dez anos de idade na época.

Desde a idade de dez anos, tem o Brasil como um lugar que possui referências simbólicas ligadas à feminilidade. *“No Brasil, as mulheres possuem liberdade de expressão, as mulatas são muito bonitas de corpo, têm quadril largo, seios grandes e vestem-se com roupas decotadas. As mulheres podem até sair peladas, na televisão”*. Conta que sempre prestou muita atenção nessas coisas. Olhava para essas mulheres e falava que um dia gostaria de vir para o Brasil.

Escolhe imigrar para o Brasil em busca dessas referências culturais, para ter um lugar maior, onde fosse permitido vestir roupas femininas e exibir o corpo sem que todos fiquem olhando.

Acreditava que o deslocamento de territórios proporcionaria um deslocamento quase mágico, de uma referência cultural simbólica a outra. No entanto, Maria vem para o Brasil e não consegue vestir-se como deseja; mesmo após dois anos no país permanece usando as mesmas roupas de igreja que sempre usou. Não consegue usar as tais roupas femininas que sempre desejou. Olhar para as mulheres daqui lhe dá vergonha. Em seu relato, é como se mesmo sem a mãe houvesse alguém falando de sua “exibição” corporal. Sente isso através dos olhares das outras pessoas de sua convivência no Brasil.

Há uma tentativa, quando imigra, de transformar as marcas simbólicas, do que é ser mulher, inscritas na relação com sua mãe. Entretanto, Maria reinstaura o mesmo lugar subjetivo. Na imigração, percebe que não sustenta um lugar longe da mãe. Nessa terra grande do Brasil sente-se muito desamparada, sem a mãe. Diz que precisava encontrar outra mãe para si. Sem condições de retorno à Bolívia, encontrou uma forma de retornar à família frequentando a igreja, enlaçando-se entre os irmãos religiosos da

mãe-igreja, o que novamente lhe restaura um lugar pequeno, onde as pessoas vigiam e controlam muito a sua forma de vestir e estar no mundo.

Na imigração carrega a mãe e toda a repressão advinda da mesma, transformando essa imigração que se pretendeu um projeto individual num projeto familiar. Traz a família simbolicamente e encarna suas velhas referências simbólicas familiares nos amigos da igreja. Maria não consegue uma saída que transforme as marcas advindas do mundo materno do que é ser mulher.

3. 1. 4 Maíra: entre a mãe e a filha

Foi a primeira vez que minha mãe concordou com algum pedido meu, dessa vez ela atendeu a um pedido meu, isso nunca havia sido possível acontecer!

Maíra mora no Brasil há cinco anos. Imigrou para cá muito nova, com vinte e dois anos de idade na época. Conta que a sua vinda para o estrangeiro foi motivada por uma depressão muito forte em que se encontrava na Bolívia. Sentia-se muito mal, a vida havia perdido o sentido. Para retomar o fio da vida decide imigrar, pois surgira uma oportunidade de montar uma oficina de costura no Brasil. No entanto, não houve condições de vir legalmente; entrou de forma clandestina e começou a trabalhar na confecção de um rapaz que veio a ser seu marido.

Não se refere claramente sobre o assunto da legalização da documentação de permanência no Brasil, mas diz que após sua filha nascer pôde montar sua própria confecção, em parceria com o marido. Este era boliviano e a filha nasceu no Brasil. Podemos apenas supor que resolveu seu problema de permanência legal no Brasil, tendo uma filha em território brasileiro.

O atendimento de Maíra se dá a pedido da mesma porque, no ponto em que está da sua vida, percebe que novamente está ficando insuportável viver, não sabe qual caminho seguir. Não consegue mais ter projetos de vida, pois tudo que pensa em fazer

sente que está errado. Questionamos a razão do estar tudo errado e ela diz que sempre foi assim. Quando resolveu imigrar para cá esse sentimento passou temporariamente, sobre a relação com a filha diz que não consegue acertar nada, acha que não dá conta de educar e cuidar da sua filha como *deve ser*. E no trabalho não sabe como conduzir a rotina, não sabe o que falar para seus funcionários. Ter uma filha brasileira e trabalhar numa confecção própria para além de um lugar de inserção social, no seu caso, remete-a a uma insuficiência, marca simbólica vivida na relação com a mãe.

Maíra se coloca na relação com o ideal de agir aos olhos de alguém. Suas ações estão calcadas no **deve ser**, e assim perde a possibilidade de criar um novo lugar, e de se apropriar da própria história e do próprio percurso.

A expressão **sempre assim** está ligada à relação com sua mãe, que a marcou simbolicamente. Ela diz que sua mãe só olhava com amor para sua outra irmã. Para ela, a mãe só direcionava o olhar se fosse para apontar o que não estava dentro dos padrões que acreditava ter que existir. Desde pequena sente ser um peso na vida da mãe. Sempre esteve aquém do que a mãe esperava dela. E, diante dessa eterna decepção em relação ao desejo materno, e entre se matar ou imigrar para outro lugar longe dessa mãe, Maíra aposta que é possível um lugar de enlace na vida, que há outro território. Algo a faz crer que pode haver espaço para além do que a mãe lhe convoca. É interessante pensar que essa morte está ligada a estar ao lado da mãe (morrer subjetivamente). Parece que ela imigra para viver. A imigração se associa, nesse caso, a uma tentativa dessa moça de se colocar como um sujeito de desejos.

Há um significante que se repete no discurso de Maíra: *sempre assim*. O sempre obtura a falta, impede os deslocamentos necessários na vida do ser humano. É considerar a possibilidade de ser sempre da mãe. Isso dificulta transformar as marcas simbólicas que constituíram seu lugar na família para buscar referências diferentes do que sempre a mãe lhe doa. Ficar *sempre* no mesmo lugar, remete o sujeito a uma morte simbólica, ou seja, enquanto ser de desejos fica impossibilitado de olhar para sua história ficcional.

Maíra diz que vir para o Brasil propiciou um alívio temporário desse mal-estar a que referimos acima. Diz: “*Quero começar do zero, iniciar minha vida tudo de novo, e imigrar para o Brasil foi minha tábua de salvação*”. À proporção que foi estabelecendo laços com as pessoas do Brasil encontrou-se com seu velho fantasma familiar, principalmente na maternidade e no casamento. Não suportou ficar longe da mãe, sentiu que não daria conta de sua vida sem esta por perto, mesmo que isso a faça se sentir insuficiente em todas suas relações.

Diante dessa angústia, ocasionada pela sua imigração, pagou para que a mãe viesse da Bolívia para morar e trabalhar com ela em sua confecção. Fala que quando criança nunca podia sair de perto da mãe, e agora é ela quem chama a mãe para ficar perto dela. Conta que a vida toda tentou se aproximar da mãe pelo lado positivo e a forma que agora encontrou foi pedir para a mãe ser a cozinheira de um negócio que é dela. Maíra emocionada fala: “*Foi a primeira vez que minha mãe concordou com algum pedido meu, dessa vez ela atendeu a pedido meu, isso nunca havia sido possível acontecer!*”. Em seguida relata que precisou logo depois criar condições para que as irmãs viessem, pois a mãe não agüentou ficar longe das filhas.

Maíra refere-se à figura da mãe como uma pessoa muito doída. “*É uma mulher sofredora*”. A vida inteira a viu chorar por motivos que ao menos podia ter a dimensão do que era. Sempre fora um sofrimento sem sentido, e aí achava que era ela que fazia mal a mãe. Por mais que fizesse nunca curava sua mãe da dor que a acompanhava integralmente na vida.

Percebe sua posição na família, como aquela que tem que curar a dor que tanto faz a mãe sofrer. A dor da mãe é insuportável a ela mesma, e assim esta pede que cada uma de suas filhas ocupe um lugar de forma a obturar aquilo que causa o sofrimento. Na visão de Maíra, as filhas *devem* sustentar a posição subjetiva da mãe.

Maíra encontra-se presa nessa relação. Sair de perto da mãe significa imaginariamente deixá-la cair ferozmente no sofrimento. Passara a vida toda tentando adivinhar o que fazia sua mãe feliz, mas como se trata de um mito, há um impossível em que Maíra insiste até o momento em que se deprime e vê que seria importante reelaborar sua posição na família, para tornar sua vida possível, pois enquanto sujeito

estava morta e desejava viver. A imigração foi uma estratégia para se desamarrar da mãe, abrir mão de salvá-la. É interessante pensar que após imigrar para outro país constitui sua própria família, casa-se e se torna mãe, além de montar o próprio negócio. No entanto, ter as próprias coisas significou uma traição a uma mãe tão sofrida. Maíra estava sendo o que Pommier (1997) nomeou como menina má, trata-se de sua mãe levá-la a observar constantemente a sua incapacidade de satisfazê-la. Isso deixou uma marca psíquica que leva Maíra a constantemente se culpar por não satisfazer o outro, ou seja, de se dar conta que não é tudo para o outro.

A imigração foi uma saída psíquica para impedir uma ação toda poderosa da mãe sobre si, sobre seu corpo e sua subjetividade. Houve uma busca de lugar para o desejo. No entanto, como saída subjetiva para lidar com os impasses e o mal estar gerados na sua imigração, tais como: angústia de não ter a mãe por perto, sentir-se insuficiente para educar sua filha e sentir-se insegura para gerenciar a rotina da sua oficina; traz a mãe para perto de si novamente, coloca-a para cozinhar na sua confecção. Não só os funcionários comeriam a comida da mãe, mas ela também desfrutaria isso.

3. 1. 5 Angélica: terra estrangeira e o filho que fala português.

Precisei lutar muito para não voltar atrás, pois cada dia era muito difícil me sustentar aqui no Brasil; se não fosse meu filho, muita coisa não teria sido possível

A imigração de Angélica acontece primeiramente da Bolívia para a Argentina. Não fica muito tempo: ganhava pouco e assim retorna para a casa dos pais no seu país. Conta que tinha uma relação muito apegada com seu pai. Muito jovem, teve um filho, e foi através desse filho que justifica para o pai sua saída de casa. A justificativa foi: “*Preciso encontrar um lugar onde possa dar melhores condições de vida para meu filho*”. No entanto, essa justificativa é dada quando já estava no Brasil.

Decidiu imigrar para cá a partir das referências simbólicas, que tomou conhecimento com uma amiga do trabalho. Essa amiga lhe fala que o Brasil é um país grande, gente boa, praia, bons ganhos. Assim como Maria, Angélica procura um lugar maior para morar, um lugar no qual possa construir sua vida com seu filho. Sua “saída de casa” se dá com uma fuga, ela fala: *“Decidi da noite para o dia que viria para cá, mas saí meio fugida, pois não tive coragem de contar para meu pai”*.

Angélica refere-se ao seu lugar simbólico na família de origem como aquela que não podia deixar seu pai triste, sempre procurando fazer o que ele lhe pedia para que isso o deixasse feliz. Dos oito filhos, era a única mulher, sabia que ocupava um lugar especial em relação ao pai. Mas mesmo sabendo isso, esse era um lugar que a incomodava.

No final da adolescência, teve um filho. Pensava que com o nascimento do filho passaria ocupar outro lugar na sua família. Ocupada em cuidar do filho, esqueceria do pai. No entanto, não ocorreu assim.

A escolha de Angélica por imigrar foi pela via do filho. Valeu-se da justificativa de “criar o filho” em um país que pudesse oferecer melhores recursos para a vida dele. Alega que na Bolívia não existem boas escolas, não há boas condições de saúde, além de não conseguir emprego que ganhe o suficiente para sustentar seu filho.

Articula-se a essa justificativa a saída que encontrou para fugir do pai, pela imigração. Fala-nos muito rapidamente que sua saída de casa significou uma total ruptura em sua família de origem, pois o pai saiu de casa logo após a sua fuga, restando a mãe com seus sete irmãos em casa sem saberem o que fazer e para onde ir.

Uma das principais dificuldades que Angélica teve que enfrentar no primeiro tempo de sua imigração foi com relação a sua situação clandestina¹² no Brasil. Fala: *“Vim clandestinamente para o Brasil, em todos os sentidos: não tinha os documentos legais para entrar no território brasileiro, e não pude pedir autorização ao meu pai ou*

¹² O termo é indocumentada, mas Angélica se nomeia como clandestina no Brasil. É um termo que aparece em seu discurso.

avisá-lo antes sobre a minha vinda para cá, pois se eu depender dele, passarei o resto da minha vida tentando fazer ele feliz.”

Trabalhou inicialmente numa oficina de patrícios. Era duro, seu filho era pequeno. Cuidava dele ao mesmo tempo em que trabalhava muitas horas por dia. Ficou frustrada com o que encontrou nesse trabalho e pediu para sair, mas o patrão não lhe pagou o que era devido e, por ser indocumentada, ele ameaçou entregá-la à polícia. Essa chantagem fez com que ela continuasse trabalhando nesse lugar por um tempo, quando então pediu ao patrão dinheiro para voltar para a Bolívia. Ele deu cinquenta reais lhe assegurando que seria o suficiente. Conta que não era bem isso o que queria, o que a fez saltar de dentro do ônibus assim que este saiu da rodoviária. Passava da meia noite, quando isso aconteceu. Andou pela cidade de São Paulo a madrugada inteira até chegar ao Brás ao amanhecer. Parou num lugar que oferecia vaga de costureira.

Para continuar no Brasil, Angélica aceitou trabalhar nessa oficina. Logo depois ficou muito doente, necessitando passar vários dias no hospital, onde foi cuidada pelo seu próprio filho. Conta: *“Precisei lutar muito para não voltar atrás, pois cada dia era muito difícil me sustentar aqui no Brasil; se não fosse meu filho, muita coisa não teria sido possível”*.

Para resolver sua dificuldade em se comunicar com os brasileiros, pois só conseguia falar em espanhol, colocou seu filho na escola, pois este aprenderia melhor a língua estrangeira e assim poderia falar por ela, intermediando todas as suas relações.

Na oficina em que trabalhava conheceu o boliviano Dário, namorou-o e logo se casaram, pois precisava de um pai para seu filho. Muito rapidamente engravidou de gêmeas. Através dessas duas filhas conquistou legalidade para si e toda a família. Nas relações familiares sua atenção voltava-se integralmente para o cuidado com os filhos, ao passo que Dário a convocava para responder do lugar de mulher. Isso que foi tornando sua relação muito complicada, calcada no que diz respeito aos filhos. Dário a

trai com outra mulher, e Angélica pensa em voltar para a Bolívia para morar com a mãe. No entanto, engravida novamente¹³.

É interessante pensar que repetidamente Angélica faz escolhas, pelo viés do filho. “*Preciso de um marido, porque meu filho precisa de um pai*”. Há dois significantes que se articulam nas saídas subjetivas que Angélica constrói a cada impasse que enfrenta. Um é **clandestino**, outro é **filho**. Através do filho, sustenta-se e resolve seus impasses e mal-estares no país estrangeiro, lugar clandestino em relação ao olhar do pai, onde assume também uma posição clandestina frente à lei do país estrangeiro.

3. 2 TRANSFORMAÇÕES E DESLOCAMENTOS NO MITO FAMILIAR DECORRENTES DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO

Escutar a relação que cada uma das mulheres bolivianas estabeleceu com a imigração para o Brasil mostrou-nos que o contato com os novos referentes simbólicos da terra estrangeira evidencia para elas as referências simbólicas que marcaram sua história pessoal e familiar.

Contam que há um primeiro momento em que vivem uma sensação de fragmentação das referências simbólicas. Isadora nos fala de um total estranhamento:

“Levei um choque quando cheguei ao Brasil pela forma que as pessoas falavam o português, o jeito de falar era outro, o tom de voz e entonação era muito diferente do que era acostuada, ouvia um português totalmente diferente do que havia estudado na Bolívia. Isso foi muito ruim, porque havia me preparado muito para isso: estudei e treinei a falar em português por muito tempo, e mesmo assim não consegui dar conta, perdi a voz e só quem falava por mim nas primeiras semanas era meu pai”.

Para Luana, seu movimento inicial diante da fragmentação vivida consistiu em estabelecer uma relação absoluta no trabalho com a máquina de costura. Conta-nos que assim que chegou à confecção para trabalhar, as meninas pareciam muito

¹³ No dia da entrevista, Angélica havia acabado de descobrir que estava grávida.

estranhas, brigando muito entre si, ao que ela expressa: “*Não estava acostumada com esse jeito*”.

A fragmentação, a que elas se referem, diz das referências simbólicas de existência e dos sentimentos, do que até certo momento regulava a relação de cada uma com as pessoas. Pode-se relacionar esse tempo vivido por elas ao instante de ver (Lacan, 1945), momento em que perdem os referenciais que ordenavam sua realidade e tendem a um isolamento, no qual procuram viver e estabelecer relações com seus patrícios na terra estrangeira. Isadora conseguia apenas falar com o pai. Luana estabelecia relacionamento apenas com seus irmãos. Maria só sai de casa para ir à igreja, freqüentada apenas por outros imigrantes bolivianos. Maíra não nos fala desse momento, e Angélica torna sua relação com o filho a única relação estabelecida, fazendo seu filho falar por ela, quando desejava dizer algo aos brasileiros. Lembro-me de uma boliviana do grupo *Tecendo e fazendo*, no CAMI, que diz que nesse momento da sua imigração, a forma que conseguiu se resolver diante do estranhamento das pessoas foi virando “amigüeira” das bolivianas que já moravam no Brasil, fazia muitas amizades apenas com as bolivianas.

O *instante de ver* é definido por Costa (1998) como o tempo em que o sujeito é capturado por uma imagem no instante de ver. O instante é o brilho, é a fascinação, o instante fotográfico em que algo se realiza para o sujeito na imagem. O sujeito busca encontrar nessa imagem uma unidade representativa. Isadora nos fala que era no *instante de ver* como os brasileiros se portavam uns diante dos outros, como falavam, como se olhavam, que tentava descobrir uma forma de se apresentar e pertencer na sociedade brasileira. No entanto, Isadora fala: “*Enquanto queria ser igual a todos não conseguia ser ninguém, só sentia cada vez mais vergonha e vontade de me esconder*”. Isadora nos chama atenção para o que acontece com o sujeito frente a essa imagem que fascina, Costa (1998) fala que há um descompasso de tempo, onde o sujeito fica “atrasado” em relação à imagem que recebe. O problema da imagem é que não cumpre com o que ela promete, pois carrega junto o engano da aparência e o fracasso da plenitude. A imagem traz um paradoxo em que ela é e ao mesmo não é o que satisfaz a carência humana. Ela é, porque nada é tão efetivo como ligação do desejo humano quanto uma imagem. Mas ela não é, porque traz junto a lembrança da falta de objeto.

O *Instante*, além de ser associado a idéia de fascínio, é também associado à sua efemeridade, ou seja, traz em si o prenúncio de sua passagem, de sua não permanência, e nesse sentido ele serve como uma medida de tempo. Nesse tempo de passagem causa um deslocamento subjetivo para o sujeito.

Na passagem para o segundo tempo lógico, há um movimento subjetivo importante em que é demarcado pelas construções onde o sujeito pode dizer “eu sei”. Ocorre uma busca por marcas simbólicas representativas, presentes no Brasil, que possam articular um lugar simbólico que as identifiquem nessa sociedade estrangeira. Uma das versões desse movimento, que apareceu em cada uma delas, é o desejo de falar a língua do país estrangeiro. Há um desejo de falar o português, e mais do que isso, falar essa língua igual aos brasileiros. Identificam que falar o idioma falado pelos brasileiros é um elemento simbólico importante e que possibilita um lugar na rede simbólica de comunicação entre aqueles que habitam a nova terra. Relatam que falar o português é poder serem reconhecidas como cidadãs dessa sociedade que as acolhe.

Esse movimento, de que falamos acima, configura o início do segundo tempo subjetivo em que elas vivem a imigração, o tempo de compreender.

O *tempo de compreender*, segundo Costa (1998), funciona como um tempo de organização do lugar do “eu”. O sujeito que vive esse tempo é atravessado pela dúvida sobre o que é próprio – o individual – e o que é do outro – o coletivo. Sobre esse tempo a autora nos aponta:

A relação com o outro sempre engaja cada um de uma forma peculiar a ponto de produzir a dúvida. Esta é o que propriamente vai compor o tempo de compreender. A dúvida entre o que é próprio e o que é do outro acompanha as relações seja de cumplicidade, seja de rivalidade, seja de culpabilidade, seja de responsabilização. Costuma-se ressaltar um aspecto patológico da dúvida; no entanto, queria mostrar sua outra face. Ou seja, a de poder funcionar como elemento mediador, separador. (Costa, 1998, p. 56)

Segundo Lacan (1945):

Primeiro, ressurgue o *tempo objetivo* da intuição inicial do movimento que, como que aspirado entre o instante de seu início e a pressa de seu fim, parecera estourar como uma bolha. Atingido pela dúvida que esfolia a certeza subjetiva do *momento de concluir*, eis que ele se condensa como um núcleo no intervalo da primeira *moção suspensa*, e manifesta ao sujeito seu limite no *tempo para compreender* que passou para os outros dois o *instante do olhar* e que é chegado o *momento de concluir*. (p. 209)

Observamos que no momento em que aconteceu o atendimento dessas mulheres, com exceção de Angélica e Maria, as outras estavam se localizando subjetivamente frente a imigração, de acordo com o segundo tempo lógico: *tempo de compreender*.

Angélica imigrou para o Brasil, mas suas relações com a terra estrangeira ocorreram repetidamente em torno da relação “mãe e filha” ou “pai e filho”. Casou-se no Brasil, pois precisava de um pai para seu filho. Colocou-o na escola de português, pois assim falaria por ela com os brasileiros. Essa relação simbólica “pais e filhos” é uma marca significativa de sua relação na família de origem. Fala de um apego muito forte que seu pai sempre teve por ela. Quando veio para o Brasil, o pai abandona a mãe de Angélica, dizendo que não agüentava a sua ausência. Veio fugida do pai, clandestina ao olhar dele, para que este não percebesse seu incômodo de ter que fazê-lo sempre feliz. A saída que encontrou para enfrentar o mal-estar gerado pela imigração se dá pela via da maternidade.

Já Maria deslocou-se para o Brasil em busca de um lugar de liberdade, que permitisse vestir-se ao próprio modo. No entanto, diante do seu próprio estranhamento das roupas extravagantes das mulheres brasileiras angustiou-se ao pensar na fala da mãe que dizia a ela o quanto era exibida quando colocava roupas mais femininas e pedia para usar brincos e pinturas. Reitera a posição defensiva da suposta exibição concomitantemente a sua identificação com as bolivianas.

O tempo de compreender é um tempo que percebemos em algumas dessas mulheres em sua busca por novas referências simbólicas, oferecidas pela sociedade

brasileira, referências essas que puderam inclusive ser parte da saída subjetiva que cada uma encontrou para enfrentar os impasses decorrentes da imigração.

Isadora viu como saída e meio de se inserir nesta cultura pelo estudo e pelo trabalho. No Brasil, seu maior desejo era trabalhar. O não ter visto de permanência foi um impedimento em que esbarrou para alcançar seu sonho. Como solução pensou que uma das formas de conseguir um emprego, mesmo sendo estrangeira, seria conseguir um espaço em alguma universidade para iniciar sua pós-graduação, para que a partir daí as pessoas pudessem lhe conhecer e lhe confiar algum trabalho.

Para Luana, o maior mal-estar vivido na imigração relacionou-se à distância da mãe. Precisou buscar recursos psíquicos para enfrentar essa angústia de não ter a mãe por perto. Inicialmente, a dor foi insuportável, levando ao extremo que se deu com o seu retorno à Bolívia, à casa dos pais. No retorno ao Brasil, podemos dizer que subjetivamente viveu o tempo de compreender, ao qual estamos nos referindo. A questão nesse tempo, que movimentava suas ações com as pessoas aqui no Brasil, era buscar referências que mostrassem outras formas de existir no mundo, que não fosse a de menina mimada da mãe. Procurou fazer amizades no seu novo ambiente de trabalho e falar português, algo que Luana apenas se autorizou nesse segundo momento. Descobriu, na convivência com essas meninas, novas referências simbólicas como: mulheres podem trabalhar e fazer faculdade, dançar, namorar e comprar roupas com outras mulheres. Levando-a perceber o que ela nos fala: *“Aos poucos comecei a sair e fui me dando conta o quanto gostava de sair para dançar, o quanto gostava de comprar roupas muito bonitas e me vestir igual às outras mulheres que conheci no Brasil”*.

Maíra encontrou na nova terra um lugar onde pôde desenvolver o seu próprio negócio. As relações que estabeleceu na terra estrangeira, como casamento, maternidade e trabalho, foram fontes de seu mal-estar. Diante desse mal estar sentia-se insuficiente e não conseguia buscar saídas. A única saída possível foi chamar sua mãe para trabalhar no negócio dela, um meio pelo qual Maíra sentiu que sua mãe poderia se aproximar dela, que não fosse pela dor.

Ao escutar o percurso da imigração nas mulheres bolivianas e seu processo de inserção na cultura do país estrangeiro, remeteu-nos ao estudo da questão trazida por Freud e Lacan sobre o Édipo como o responsável pela articulação do sujeito na cultura.

O tema do Complexo de Édipo, ao longo do ensino de Lacan, passou por desdobramentos importantes. É trazido, primeiramente, no seminário 4 (1957) “Relações de Objeto” e no seminário 5 (1958) “As formações do Inconsciente”, e vai até o seminário 17 (1969 - 1970), “O avesso da psicanálise”.

Ao longo desse trabalho nos baseamos apenas no que Lacan relaciona o complexo de Édipo com a questão da criação dos Mitos.

Traz o mito como uma narrativa, uma construção simbólica que organiza as ações, as sensações e as relações humanas, desde os primórdios da infância, quando aparece na formas das teorias sexuais infantis. Sobre essas teorias, Freud em 1907 “O esclarecimento sexual das crianças”, já nos falou, quando ele aponta que tomar conhecimento das teorias sexuais que as crianças constroem, ajuda na elucidação dos mitos e contos de fada, além de ser indispensável na compreensão das neuroses e da posição que cada pessoa assume na família e na sociedade.

No seminário 4, Lacan (1957), apresentou o Mito como uma tentativa de articular a solução de um problema. Ou seja, diante dos impasses e o mal – estar enfrentados em algumas situações, cada pessoa cria explicações que terão que buscar uma articulação simbólica.

Há um aspecto importante a ser dito sobre o mito. Baseando nos casos das mulheres bolivianas imigrantes, que apresentamos acima, permite-nos considerar que o mito não é exatamente uma narrativa fechada. Trata-se de uma construção ficcional, inventada por cada pessoa, com os referenciais simbólicos da família e da cultura de origem, e que diante novos impasses enfrentados nos diferentes tempos da vida, como por exemplo, a vivência dessas mulheres como estrangeiras no Brasil, traz a possibilidade de reinventar (reconfigurar) a construção ficcional que tem de si mesmo. Na imigração, cria-se uma expectativa que as novas experiências vividas diante novos elementos simbólicos no país estrangeiro, possibilite ao imigrante uma ressignificação das antigas saídas subjetivas que compunha o seu mito.

Esse estudo nos deixou como questão se o deslocamento territorial e cultural permite uma reedição do Édipo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendam bem que é porque o leão não sabe contar até três que as leoas não experimentam, entre elas, o menor sentimento de ciúme, ao menos aparentemente. Deixo isso à meditação de vocês. Em outras palavras, jamais devemos negligenciar a introdução do significante para compreender o surgimento do que está em questão a cada vez que nos encontramos diante daquilo que é nosso objeto principal na análise, a saber, a realidade do conflito inter-humano.

Jacques-Marie-Émile Lacan ¹⁴

Este momento do trabalho traz o tempo de concluir, olhar para trás e tecer algumas considerações sobre o caminho percorrido. Este caminho não para aqui; os deslocamentos pelos quais o trabalho percorreu abre espaços para outras versões sobre o tema da mulher imigrante.

A articulação entre política e desejo proposta ao longo de todo o trabalho visou permitir olhar o fenômeno da imigração sob outro ângulo: retirar os imigrantes bolivianos, assim como outros imigrantes, do lugar de vítimas do fracasso econômico, social, político e cultural da sociedade tanto do país de origem quanto do país que os acolheram e tomá-los como sujeitos de um desejo em que possam se implicar diante dessa realidade vivida. Consideramos que a imigração faz parte da história de cada um e não só da história da humanidade e que cada um deles é marcado pela História, mas também pode produzir marcas no campo sócio-político.

As considerações iniciais desse trabalho partiram dos apontamentos de duas autoras, que já haviam trabalhado sobre a questão do estrangeiro e do imigrante, em suas teses de doutoramento. Taeco Toma Carignato com seus apontamentos sobre o

¹⁴ Lacan, Jacques – Seminário 4, op. Cit., p. 244.

lugar do sujeito migrante nas migrações contemporâneas¹⁵, e Caterina Koltai com sua abordagem do estrangeiro como uma figura que se situa na fronteira do singular subjetivo, com o social. Além dessas duas autoras, as produções realizadas pelos pesquisadores do grupo *Migração e Cultura*, sobre o tema do estrangeiro e da imigração foram fundamentais neste trabalho –em especial os apontamentos que Miriam Debieux Rosa e Sandra Letícia Berta fazem no texto *Metáforas do deslocamento, imigrantes e refugiados e a condição errante do desejo*, composto também por Carignato onde falam da imigração como uma metáfora, estabelecendo uma relação desse deslocamento com as leis que regem o inconsciente.

Portanto, a tensão que percorreu todo esse trabalho entre o histórico e o singular é uma linha de pensamento que já foi iniciada antes do meu trabalho. Ter contado com as contribuições das autoras permitiu-me considerar o trabalho com as imigrantes uma questão fundamentalmente humana, o encontro do sujeito com a cultura e as articulações que cada um faz na vida a partir desse encontro. Encontro que tem uma dimensão traumática, como discutimos no terceiro capítulo, quando Lacan nos fala que o trauma advém da inscrição de cada sujeito na rede de linguagem.

Considerar cada sujeito como marcado e constituído pela linguagem é dizer que a subjetividade e a história pessoal estão marcadas pelo campo simbólico cultural, e que a ficção que todo ser humano tece de si mesmo é construída a partir das referências simbólicas que cada família foi capaz de transmitir da cultura do país de origem. Ao trabalhar no CAMI, nossa aposta caminhou nessa direção, orientada pelas perguntas da introdução desse trabalho –*De onde venho e para onde vou?*– e pela escuta psicanalítica de um migrante. Gostaria de comentar aqui um aspecto que não foi trabalhado no corpo desse trabalho, mas que diz respeito a essa aposta que também guiou as intervenções na instituição e a escuta com os imigrantes bolivianos. Na etapa do trabalho em que fizemos o levantamento da demanda no CAMI, houve uma preocupação da equipe da instituição de que as psicólogas que fossem trabalhar com os bolivianos soubessem falar espanhol, pois só conseguiríamos compreender os seus conflitos se soubéssemos falar sua língua. Nossa aposta, minha e de Helena

¹⁵ Carignato (2004) alega que o sujeito nas migrações contemporâneas sofre uma perda de um lugar, ocupam um não-lugar nas imigrações contemporâneas, na medida em que não integra os lugares antigos e de memória.

Maria Cursino M. Hirye, foi falar português. Para além do idioma, existiam ali sujeitos de uma história e de desejos, que pediam um espaço para falar do mal-estar que os atravessam na imigração, para falar de seus sonhos, das vontades, e de toda uma série de conflitos que os acompanham nas relações familiares e consigo mesmo, anterior e posteriormente à imigração. Escutar um sujeito imigrante é considerar as diferenças étnicas e de idioma como questões que atravessam esse sujeito. Não são elas que dizem da verdade do sujeito imigrante, mas são eles quem tem algo a dizer das marcas que sua etnia e sua língua materna imprimiram em sua subjetividade e história pessoal e familiar.

Essa aposta vai em direção diferente da que alguns próprios bolivianos, alguns estudos das ciências sociais e a perspectiva capitalista da sociedade apontam, pois não é do lugar de sujeito que os consideram. Nossa aposta na importância da subjetividade do imigrante mostra que a imigração não é apenas uma questão política, um fenômeno a ser medido por dados estatísticos, o resultado do fracasso social de uma determinada sociedade, mas é uma escolha que cada imigrante pode fazer ou não diante de sua realidade política, social e econômica. Essa é uma visão que articula psicanálise e a política.

Os estudos de Sidney Silva (1997) sobre o percurso migratório dos bolivianos até o Brasil revelaram que as diferenças no modo de agir e se relacionar existente entre os bolivianos oriundos da região de Santa Cruz na Bolívia e os que nasceram e cresceram na região dos vales e dos altiplanos são acentuadas quando chegam no Brasil. Aqueles que não são da metrópole já haviam migrado ou para Santa Cruz ou para Cochabamba, tendo vivido como estrangeiros dentro do seu próprio país. A questão é que muitos bolivianos escondem sua procedência dizendo que são naturais de alguma cidade grande, pois ao se identificarem com os metropolitanos escondem sua identidade indígena, que é fortemente carregada de preconceitos, tanto na Bolívia quanto no Brasil.

Essa questão aparece na vivência dos bolivianos ao circularem pelos espaços urbanos da cidade de São Paulo. Percebem e expressam, indignados, que apenas os imigrantes europeus e norte-americanos são valorizados no mercado de trabalho e no reconhecimento social diante da sociedade brasileira. Denunciam o quanto ficam sem

lugar e não são integrados na sociedade, fazendo parte da parcela de imigrantes cuja imigração é o efeito da globalização, reforçando lugares de exclusão e segregação, em que há de um lado a classe dominante e do outro a classe dominada (explorada). Na sociedade capitalista, que valoriza o acúmulo de capital e o tempo otimizado na produção de mercadorias, o lugar do imigrante é um lugar que o reduz à posição de “coisa” (objeto) para que haja o bom funcionamento social, político e econômico da sociedade, o que retira o imigrante da condição desejante na subjetividade (Rosa, 2004).

Essa tensão da articulação entre sujeito e cultura tem implicações na História e no discurso social sobre a subjetividade do imigrante e sofre desdobramentos importantes ao longo de todo o trabalho.

O trabalho realizado no Centro de Apoio ao Imigrante, assim como a escuta da vivência subjetiva das mulheres bolivianas na imigração para o Brasil, mostrou-nos que cada mulher imigrante encontra uma saída subjetiva singular diante dos impasses vividos na imigração. Elas nos trouxeram versões diversas em relação à imigração para o Brasil.

Consideramos que as intervenções clínico-políticas realizadas no CAMI nos indicou a importância do lugar que o pesquisador assume, quando vai até uma instituição para fazer a sua pesquisa. A própria equipe dessa instituição nos pediu que a abertura da instituição só se desse se não fôssemos como “pesquisadores que sugam informações e vão embora”, pediu-nos uma contribuição para a realidade social e emocional dos imigrantes. O trabalho que desenvolvemos de construir propostas de intervenção a partir da demanda dos usuários e da equipe da instituição permitiu perceber que tomar a intervenção clínico-política como o próprio ato de pesquisar é uma posição importante em termos de método em psicanálise.

A vivência dessas imigrantes traz os dois lados da mesma viagem, como um jogo de perdas e ganhos, e nesse processo é importante reconhecer que o deslocamento constitui uma parte de toda uma construção de cada sujeito na relação com sua história. A imigração traz o contexto da História, nos seus aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, mas traz também as referências simbólicas

que marcaram sua história familiar e individual, cada uma que imigra tece numa colcha de retalhos que a antecede e vai alhures dela.

Essa tensão da articulação do sujeito humano na cultura sofre desdobramentos teóricos importantes ao longo de todo o trabalho, conforme comentarei a seguir:

- **Família: como lugar de tensão entre a história e a singularidade**

Cada mulher boliviana nos mostrou que, ao migrar, vem em nome de um projeto de vida que pode se configurar como um projeto individual e também familiar. Considerar uma imigração como projeto familiar, indica que a família assume posições diferentes na imigração de cada pessoa que, por sua vez, ao imigrar, responde a um movimento desejante próprio, mas também responde a uma estrutura familiar que lhe sustenta e lhe antecede.

Essa afirmativa nos levou relacionar a família sob dois aspectos na imigração:

- a família toda imigra: todos os membros da família imigram em conjunto para o país estrangeiro;
- a família como aporte simbólico, responsável pela transmissão dos significantes da cultura boliviana, que marca o lugar desejante de cada imigrante nos laços sociais. Na imigração esse lugar poderá ser reinventado ou mantido no país estrangeiro.

Essa discussão do lugar da família na imigração de cada imigrante traz um desdobramento teórico importante de que estamos trabalhando desde o início sobre a articulação que cada sujeito faz na cultura. A partir do que escutamos das mulheres, ficou claro que o mito ou ficção de si mesmo é uma narrativa simbólica de cada uma, que ordena a forma como articulam uma saída subjetiva de enfrentamento dos problemas em terra estrangeira. Entre as diferentes saídas que elas nos apresentaram, as referências simbólicas que possuem da figura da mãe, da figura do pai, de sua posição na família, dos costumes culturais bolivianos, das tradições, entre outras,

presentes na cultura de origem, são elementos fundamentais que marcam um lugar simbólico de reconhecimento social e que vão ser questionados pelas novas referências simbólicas e culturais presentes nos costumes e nas relações sociais do país estrangeiro.

Podemos pensar que existe uma tensão constante entre o geral e o particular, na vida do ser humano. Quando este nasce, o Outro materno o inscreve na rede de linguagem e lhe apresenta o mundo de acordo com a construção simbólica que tem dele. O pequeno sujeito terá que passar por um processo de subjetivação da linguagem. A passagem pelo Édipo é determinante nessa articulação, funciona como um ordenador da articulação do sujeito na cultura, ao mesmo tempo em que particulariza a forma pela qual este vai subjetivar as referências que a família lhe apresenta.

O querer de cada mulher que escolhe imigrar para o Brasil é balizado pelo desejo singular que toma como referência a própria família e o grupo social e cultural no qual está inserida. No entanto, ao chegar numa terra estrangeira, passará por um processo em que terá que refazer algumas costuras de sua colcha. As novas amarras, novas referências de pertença social e cultural e de reconhecimento do outro, oferecem uma oportunidade e também uma expectativa de que a imigração possibilite uma reedição da sua história.

No entanto, o deslocamento de território não é o suficiente para proporcionar um deslocamento subjetivo das mulheres frente ao desejo. É preciso que os novos referenciais simbólicos com que cada uma entrará em contato no território estrangeiro façam questionar as referências simbólicas transmitidas pelo mito familiar e também a própria ficção individual; reordenando esses elementos de forma a se apropriar de traços herdados pela família, transgredindo algumas marcas e ditos instaurados nas relações com os pais e com a sociedade, tomando para si e fazendo próprio, no sentido de reconhecer que essas marcas não são pertencentes apenas aos pais e ao país de origem, mas que já são marcas próprias e que, assim, há espaço para fundar um novo lugar que não seja cristalizado.

Caso ocorra uma reedição da ficção de si mesmo, haverá por parte da imigrante uma nova forma de se relacionar e posicionar com os membros de sua família, o que

implica uma reconfiguração dos vínculos familiares e uma reedição dos lugares de cada membro da família. Está aí mais uma forma de a família estar referida à imigração.

O tempo subjetivo em que cada uma viverá sua imigração para se situar frente aos novos referenciais simbólicos da sociedade estrangeira será determinante na possibilidade de conseguirem ou não o deslocamento subjetivo esperado. Constatou-se que esse tempo também é determinante na saída subjetiva que cada uma apresentou frente aos impasses na imigração.

- **Legalidade e desejo**

Outro ponto importante que remeteu à articulação política e desejo foi em relação ao impasse da legalidade que as bolivianas vivem no Brasil. Podemos considerar que a exigência pela legalidade no país estrangeiro é uma questão que articula política e o desejo humano. A conquista de legalidade no país estrangeiro traz um duplo sentido: por um lado, aqueles que estão ilegais no país são convocados a se legalizarem. Buscam saídas, pelas quais chegam a isso, pois há um desejo de permanecer no país. A forma como cada uma vai se posicionar perante a essa lei jurídica revela como elas se relacionam com a lei, psiquicamente. Essa relação é determinante na forma como cada uma vai inscrever um lugar social e subjetivo para solucionar o impasse da ilegalidade documental. A solução depende da posição desejante de cada uma na vida, determinando se escolhe ter filhos no Brasil ou se casa com um brasileiro, duas opções que são oferecidas pela lei jurídica que rege a situação dos estrangeiros no Brasil.

- **Momento de concluir**

Ter a tarefa de concluir um trabalho que girou em torno da mulher e da imigração é colocar um ponto final, mas com o cuidado de não fechar para novas questões e novos estudos.

O trabalho de escuta com as mulheres bolivianas e todo o processo de intervenção no CAMI possibilitou-me, enquanto pesquisadora, uma imersão nas

questões trazidas por elas não apenas em relação às dificuldades enfrentadas na imigração, mas também aos seus questionamentos, enquanto mulheres, naquilo que lhes causa desejo, e pergunta que não se calou foi: “*O que fez com que cada uma tenha escolhido imigrar, buscar novos lugares e referências simbólicas de pertença no país estrangeiro*”. Em algum momento identifiquei-me muito com suas questões e foi necessário um deslocamento para um olhar estrangeiro, para que enfim pudesse escutá-las e transformar as questões na escrita dessa pesquisa.

O percurso deste trabalho foi permeado por vários impasses e questionamentos, o que me leva a não querer fazer um fechamento neste momento, mas como é necessária alguma amarração final, deixo a seguir algumas das questões que me atravessaram, como sugestões para futuros estudos.

i) O deslocamento que ocorre em relação às referências simbólicas, quando se vai viver em outro país, não acontece somente em relação aos vínculos familiares e ao reconhecimento social, pois pode acontecer também em relação às marcas simbólicas que dizem do feminino. A escuta de Luana nos apontou para essa direção, quando ela diz que sua referência de ser mulher estava sendo questionada a partir da convivência com moças brasileiras. O tema da feminilidade ligada à imigração é uma relação importante que merece ser estudada e aprofundada por outras pesquisas.

ii) Outro ponto que passamos rapidamente nesse trabalho concerne ao confronto dos bolivianos com uma lei do estrangeiro, no Brasil, que está caduca. Esse confronto traz à tona a relação de cada um deles com a lei, que no país de origem passava despercebido. Essa questão da lei provoca uma repercussão superegoica para cada um. O que nos deixa com a seguinte questão: *Se já está na ilegalidade, quais são as repercussões para o sujeito na relação com sua lei interna?*

Para terminarmos, acredito que a articulação entre política e desejo discutida em todo este trabalho confirma a hipótese de Freud com relação a não-divisão entre

Psicologia Social e Psicologia Individual. Cada ser humano não escapa às marcas históricas de sua época. Quando escutamos uma solução subjetiva de um sujeito, seja ele homem ou mulher, esta vem carregada das referências simbólicas de cada época histórica. Igualmente, quando olhamos para um fenômeno social como a imigração, não podemos excluir o sujeito implicado subjetivamente neste. Existe uma relação contínua entre a formação social e o trabalho do inconsciente, o que nos permite interrogar o social do ponto de vista da psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSEGIO, L. (2006) Las migraciones y los derechos humanos em Brasil. In: **Informe interamericano de migraciones del observatorio control interamericano de los derechos de los y las migrantes** – OCIM .Santiago, Chile. Enero 2006

BASSEGIO, L ; FREIRE R.(2005) Nadie es ilegal en donde quiere que viva. In: **Rede Social de Justiça e Direitos Humanos**. Disponível em: <http://www.social.org.br/relatorio2005/relatorio017.htm> Acessado em: novembro:.

CARIGNATO, T.T; BERTA, S. L; ROSA. (2007) Metáforas do deslocamento: migrantes, imigrantes e refugiados e a condição errante do desejo. In: Ana Costa e Doris Rinaldi. (Org.). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, v 1.

CALVINO, I. (1990). **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras.

COLCHA DE RETALHOS. Direção: Jocelyn Moorhouse, J Roteiro::Jane Anderson. Intérpretes: Winona Ryder, Anne Bancroft, Maya Angelou, Ellen Burstyn, Kate Nelligan, Jean Simmons, Alfre Woodard, Adam Baldwin, Johnathon Schaech, Jane Alden. [Universal Home Video] 1 DVD. (116 minutos).

COSTA, A. M. M. (1998) **A ficção de si mesmo**: interpretação e ato em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

ELIA, L. (2000) Psicanálise: clínica e pesquisa In: Alberti, S e Elia, L (org) **Clínica e pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, p.19 - 36;

ESCOLBARI, D. (2008) **Quem da pátria sai a si mesmo escapa? Um estudo psicanalítico sobre um caso de imigração**. Dissertação (Mestrado). PUC-SP.

FABBRINI, R. (2002). **Fiar e destecer: os processos femininos de criação da comunicação**. Tese (Doutorado). PUCSP.

FARIA, M. R. (2003) **A constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo de Freud a Lacan**. Taubaté: Cabral Editora Universitária.

FREUD, S. (1996) **Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud** (ESB). Rio de Janeiro: Imago.

- _____ (1939). **Moisés e o Monoteísmo**. ESB, op. cit., v. XXIII
- _____ (1933). **Feminilidade**. ESB, op. cit., v. XXII passim.
- _____ (1931). **Sexualidade feminina**. ESB, op. cit., v. XXI.
- _____ (1930). **Mal-estar na civilização** ESB, op. cit., v. XXI.
- _____ (1927). **O futuro de uma ilusão**, ESB, op. cit v. XXI passim.
- _____ (1924). **A dissolução do complexo de Édipo** ESB, op. cit., v. XIX passim.
- _____ (1923). **A organização genital infantil: uma interpolação da teoria da sexualidade infantil**. ESB, op. cit., v XIX passim.
- _____ (1921). **Psicologia de grupo e análise do ego** ESB, op. cit., v. XVIII. .
- _____ (1920). **Além do princípio do prazer**. ESB, op. cit., v. XVIII.
- _____ (1919). **O estranho**. ESB, op. cit., v. XVII.
- _____ (1913). **Totem e tabu**. ESB, op. cit., v. XIII.
- _____ (1909). **Romances familiares**. ESB, op. cit., v.IX
- _____ (1907). **Escritores Criativos e Devaneio**. ESB, op. cit., v. IX.

_____ (1907). **O esclarecimento sexual das crianças**. ESB, op. cit., v. IX.

_____ (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. ESB, op. cit., v. VII.

_____ (1900) **A interpretação dos sonhos**. ESB, op. cit., v. V.

FUKS, B. B. (2000) **Freud e a Judeidade – A vocação no exílio**. Rio de Janeiro, Zahar passim.

GOLDENBERG, R. (2006) **Política e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

GRUNBERG, S. I. (2002) A mãe estrangeira. In: Carignato, T.T., Rosa, M.D. Pacheco, R. A (org.), **Psicanálise, Cultura e Migração**, YM, São Paulo, passim.

JULIEN, P. (2000). **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

KOLTAI, C. (2000). **Política e psicanálise: o estrangeiro**. São Paulo: **Escuta**.

_____ (2002) Curso e percurso do estrangeiro. In: Carignato, T.T., Rosa, M.D. Pacheco, R. A (org.) **Psicanálise, Cultura e Migração**. São Paulo: YM.

_____ (2004) O ressentimento entre intensão e extensão. In: **Textura**. Número 4, p. 10-12.. Publicações de Reuniões Psicanalíticas. São Paulo: YM.

LACAN, J. (1969). **Duas notas sobre a criança** (Ana Lydia Santiago trad.). Opção lacaniana n. 21. Abril 1998, pp. 5-6.

_____ (1956-1957). **O seminário, Livro 4: a relação de objeto**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995 (Campo Freudiano do Brasil).

_____ (1957-1958) **O seminário, Livro 5: as formações do inconsciente**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999 (Campo Freudiano do Brasil).

_____. (1945). **O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada**. In: Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998 (Campo Freudiano do Brasil).

_____. (1952,1954,1956). **O mito individual do neurótico, ou, poesia e verdade na neurose**. Trad.: Cláudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorde Zahar, 2008 (Campo Freudiano no Brasil).

LAZO, A. R. **El mundo es ancho y ajeno: de los Andes a São Paulo**. Braudel Papers. Edición Extraserie. 2001. Nº 28. Disponível em: <http://www.braudel.org.br/paperespa1.htm>. Acesso em: 30/07/2006.

MÁRAI, S. (2008). **DE VERDADE**. TRAD.: PAULO SCHILLER. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS.

MAURANO, D. (2006). **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MILESI, R. E MARINUCCI, R. (2003). **O fenômeno imigratório no Brasil**. Instituto Migrações e Direitos Humanos e Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios Brasília – DF passim

NASIO, J. D. (2007a). **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____ (2007b). **A fantasia: o prazer de ler Lacan**. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

POMMIER, G. (1987) **A exceção feminina: os impasses do gozo**. Trad.: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1992). **A ordem sexual: perversão, desejo e gozo**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PAIXÃO, R. O. (2005). **Globalização, turismo de fronteira, identidade e planejamento da região internacional de Corumbá/MS**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

POLI, M. C. (2005). **Clínica da exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PONTALIS, J. B. (1990) **A força da atração**. Rio de Janeiro, Zahar.

RODULFO, M. P. (1986) **Pagar de más**. Buenos Aires: Ed Nueva Visión.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1965.

ROLLI, C. (2007) **Grupo fiscalizará trabalho de imigrante**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 dez 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1712200713.htm>>. Acessado em: janeiro de 2008

ROSA, M. D. (2004). Escutando vidas secas. In: **Adolescência um problema de fronteiras**. Porto Alegre, p. 1-236.

_____ (2000) **Histórias que não se contam – o não-dito e a psicanálise com crianças e adolescentes**. Taubaté, Cabral Editora Universitária.

ROSA, M. D.; BERTA, S. L.; CARIGNATO, T. ; ALENCAR, S. **A condição errante do desejo e seus impasses: os imigrantes, refugiados e desterrados e a clínica do traumático**. (2008). (em fase de elaboração).

SANT'ANA M.R. Livre circulação de trabalhadores no MERCOSUL? In: Castro MG, organizador. **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento; 2001.

SAYAD, A. (1998) **A imigração ou os Paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp.

SERVIÇO PASTORAL DOS IMIGRANTES (1988). **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio**. Petrópolis. Ed. Vozes.

SEYFERTH, G. (1990) **Imigração e Cultura o Brasil**. Brasília, Ed. UnB.

SILVA, S. A. (1997) **Costurando sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo**. São Paulo, Edições Paulinas.

TELLES, L. F. (1980) **A disciplina do amor**. São Paulo. Círculo do livro. Ed. Integral.

VELAVERDE, J. F. (1970). **História de Bolívia**. La Paz. Passim

_____ (2000) **Historia de la cultura boliviana: fundamentos sócio políticos.**
Biblioteca digital Andina. Obra suministrada por la Universidad Mayor de San Andrés,
Bolívia.

UM SKINHEAD NO DIVÃ. Direção: Suzanne Osten. Roteiro: Niklas Rådström
Intérpretes: Etienne Glaser, Simon Norrthon, Anna-Yrsa Falenius. DVD. 83 min, 1983

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)